Luc VankrunkeIsven

SOJA:
TESOURO OU TESOURA?

L. F. EDITORA E IMPRESSOS LTDA / CEFURIA
2014

Título original: Voeding verknipt
Tradução autorizada do idioma neerlandês.
Edição publicada por Wervel, Bruxelas, 2014.
www.wervel.be/pt; www.mundo-b.org

Publicação:
L. F. Editora e Impressos Ltda.
Fone: (41) 3408-6101 – luizfyoung@yahoo.com.br
CEFURIA - www.cefuria.org.br

Projeto gráfico e diagramação:
Carlos Deitos – www.cdag.com.br

Preparação de originais e revisão:
Gustavo Scheffer

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Index Consultoria em Informação e Serviços Ltda.
Curitba – PR

Vankrunkelsven, Luc
V258 Soja : tesouro ou tesoura? / Luc Vankrunkelsven ; tradução Marianne Christina Scheffer.– Curitiba : L.F. Editora e Impressos, 2014.
266 p.

ISBN 978-85-66014-01-3

1. Soja – Aspectos ambientais. 2. Agroecologia. 3. Ética ambiental. 4. Desenvolvimento sustentável. I. Título.

CDD (20.ed.) 363.7
CDU (2.ed.) 504

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL
Tiragem: 1.000 exemplares

Publicado no ano de 2014,
"Ano Internacional da Agricultura Familiar".

Espera-se que seja um instrumento para fortalecer a *recampesinização* no Brasil, na Europa, em todo o mundo.

Sumário

Prefácio e agradecimentos 7

Introdução. Soja: tesouro ou tesoura? 9

1. **Europa exporta seus problemas** 16
2. **Instituto para a vida?** 23
3. **Saúde nas próprias mãos** 30
4. **Elefante branco?** 36

Agronomia: paradigmas em conflito. *Prof. Fábio Nolasco* 39

5. **Sistemas agroflestais e recuperação** 46
6. **A bicicleta toma a cidade** 50
7. **Frutos do Cerrado** 54
8. **Macambira-Anicuns: o parque urbano mais longo no mundo** 60
9. **Fundação Conscienciarte** 65
10. **Juçara, o açaí do Sul** 71
11. **As borboletas se foram! Seremos os próximos?** 75
12. **Rota da Agricultura Familiar** 79
13. **Biodiesel da soja** 85
14. **Cooperativismo em 2012** 93
15. **Frango *halal* para a Arábia Saudita** 100
16. **CO_2 do Brasil às vesperas da Rio+20** 103

Ética ambiental, Revolução Verde e agroecologia. *Prof. Eli de Jesus* 110

17. **Dias das Mães** 120
18. **Agora o Brasil vai importar soja?** 125
19. **Quem ainda acredita nessas pessoas?** 130

Sinais de esperança, a outra notícia. *Leen Laenens*.....134
20. **Herman Verbeek, o novo Marx do Extremo Norte?**.....142
21. **Uso indireto da terra**.....148
22. **A pegada ecológica do gato**.....155
23. **A Agricultura Familiar ainda pode ser salva?**.....162
24. **Cooperafloresta, uma lição para a União Europeia**.....171
25. **Índios no Rio? O lado sombrio de "verde"**.....176
26. **Jovens semeiam Terra Solidária**.....181
27. **Syngenta e Bayer em defesa das abelhas? Ou: Quando a esmola é demais... o santo desconfia**.....185
28. **Escolas Família Agrícola**.....194
29. **Fora babaçu! Bem-vinda a soja?**.....202
30. **O Evangelho do Eucalipto**.....211
31. **AEFAPI: Associação Regional das Escolas Família Agrícola do Piauí. Uma entrevista com o coordenador João Pinheiro Emílio Lemos**.....218
32. **Fuligem "do mal"**.....223
33. ***Land grabbing* ou roubo de terras**.....228
34. **Ciência a serviço da sociedade?**.....235
35. **"Rei Carro", o caçador de recursos naturais**.....240
36. **Química e obesidade?**.....247
37. **O círculo está completo: manteiga francesa no Rio**.....252
O cânhamo demonstra que há futuro para a agricultura no Norte e no Sul. *Patrick De Ceuster*.....257
Epílogo. Uma visão holística de uma realidade repicada. *Vera Dua*.....260
Colofão.....264
Wervel.....266

Prefácio e agradecimentos

Este é o quinto livro sobre a interdependência do modelo europeu de consumo e agrícola com as profundas mudanças do outro lado do oceano, mostradas como uma imagem no espelho. As monoculturas da soja, da cana-de-açúcar e de outras *commodities* para os mercados internacionais colocam – inclusive no Brasil – as relações sociais sob pressão, expulsam os povos indígenas, destroem ecossistemas. Além disso, esse rolo compressor se deslocou agora para a África, o paraíso emergente do agronegócio. A serviço da Europa e da Ásia. A serviço do capital financeiro internacional.

Os livros são sempre uma coletânea de crônicas que emergem durante as visitas de intercâmbio ao Brasil. Os textos foram primeiramente divulgados em *blogs*, *sites* e boletins eletrônicos. Mesmo assim, já pela quinta vez, a ONG Wervel é da opinião de que vale a pena também editar os textos reunidos, na forma de livro, tanto em holandês quanto em português.

Estas crônicas de fácil leitura têm suas qualidades, mas também suas limitações. Estamos bem conscientes disso. Cada texto é uma história completa, com um começo e um fim. A leitura pode ser feita aleatoriamente. Você lê o que lhe interessa. Se a leitura for cativante, todo o conteúdo do livro poderá ser lido. Cada leitor deve buscar o tom e suas nuances, a linha e a estrutura do livro. A introdução que se segue é uma ajuda para entender as sutilezas do livro. Não se engane: é um texto atípico; não é uma crônica, mas sim um texto de natureza filosófica.

A novidade neste trabalho é que dois brasileiros e dois flamengos dialogam com os textos. Obrigado por suas contribuições! Após a publicação do livro no Brasil, será dado início a um blog no *site* www.motiro.org/sustentabilidade, para que possam participar das discussões todos aqueles que desejarem. Na Bélgica (Flandres) e na Holanda será uma página no Facebook.

Só me resta agradecer a algumas entidades.

À Abadia de Averbode, que há muitos anos me dá a liberdade para dar continuidade a este trabalho de Wervel e este diálogo internacional.

A Wervel, que todo ano permite que eu parta para o Brasil, bem como o grupo de Bruxelas Hooikaai, onde eu posso morar.

A Cimic.be, que me fez imergir na "filosofia de encontro e diálogo" durante um curso sobre interculturalidade. Especialmente a Hannah Arendt, que cruzou o meu caminho, como você poderá perceber imediatamente na introdução.

Agradeço, por fim, ao grupo Amigos de Thomas Merton (www.thomasmerton.nl). Eles me ensinaram a ler os textos dessa figura inspiradora, relê-los e vivenciá-los.

Luc Vankrunkelsven

Introdução
Soja: tesouro ou tesoura?

"Os sete pecados sociais são: política sem princípios, riqueza sem trabalho, prazer sem consciência, conhecimento sem caráter, economia sem moralidade, ciência sem humanidade e culto sem devoção."
(Mahatma Gandhi)

Depois da Segunda Guerra Mundial, a industrialização e a internacionalização da agricultura ocorreram à velocidade da luz. Ciclos naturais foram rompidos. A partir dessa época, tornou-se possível "praticar a agricultura" com pouquíssima terra (visível). Desde então, suínos e frangos são engordados na Europa Ocidental, principalmente "sem ocupação de terra". A terra, a água e o petróleo vêm do exterior – na forma de soja para ração animal. Ração que se torna alimento da destruição. Tudo é desvinculado: o consumo crescente e os elementos da produção. O que é *causa*? O que é *efeito*? É como se uma tesoura fosse utilizada para retalhar a trama da realidade, tornando-a irreconhecível.

Neste processo, 1962 é um ano divisor de águas

1962? Rachel Carson lançou seu polêmico livro *Silent spring* (1). "Primavera silenciosa", devido ao avanço desenfreado da agricultura química. Sua obra foi praticamente o começo do movimento ambientalista na América do Norte. No mesmo ano, o julgamento do nazista Adolf Eichmann abriu os olhos do mundo para um fator do Holocausto que ainda não havia chamado muita atenção. Hannah Arendt esteve presente durante o julgamento e inquietou a opinião

mundial com seu controverso livro *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal* (2). Duas mulheres no lado americano do Atlântico levantam suas vozes. Debate garantido! Até hoje.

Do lado europeu, a agricultura se desvincula da terra, devido à Rodada de Dillon (3), do GATT (atualmente OMC – Organização Mundial do Comércio): um acordo no âmbito do comércio mundial, que coincide com o início da Política Agrícola Comum Europeia. Mais uma vez, no ano de 1962.

Os acordos firmados em Dillon deram início ao fluxo destrutivo da soja: primeiro, a partir dos Estados Unidos; depois, com a "Revolução Verde", a partir do Brasil, da Argentina, do Paraguai, da Bolívia.

Obediência cega, irrefletida – a banalidade do mal

E o que essas duas senhoras têm a ver com esses acontecimentos?

Com relação a Rachel Carson, a conexão é clara. Ela disparou o alarme com razão. Apesar do "Ano Internacional da Biodiversidade" (2010) – 50 anos mais tarde –, a diversidade da vida está se reduzindo numa velocidade assustadora.

E quanto a Hannah Arendt e à agricultura? Arendt fala do "subordinado" Eichmann. No julgamento em Jerusalém, ele simplesmente repetia que "apenas cumpria ordens superiores". O refrão nos julgamentos do pós-guerra é: "Nós éramos apenas uma pequena engrenagem da grande máquina." Eichmann não tinha visão da conexão das coisas. Ele tinha apenas um retalho da realidade, mas, mesmo assim, conseguiu organizar a logística para o massacre de milhões de judeus, homossexuais, ciganos, comunistas. Eichmann, o provedor de soluções.

Para Arendt, não é "o mal" que é banal, e sim o inexpressivo burguês comum que cumpria o seu "dever". Poderia ser nós mesmos. Obedecer sem refletir...

Será que podemos estender a "banalidade do mal" da política para a economia? Para a indústria internacional de ração, carnes e alimentos? Ou corremos o risco de ficarmos presos na armadilha do nosso típico dualismo ocidental do "bem" e do "mal". Afinal, o que é que o consumidor médio sabe sobre a "engrenagenzinha" que ele mantém em movimento ao comprar um quilo de carne de panela no supermercado? Utilizando ou não a desculpa da "engrenagem", Arendt argumenta que uma pessoa continua sendo responsável, é capaz de pensar e, em seguida, julgar, independentemente do sistema em que ele/ela se encontra. Cabe a nós fazer o misto do bem e do mal pender para a direção que favorece a vida. Há alternativas de sobra!

Thomas Merton e *The Unspeakable* [O Indizível]

Hannah Arendt e Rachel Carson são duas mulheres fortes que romperam o silêncio. No mesmo período, também se erguiam as vozes de advertência de alguns homens. Por exemplo, Thomas Merton (1915-1968), o famoso monge trapista americano e líder espiritual de várias gerações após a Segunda Guerra Mundial. Em *Raids on The Unspeakable* ele fala sobre as lacunas do discurso público (4): "São as lacunas que contradizem tudo o que é falado antes mesmo de as palavras serem ditas; lacunas que permeiam a linguagem dos discursos públicos e oficiais no exato momento em que eles são proferidos, fazendo com que soem sem vida, vazios como um abismo. É dessas omissões que Eichmann extrai a meticulosa exatidão de sua obediência."

O perigo dos "mentalmente sãos"

Na década de 1960, Merton fala explicitamente sobre Eichmann em três ocasiões. Enquanto Arendt fala mais sobre a banalidade do "solucionador de problemas", Merton acha perturbadora a assim chamada sanidade mental de Eichmann. Ele fala sobre o "homem tecnológico", a "linguagem tecnológica" e o possível Eichmann em cada um de nós. "Nós equiparamos sanidade mental com um senso de justiça, com amor pela humanidade, com cautela, com a capacidade de compreender e amar o próximo. Nós confiamos que as pessoas mentalmente sãs protegerão o mundo da barbárie, da loucura, da destruição. E agora começamos a perceber que são exatamente as pessoas mentalmente sãs que são as mais perigosas." [...] "São as pessoas mentalmente sãs, as bem ajustadas, que – sem consciência e sem ficarem enojadas – apontam os foguetes e apertam os botões que darão início à grande festa da destruição; uma 'festa' que elas – as pessoas mentalmente sãs – também já haviam bem preparado previamente [...] Ninguém suspeita de pessoas mentalmente sãs e as mentalmente sãs provavelmente têm razões perfeitamente aceitáveis, razões lógicas e adequadas para puxar o gatilho. Elas obedecerão às ordens razoáveis que chegam a elas corretamente pela cadeia de comando [...]." (5)

Linguagem tecnológica em "Tecnópolis" ($)

Se Eichmann fosse uma aberração, nós poderíamos respirar mais aliviados. Mas, infelizmente, atualmente ele ainda está presente de muitas maneiras. Sua linguagem tecnológica prevalece. No ensaio *Auschwitz: um campo familiar*, Merton escreve ironicamente: "A linguagem burocrática tem um talento para argumentar sobre a realidade

e, ao mesmo tempo, negá-la [...]" (6). A "Tecnópolis" utiliza a linguagem dos computadores e da matemática. A "Tecnópolis", quer seja na Alemanha nazista, na Rússia dominada pela máfia, na Coreia do Norte stalinista ou na América corporativa, prefere sempre a linguagem da segurança e da abstração. Ela sempre utiliza a linguagem dos números, tabelas e mapas. A "Tecnópolis" eleva e promove o tipo de caráter eichmanniano e a sua linguagem: o executor obediente que é eficiente na organização, que reduz a diversidade humana, que utiliza recursos tecnológicos para resolver os problemas humanos e ecológicos que o atrapalham. A força da discordância de Merton em relação ao monopólio tecnológico – e sua crítica a ele – está em enxergar como a "Tecnópolis" está encarnada na pessoa e na linguagem de Adolf Eichmann.

Eu estou em todos os lugares

A força de sua oposição e crítica está também no fato de que, para ele, "Eichmann" não é apenas uma determinada pessoa que nasceu em um momento específico e viveu em um determinado lugar. Para Merton, Eichmann é atemporal e apátrida, até mesmo "apessoal". Ele vive em qualquer lugar, em qualquer momento. Ele mora sempre e em qualquer lugar quando e onde as instituições e a burocracia, onde a nação e a nacionalidade, onde o poder e a riqueza são colocados antes da liberdade individual e das necessidades humanas. Merton se manifesta sempre que fatos e números são colocados antes de sentimentos humanos, sempre que teorias abstratas são consideradas mais importantes do que a vida. Em *Conjectures of a guilty bystander* [Conjecturas de um espectador culpado], ele faz Eichmann dizer: "Seu mundo está repleto de mim. Eu estou em todos os lugares, meu nome é legião..." (7)

Cabe a nós traduzir as críticas de Merton, Arendt e Carson para o século XXI. Nós poderíamos, com cautela, aplicar suas ideias à atual realidade retalhada (chamada de sustentável) da política agrícola internacional, ao cinismo das multinacionais de sementes e produtos químicos, ao transporte a granel – mantido oculto – nas mãos de quatro empresas de tecnologia, às multinacionais de alimentos que fazem *lobby*, às vítimas mantidas invisíveis (os povos indígenas, a Agricultura Familiar, os ecossistemas destruídos, o crescimento das epidemias de câncer e obesidade...).

Luc Vankrunkelsven,
Bruxelas, 20 de fevereiro de 2014.
Dia Mundial da Justiça Social.

(1) Publicado no Brasil: CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2011.

(2) Publicado no Brasil: ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

(3) A "Rodada de Dillon do GATT", em 1962: o início das importações de soja da Europa, sem taxas e sem cota. Para um histórico dos fatos correlatos e mais informações sobre a Rodada de Dillon, veja: *Ração animal, uma história de interdependência*, no livro *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2010).

(4) MERTON, Thomas. *Raids on The Unspeakable*, Nova Iorque: New Directions, 1966 [em espanhol: *Incursiones en lo Indecible*. Santander, Espanha: Sal Terrae, 2005]. Traduzido literalmente: incursões no Indizível. "*The Unspeakable*" é difícil de traduzir. Pode ser o "Indizível", "Deus", mas o termo também é fundamental na crítica social de Merton. "O indizível" também pode se referir, por exemplo, à reunião de forças do complexo militar-industrial, contra o qual ele se opunha com palavras desmascaradoras a partir de sua cela. Nesse sentido, ele previu, em janeiro de 1962, a morte de John Kennedy. O assassinato de Kennedy não pode ser visto separado de sua busca por paz e diálogo na antiga Guerra Fria. É que "1962" também foi o ano da crise dos mísseis de Cuba, com as armas nucleares soviéticas em Cuba. Contrariando seus conselheiros, ele decidiu não bombardear Cuba, mas estabelecer um diálogo

com o presidente Khrushchov e Fidel Castro. Suas tentativas de política pacificadora, inclusive no Vietnã, custariam-lhe a vida. Esta é, seguramente, a opinião de James W. Douglass, em *JFK and the unspeakable. Why he died & why it matters* [JFK e o inominável. Por que ele morreu e por que isso importa]. Nova Iorque: Orbis Books, 2008.

(5) MERTON, Thomas. *Raids on The Unspeakable*. Nova Iorque: New Directions, 1966. p. 46-47.

(6) MERTON, Thomas. *Passion for peace*: *The social essays* [Paixão pela paz: os ensaios sociais]. Nova Iorque: The Crossroad Publishing Company, 1995. p. 282.

(7) MERTON, Thomas. *Conjectures of a guilty bystander* [Conjecturas de um espectador culpado]. Nova Iorque: Doubleday, 1989. p. 290. Publicado em holandês sob o discreto título *Oplettende toeschouwer* [Observador atento]. Em espanhol: *Conjeturas de un espectador culpable* (Santander, Espanha: Sal Terrae, 2011).

Com relação à expressão *legião*, veja também o Evangelho de Marcos 5:9.

1 Europa exporta seus problemas

Ilustrador: Francisco Wille

Eu estou novamente a caminho do Brasil, para o lançamento da versão em português de *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança*. Durante a espera nos aeroportos, reli *Nieuwe spijswetten. Over voedsel en verantwoordelijkheid* [Novas leis alimentares. Sobre alimentação e responsabilidade], de Louise O. Fresco (1). Ela fala sobre "pensadores sombrios" e "aqueles que buscam a luz" que, junto com "as pessoas solidárias" se opõem – com justiça, mas às vezes de modo um tanto ingênuo e nostálgico – ao agronegócio internacional. Para o meu gosto, a autora é demasiado otimista sobre o uso e as perspectivas maravilhosas da agricultura industrial e da engenharia genética. Ela também compartilha a opinião do agronegócio brasileiro e de muitos dos elaboradores de políticas do Brasil de que o Cerrado é uma área inútil. "O consumo de carne já não é tão problemático", diz ela, "porque houve redução do desmatamento na Amazônia. O Cerrado é o ideal para a alimentação animal e carne." Muitos movimentos brasileiros discordam totalmente dessa concepção. Eu mesmo abomino esse ponto de vista que, atualmente, destrói a biodiversidade do Cerrado, mas consigo apreciar muito de sua busca pela integração. A partir de diferentes perspectivas ela tenta entender a realidade complexa. Além disso, ela está dividida entre otimismo e pessimismo. A esperança é a sua missão.

Todos rumam para Luanda

O trajeto da viagem é Lisboa-Brasília-Cuiabá. Uma fila no aeroporto de Lisboa me colocou inesperadamente na tradição de emigração europeia ou "exportação de seus próprios problemas". Cerca de 23% da população espanhola está, atualmente, desempregada; 50% dos jovens. Em Portugal, a "Crise do Euro" é um pouco menos acentuada do que no país vizinho e da que reina no pária chamado Grécia. No entanto, a fila leva para o avião que vai para Luanda, capital de Angola.

Dois voos diários levam uma quantidade marcante de jovens para a ex-colônia portuguesa. Luanda, alternando com Tóquio, é atualmente a cidade mais cara do mundo para se viver. É o resultado dos expatriados atraídos pela loucura de petróleo do país.

Nos últimos meses, a imprensa relatava regularmente que muitos jovens gregos, portugueses e espanhóis com nível superior estavam emigrando para a Bélgica e outros países paradisíacos ao norte. Por exemplo, o VDAB [Serviço Belga de Colocação de Trabalhadores, semelhante ao SINE no Brasil] está buscando ativamente 3 mil jovens engenheiros em Portugal. Isso porque já não encontram engenheiros na Bélgica, mas também, provavelmente, porque esses jovens gênios desempregados aceitam trabalhar por salários mais baixos. A Alemanha também busca ativamente engenheiros e enfermeiros em Portugal e Espanha. Portugueses são desejados pela Bélgica e pela Alemanha, mas a maioria ainda vai para as ex-colônias. O Brasil, como um país emergente otimista, está em evidência, mas outros países de língua portuguesa, como Angola e até Moçambique, estão entre os destinos favoritos.

Mundo estranho: estima-se que cerca de 60 mil brasileiros vivem na Bélgica. A maioria, "sem documentação". As mulheres trabalham como domésticas, geralmente "seguras" atrás das paredes e por salários baixos (na informalidade). Muitos homens brasileiros estão empregados no setor de construção, muitos deles são pagos informalmente ou recebem salários muito baixos (2). Engenheiros portugueses são atraídos para a Bélgica, enquanto os cérebros jovens da Bélgica estão deixando o país em números cada vez maiores. Os graduados têm fácil acesso aos Estados Unidos, ao Canadá e à Austrália. As universidades americanas distribuem deliberadamente bolsas de estudo aos nossos melhores estudantes. A crise na Europa ajuda a acelerar o êxodo. Em 2000, 13.296 jovens belgas emigraram permanentemente. Em 2010, já eram 16.759 jovens, entre 15 a 29 anos. Será que isso não se tornará

uma implacável fuga ou circulação de cérebros? Os jovens estão adquirindo mais mobilidade graças aos diversos programas de intercâmbio? As pessoas também podem retornar, permitindo o intercâmbio de conhecimento e enriquecendo a sociedade. Os governos podem reagir a esses desenvolvimentos de modo positivo.

Tráfico humano

Os jovens emigrantes em busca de trabalho e de uma nova vida dão continuidade a uma longa tradição de emigração. Já são cinco séculos (fugindo) de: *pogroms* (intolerância religiosa), fome, guerras de todos os tipos, duas guerras mundiais, ditaduras de esquerda e de direita, desemprego e, ainda, deportação de desocupados e condenados e busca de aventuras e lugares exóticos. O auge do êxodo de milhões de europeus ocorreu nos séculos XIX e XX: a combinação de fome por causa, entre outros, da doença da batata e o advento do navio a vapor, que tornava mais fácil o deslocamento para as Américas do Norte e do Sul. Muitos se tornaram vítimas de tráfico de seres humanos (3). Nada de novo sob o sol. Na nossa rua, em Bruxelas, há dezenas de prostitutas búlgaras e romenas. Muitas são vítimas do tráfico humano moderno.

Na Páscoa, a presidenta Dilma Rousseff foi hóspede na Casa Branca. Ela expôs ao presidente Obama que "os países ricos, com as desvalorizações de suas moedas, estão exportando a crise para os países emergentes". Ela pôs o dedo na ferida, muito embora a visão também seja um tanto simplista. O agressivo estímulo às exportações do Brasil & companhia também deve ter sua participação na crise mundial. De qualquer modo, a crítica feita pela presidenta é manchete nos jornais de hoje. Eu mesmo também vou sentir isso na pele, nestas semanas, porque o euro está realmente muito fraco em relação ao forte real brasileiro.

Democratização de geladeiras, carros e carne

Em Brasília, o emigrante europeu é recepcionado com a informação de que: "O tráfico de animais e plantas silvestres é um crime federal". Além disso, os alto-falantes repetem, a cada dez minutos: "O Ministério da Agricultura proíbe a importação de alimentos de origem animal ou vegetal sem registro sanitário ou fitossanitário, ainda que sejam para consumo próprio". Uma questão de proteger seu próprio rebanho contra a disseminação de quaisquer vírus, inerente à explosão global de carne.

Ou, ainda, um anúncio chamativo de 100% de "energia limpa", com a logomarca do Governo Federal e com o *slogan*: "Brasil, país rico é país sem pobreza". É claramente propaganda do governo, porque a população está cansada das numerosas hidrelétricas planejadas. A resistência à barragem de Belo Monte, no Pará, continua particularmente intensa.

Nos últimos oito anos, o governo conseguiu de fato fazer com que dezenas de milhões de brasileiros saíssem de condições miseráveis para a classe média baixa. País rico é país sem pobreza. Pela primeira vez, essas famílias adentram, confiantes, o paraíso dos consumidores e compram geladeira, carro e outros símbolos de riqueza. E elas merecem. É ligeiramente comparável àquilo que aconteceu na Bélgica após a Expo '58. Afinal, por que eles não "poderiam" se, há décadas, nós reivindicamos isso como um direito natural na Europa? Mas a Terra tem os seus limites. Como é que nós todos vamos lidar com isso nas próximas décadas? Os brasileiros são "apenas" cerca de 203 milhões de pessoas. Eles podem receber algumas dezenas de milhares de europeus desesperados e desempregados! Já a Ásia é outro assunto. Os chineses, 1,4 bilhões de pessoas, também estão na expectativa de ter uma geladeira, um carro e de consumir muita proteína animal.

Dentro de dez anos haverá mais indianos do que chineses. Eles também devem descer da bicicleta e entrar no carro. Eles também deixam sua posição vegetariana acalentada durante séculos e adentram o paraíso do McDonald's. Na geladeira, haverá carne, ainda que em menor quantidade do que na Europa e na América. O consumo *per capita* será menor, mas coletivamente maior, porque quando se trata de Ásia estamos falando de vários bilhões de pessoas: 54% da população mundial, comprimidos em um continente. Como é que vamos administrar a democratização do modo ocidental de vida?

Rio+20

Em junho, no Rio de Janeiro, os membros das Nações Unidas voltam a se reunir em torno dessa questão. Vinte anos depois da Rio-92[1], o evento mundial histórico sobre a situação do nosso planeta. A aposta da Rio+20[2]: será que, com a economia "verde", teremos mais do mesmo ou finalmente perceberão a gravidade da situação global? De qualquer modo, o governo brasileiro acredita que está tendo um bom desempenho e que tem as melhores credenciais para receber essa conferência sobre "desenvolvimento sustentável". Trinta e nove movimentos ambientalistas brasileiros não têm tanta certeza. Recentemente, eles escreveram uma carta aberta na qual denunciam o desenvolvimento altamente não sustentável em seu país. Estou curioso a respeito do que vou ouvir sobre isso nas próximas semanas. Será que há vida em torno do novo fetiche da indústria: a "economia verde"? Será essa a nova roupagem do "Consenso de Washington" (4) da década de 1980?

1 Nota da tradutora: Refere-se à Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada na cidade do Rio de Janeiro em 1992, também conhecida como Eco-92 ou Cimeira da Terra.

2 Nota da tradutora: Refere-se à Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (CNUDS), realizada na cidade do Rio de Janeiro em 2012.

Como é que estudantes brasileiros, agricultores, ativistas enxergam o Rio, 20 anos mais tarde? E o Brasil, que possui 20% de toda a água doce do mundo, 60% da água doce prontamente disponível? O Brasil, que ainda tem/tinha 34% do estoque das florestas tropicais do mundo. O Brasil, que detém 30% de toda a fauna e flora do mundo. A biodiversidade e as florestas estão desaparecendo rapidamente. Como estará na "Rio+40"?

Tudo isso promete. Chego aqui ao Brasil como uma página em branco. A "esponja-em-mim" faz com que eu, imediatamente, pegue meu *notebook*. Será que eu devo, mais uma vez, usar as crônicas para instigar meus leitores?

Brasília, 10 de abril de 2012.

(1) Louise O. Fresco, *Nieuwe spijswetten. Over voedsel en verantwoordelijkheid* [Novas leis dietéticas. Sobre alimentação e responsabilidade] (Amsterdã: Bert Bakker, 2009, quarta edição).

(2) Consulte o capítulo 1, *Você nasceu para voar*, em *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2010).

(3) Consulte: *Navios que se cruzam na calada da noite. Soja sobre o oceano* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2006).

(4) Consulte o artigo revelador *A economia verde é o novo Consenso de Washington?* (globaltransition2012.org; http://www.sustainabilityleadersnetwork.org/2012/03/from-limits-to-growth-to-life-beyond-growth). Sobre a diferença entre "economia verde" e "economia ecológica", consulte *Andere landbouw? Andere economie! Ecologische economie als fundament voor een duurzame landbouw* [Outra agricultura? Outra economia! Economia ecológica como uma base para uma agricultura sustentável] (Bruxelas: Wervel, 2012).

2 Instituto para a vida?

Ilustradora: Priscila C. L. Soares

Cuiabá, capital do Mato Grosso. Mato Grosso, o estado onde o Cerrado, a Amazônia e a maior reserva de aves do mundo – o Pantanal – se encontram.

Mato Grosso, que há várias décadas é o estado do grande desmatamento e do assim chamado "milagre da soja". É por isso que eu não queria vir aqui, mas há cinco anos sou convidado por várias instâncias para auxiliar no fortalecimento do "outro lado do Mato Grosso".

Globalização da terra

Tomemos, por exemplo, o Instituto Centro de Vida (ICV). À primeira vista, achei que fosse um movimento antiaborto. Mas não, a expressão "em defesa da vida" é amplamente utilizada pelas ONGs e pelos movimentos sociais brasileiros. Para eles, ela abrange tudo: o planeta, os diversos ecossistemas habitados pelo homem... Para o ICV (1), começa pelo muito maltratado Mato Grosso. Um movimento contra o aborto planetário, por assim dizer.

O ICV surgiu em 1991, um ano após Wervel. É um dos movimentos ambientais mais antigos no Brasil. No início da década de 1990 a "globalização da terra" já ocorria de modo descontrolado. Os sulistas incendiavam o Cerrado e a Amazônia. Eles repetem o que ocorreu na década de 1970, no Paraná: colocar fogo em tudo e, imediatamente em seguida, semear soja. Os sulistas são os invasores e os "desenvolvedores" da Região Sul: gaúchos, principalmente pessoas vindas do Paraná que têm pais ou avós no estado mais ao sul, o Rio Grande do Sul. Estes, por sua vez, são descendentes de italianos, alemães, poloneses, ucranianos e, vez ou outra, um holandês com espírito missionário. Especialmente no norte de Mato Grosso, mas também em Rondônia, Tocantins e Piauí está cheio de paranaenses com

sobrenomes italianos e alemães. Eles não ficam muito satisfeitos com intromissões europeias, ainda que suas próprias raízes se encontrem no lado europeu do oceano.

Um crescimento de 10% ao ano

O ICV começou de modo muito idealista e radical em sua oposição aos estragos causados por barragens. Como o Mato Grosso se tornou o campeão em desmatamento, eles se afincaram cada vez mais na denúncia das consequências devastadoras dessa globalização perversa.

Em 2006, começaram a trabalhar com o Imazon, que desenvolveu um sistema para detectar desmatamentos: o Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD). Por volta dessa época, eles também começaram a divulgar mensalmente o desmatamento. Este já era detectado há algum tempo pelo Deter (Detecção do Desmatamento em Tempo Real), mas não era divulgado (2). Graças à pressão do ICV, agora isso acontece há muitos anos.

Alguns números: de 1996 até 2005 foram desmatados mais de 1 milhão de hectares/ano na Amazônia e no Cerrado de Mato Grosso juntos. Posteriormente, esse número passou para 100 mil hectares. Até 2006, houve um crescimento anual de 10% de soja e de gado. De 2006 a 2010, houve uma estagnação. A partir de 2011, o desmatamento passou a acelerar. Para o período 2010-2020 é esperado um aumento de 70% de soja (1,7 milhões de hectares para essa leguminosa) e uma duplicação da pecuária. O agronegócio afirma que vai realizar essas metas nas terras disponíveis. Atualmente existem 26 milhões de hectares com, aproximadamente, uma cabeça de gado por hectare. Isso seria duplicado com dois animais por

hectare. A engorda confinada também está aumentando drasticamente, mas não a de gado no pasto, o que, em nossa região, já ocorre há um bom tempo. No Brasil, o Estado de Goiás é, atualmente, o campeão da engorda confinada.

Portanto: não haverá mais desmatamento... mas é preciso ver para crer. Será que vão plantar os 1,7 milhões de hectares de soja adicionais como um segundo estrato, como se fosse permacultura? A permacultura, que é uma tentativa louvável de imitar o ecossistema, pratica a "agricultura-em-estratos" e sem entrada de energia: uma mistura de várias plantas terrestres, arbustos, árvores, animais, água.

Campeão dos agrotóxicos "responsáveis"

O ICV não consegue ignorar essa terrível realidade de destruição. Por isso, eles precisam se equilibrar entre o exercício da influência nos círculos de quem organiza tais estragos e o onipresente e imperativo *greenwashing*[1]. Atualmente, todos querem oferecer soja "sustentável" e "verde", enquanto os jatos de agrotóxicos saindo dos aviões continuam a aumentar. O Brasil é o maior "consumidor" de agrotóxicos e, em 2010, despejou 983 milhões de litros sobre as lavouras. Também nessa área o Mato Grosso está em primeiro lugar: 132 milhões de litros. Tomemos, por exemplo, o município de Lucas do Rio Verde, que é frequentemente utilizado como exemplo de "boas práticas". Seria uma comunidade que pratica a sustentabilidade. A população é de

1 Nota da tradutora: ***Greenwashing*** [literalmente, "lavagem ecológica", por analogia com "lavagem de dinheiro"] é um termo utilizado para designar um procedimento de *marketing* utilizado por uma organização (empresa, governo etc.) com o objetivo de dar à opinião pública uma imagem ecologicamente responsável dos seus serviços ou produtos, ou mesmo da própria organização. Nesse caso, a organização tem, porém, uma atuação contrária aos interesses e bens ambientais (Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Greenwashing; consultada em: 4 fev. 2014).

cerca de 37 mil pessoas. Em 2010, foram plantados cerca de 420 mil hectares de soja, milho e algodão. O consumo de veneno chegou a 5,1 milhões de litros. O professor Pignati estudou, com sua equipe da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, o que isso acarreta para a população local, especialmente para crianças e mulheres grávidas.

Deve ficar claro que a revelação desses dados não é apreciada. Os líderes sindicais e pesquisadores que mostram esse outro lado do paraíso da soja são extremamente pressionados. É que eles pedem o fim da pulverização aérea e, também, que sejam colocados na "lista negra" daqui os produtos que são proibidos na Europa. Um pedido urgente pelo fim da política de subsídios para o uso desses agrotóxicos.

É nessa realidade que trabalha a Mesa-Redonda da Soja Responsável [*Round Table on Responsable Soy – RTRS*]. Uma mesa-redonda na qual empresas como Monsanto e Unilever, junto a fazendeiros, à indústria de ração (incluindo a nossa Bemefa belga), ao WWF e a várias ONGs holandesas tentam desenvolver critérios para "soja socialmente responsável". O ICV não participou como membro da mesa, mas tem compartilhado sua experiência há vários anos, na esperança de que isso resultasse efetivamente em alguma melhora. Atualmente, eles esperam para ver o que acontece. Nesse meio tempo, parece que muitos produtores de soja de Mato Grosso abandonaram a Mesa-Redonda. Os governos na Europa – incluindo o nosso próprio governo belga – aproveitam cada oportunidade para se vangloriar desses fluxos de ração "responsáveis" e clamam, quase em desespero, que existem ONGs que apoiam isso. Isso se encaixa perfeitamente na preservação dos interesses de exportação de carne.

Municípios verdes

Minha suspeita é despertada pela colaboração do ICV no surgimento de "municípios verdes". Está na moda ser "verde". O encontro Rio+20, em junho, também está bastante ocupado por "economia verde". É mais do mesmo, com um molho verde?

Em 2008, o governo federal fez uma lista de municípios nos quais a situação no campo da sustentabilidade é crítica. Nessa "lista negra" constam 43 municípios, dos quais (de novo) 22 se localizam em Mato Grosso. Um dos problemas é que os limites de muitas empresas na região amazônica são desconhecidos. Consequência: "ninguém sabe nada do desmatamento".

O governo adota critérios. Se os municípios dessa lista estiverem em conformidade, eles podem ser retirados da lista e isso é bem importante, porque há sanções. Menos subsídios, por exemplo.

Um dos critérios é que as terras sejam cadastradas: Cadastro Ambiental Rural (CAR). Para sair da "lista negra", 80% das terras precisam estar cadastradas. Por isso existe, no Mato Grosso, o projeto "Mato Grosso Legal": a legalização das áreas que foram ilegalmente desmatadas antes de 2007. O fato de eu estar aqui, na turnê de lançamento do meu novo livro, *Legal!* (3), é uma divertida coincidência (legal!). Com um sorriso, o ilegal é legalizado.

Após o CAR, 6 mil nascentes poderão ser resgatadas. Cerca de 1 milhão de hectares em torno dessas nascentes e rios poderão ser recuperados. Parece bom, ainda que seja uma arte não ser sugado por essa grande máquina de *greenwashing*. Afinal, aquilo que foi desmatado ilegalmente está sendo legalizado tornando possível, portanto, plantar despreocupadamente soja socialmente responsável em terras públicas que foram usurpadas injustamente.

O ICV não se ocupa apenas da realidade dos latifundiários. Com os assentamentos de pequenos agricultores e de agricultores familiares, eles fortalecem a tendência de expansão da agroecologia.

O ICV é um dos nossos parceiros na luta por uma agricultura socialmente justa e ecologicamente responsável – contanto que, em ambos os lados do Atlântico, continuemos críticos em relação ao significado de "responsável". Afinal, Wervel significa, por extenso: "grupo de trabalho por uma agricultura justa e responsável".

Cuiabá, 11 de abril de 2012.

P.S.: No aeroporto de Cuiabá, moças encantadoras tentam me vender um cartão Visa. Um Mastercard não é suficiente. Visa é melhor nesse novo El Dorado. No balcão do *check-in* há um grande *outdoor* da "Colonizadora Sinop" (www.gruposinop.com.br), como a nova metrópole do Mato Grosso. Sinop, uma cidade que gira em torno da soja e um projeto dos paranaenses. No mapa em torno de Sinop, dá para ver que o norte do Mato Grosso de fato foi e é colonizado por paranaenses: Paranaíta, Novo Horizonte do Norte, Ipiranga do Norte, Nova Maringá, Boa Esperança do Norte, Terra Nova do Norte...

Na sala de espera há uma grande foto com um campo de soja que parece infinito. Ela mostra os agricultores sendo atualizados por extensionistas sobre os benefícios do novo futuro: "FMC: Fazendo Mais pelo Campo. A gente enxerga no campo o seu desenvolvimento."

(1) Veja: www.icv.org.br

(2) Veja: www.obt.inpe.br/deter

(3) *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

3 Saúde nas próprias mãos

Ilustradora: Paula Mundin

"Que a saúde se difunda sobre a terra". Este *slogan* é visível em muitos lugares. É a Campanha da Fraternidade 2012: o tema deste ano é "saúde pública". A Semana dos Povos Indígenas também trata desse tema, considerando sua abordagem holística da saúde. O *slogan* fala por si: "Terra livre, águas puras, florestas sagradas: fonte de saúde".

Medicina popular em ascensão

Percebe-se que a saúde no Brasil é uma prioridade pela quantidade de farmácias. Você pode encontrá-las em quase todas as esquinas. Ao mesmo tempo, muitas pessoas redescobrem as formas tradicionais de medicina, por intermédio – ou não – de movimentos organizados. Especialmente a antiga sabedoria acerca de plantas medicinais está voltando a ser valorizada, ainda que o *lobby* farmacêutico faça todo o possível para roubar essa soberania do povo. Também a homeopatia, tanto para plantas quanto para animais e seres humanos, está bem difundida (1) – mais do que na Europa.

A energia que nos faz viver: bioenergética

Em Cuiabá eu tomei conhecimento de uma forma muito especial de cuidados de saúde, a "bioenergética". Em 1994, o Padre Renato Roque Barth, um jesuíta, trouxe esse conhecimento da Nicarágua para o Brasil. Ele me recebeu no centro de Biosaúde (2) e conta sua história. É óbvio que eu consigo reproduzir apenas uma pequena parte neste texto.

> Na década de 1990, na época do revigorante governo sandinista, ele foi trabalhar na Nicarágua. Nessa época, um colega dele, Fernando Cardenal, era Ministro da Educação. Renato trabalhava com cooperativas de agricultores, mas o que realmente mudou

sua vida e seu trabalho foi ser apresentado à bioenergética. A primeira pista veio pelo japonês Áton Inoue. Na Nicarágua, Áton deu o primeiro curso no mundo para pessoas comuns. Foi outro japonês, Yoshiaki Omura, que, de 1976 a 1978, em Nova Iorque, desenvolveu o "Teste do Anel Bi-Digital". O nome peculiar se refere à maneira um tanto estranha de trabalhar: com uma haste de cobre, vários lugares no corpo são examinados. Ao mesmo tempo, dois dedos são unidos em forma de anel. Pela abertura do anel, a pessoa que realiza o teste em alguém pode detectar quais órgãos estão doentes. A energia que faz com que uma pessoa tenha ou não uma vida saudável é crucial nesse procedimento.

Nesta tática de diagnóstico, três questões são fundamentais:

• descobrir quais órgãos estão doentes;

• saber quais doenças afetam esses órgãos;

• a sabedoria do corpo doente, que sabe de quais plantas necessita para preparar o chá que vai curar a doença de dentro para fora, e vai estimular sua defesa.

Argila, ervas, dieta

A argila é amplamente utilizada para curar uma variedade de doenças. Após o diagnóstico, sete ervas são centrais na terapia. Eles variam de acordo com a região, conforme sua própria diversidade de plantas e ervas. Dieta, acupuntura e massagem podem ser empregadas. É melhor não misturar esse processo com homeopatia. Normalmente, o tratamento tem duração de 15 dias, mas o processo pode ser repetido. Há registros de resultados muito bons, até mesmo relacionados a câncer e aids.

Eu recebo uma série de livros interessantes, inclusive um sobre a – um tanto estranha – "urinoterapia". Argumenta-se que esta é um antibiótico especial. Parece um pouco menos estranho e confuso se você

pensar que nós, quando fetos, ingerimos nossa própria urina durante meses. Nos últimos meses de gravidez, isso seria de uns 500 a 700 ml por dia. Para ouvidos europeus – principalmente na Bélgica, onde a indústria farmacêutica também tem um grande impacto –, isso parece insano. No entanto, parece funcionar para muitas pessoas. Mas eu mesmo não me candidato imediatamente...

Um milhão de brasileiros atendidos

Noto que as pessoas começam a se aproximar para serem diagnosticadas. Isso ocorre assim em Cuiabá, mas também em Curitiba, onde são atendidas 30 pessoas por dia. Na capital do Paraná trabalham quatro equipes.

Padre Renato tem todo o tempo para responder a minhas perguntas, porque ele não precisa, necessariamente, realizar os exames pessoalmente. O trabalho é feito por uma equipe de voluntários, tal como outras mil equipes em todo o Brasil. Os voluntários precisam se filiar a associações estaduais, para evitar que haja abuso ou charlatães. Assim, existem dez associações estaduais e uma organização nacional. Eles atuam em cem dioceses, mas também trabalham fora da esfera eclesial. Foram ministrados cursos na Bolívia, no Uruguai, no Paraguai e em países africanos, com grande aceitação especialmente em Moçambique, em colaboração com o Ministério da Ciência e Tecnologia. Na maioria dos países o trabalho é realizado sem problemas, mas justamente no Brasil a ação é problemática. Isso está relacionado com o poder da indústria farmacêutica. Muitas vezes, as mesmas multinacionais também controlam os agrotóxicos. Como é amplamente sabido, o Brasil é o "Número Um" no consumo de agrotóxicos e isso por causa da expansão do agronegócio. Gradualmente, a população está se dando conta de que as planícies

desérticas de soja e outras culturas pulverizadas com agrotóxicos estão na origem de muitas doenças.

Atualmente circula na internet uma campanha contra a bioenergética, apoiada em programas da TV Globo. A indústria química se sente visada pelo "não queremos produtos químicos em nossos organismos".

Evidencia-se pelos números que toda a abordagem é eficaz e ameaçadora: no Brasil já são 1 milhão de pessoas atendidas; em todo o mundo, trata-se de cerca de 3 milhões de pessoas. Potencialmente, já existem apenas no Brasil cerca de 40 milhões de "terapeutas" – se levarmos a sério, por exemplo, uma mulher que dá à vizinha um chá personalizado.

Eles estão atuando agora em 40 países, com 40 mil pessoas em 20 mil equipes. Nessas equipes, há as pessoas que fazem o diagnóstico e outras que coletam as ervas em sua própria região.

Reduzir o consumo de carne

Padre Renato me oferece um "pão de queijo". Totalmente feito de soja. Ele parece ser um opositor feroz ao consumo de carne e peixe, especialmente no contexto das condições de produção no Brasil. Na aquicultura, o peixe recebe hormônios masculinos nos três primeiros dias, para crescer mais rápido. Depois de três dias, seguem hormônios femininos. Os frangos (3) da bioindústria recebem, além dos necessários antibióticos, hormônios femininos. Isso pode resultar, principalmente, em câncer de próstata.

Ele defende a redução no consumo de carne: "Os americanos consomem sete vezes mais carne do que os chineses. E eles também têm sete vezes mais câncer do que os chineses."

E também: "Vamos parar de consumir tanto açúcar e tanta carne. Na verdade, o diabetes é mais o resultado do consumo de carne do que de açúcar, mas o açúcar definitivamente não é recomendado."

No próximo ano, Padre Renato espera lançar um novo livro. O movimento já dispõe de 500 novos recursos, que os médicos desconhecem. Segundo ele, em Moçambique, descobriram que conseguem erradicar malária com suas terapias. Alem disso, acredita-se que há uma ligação entre a malária e a aids. "A aids também pode ser tratada dessa forma", diz Padre Renato, pois "metade da aids na África é, na verdade, malária".

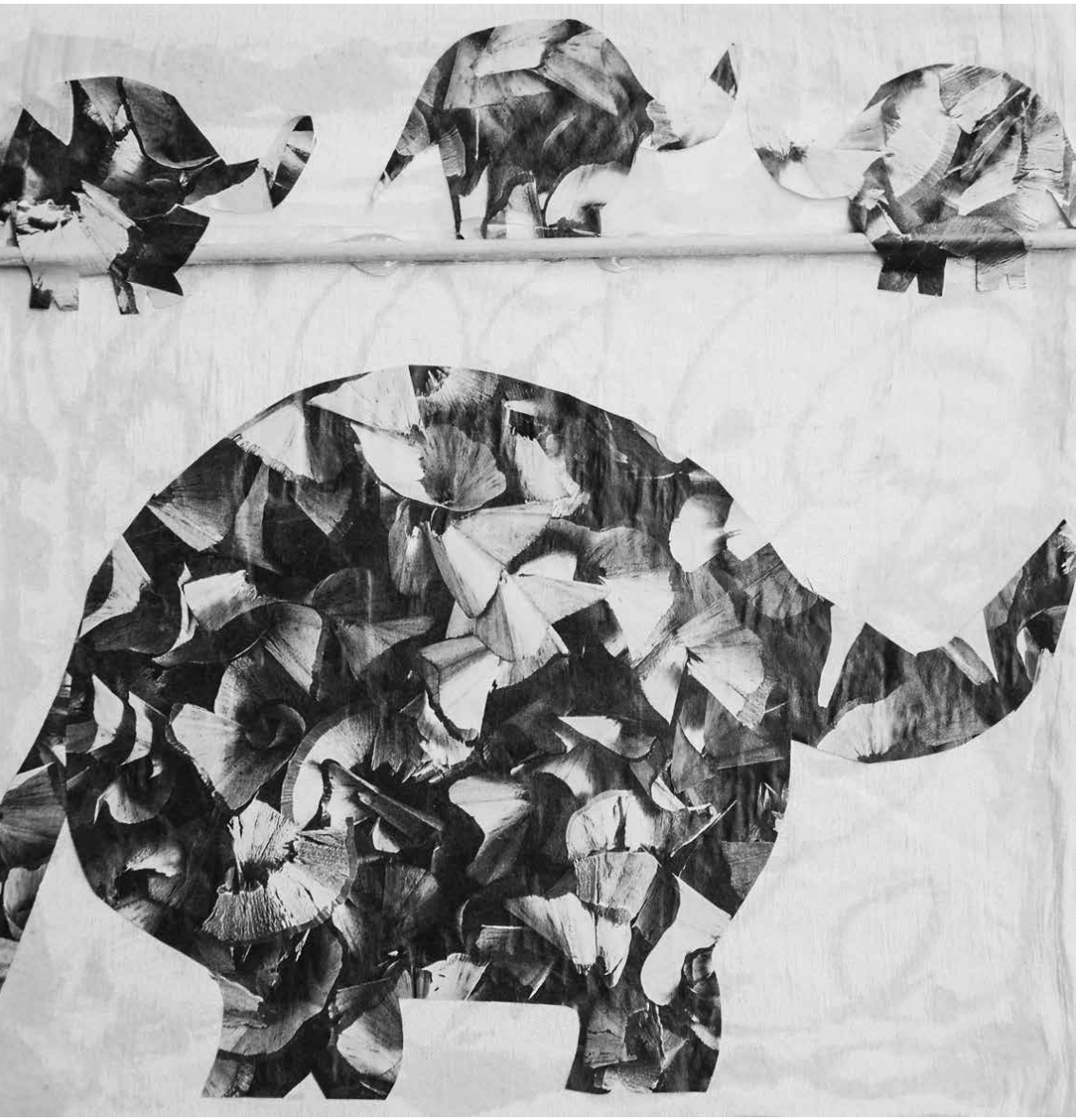
Cuiabá, 12 de abril de 2012.

(1) Sobre homeopatia na agricultura, veja: www.ihama.com.br

(2) Veja: www.biosaudebrasil.org

(3) De acordo com um estudo recente da União Brasileira de Avicultura (Ubabef), os brasileiros consomem, em média, 47 quilos de carne de frango por ano.

4 Elefante branco?



Ilustradora: Silvana A. G. F. Dalcin

No assim chamado "Terceiro Mundo" – ou o "Sul", desde 1989 –, há muitos "elefantes brancos": projetos nos quais um país doador injetou muito dinheiro, mas que não eram exatamente desejados pela população local. Muitas vezes, trata-se de construções ou máquinas caras que, em um curto espaço de tempo, passam a definhar.

Há muito tempo que o Brasil não faz mais parte dos 18 países pobres que a Bélgica diz apoiar. É um dos "países emergentes" e deve, portanto, "se virar" sozinho. Ele é poupado de "elefantes brancos europeus". Isso seria uma grande vantagem se o país não tivesse problemas com a disputa de poder e a oposição de potentados locais e outros.

Boicotar

Tomemos por exemplo o Centro de Pesquisa e Formação Olga Benário Prestes, que nós estamos visitando hoje. Nós? Sim, Fábio Nolasco, professor de agricultura tropical da Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá, e eu. Fábio é um dos poucos nesse estado que tenta criar uma ponte entre a universidade e os movimentos sociais.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) necessita de centros de formação para seus integrantes. Eles conseguiram convencer o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) a construir um grande centro de formação em um assentamento em Várzea Grande, próximo a Cuiabá. Sem ouvir o MST, um empreiteiro construiu uma grande estrutura de concreto. Dificilmente você poderá dizer que foi construído a partir de materiais ecológicos, logo agora, num momento em que há muita atividade no Brasil em torno de construções ecológicas (argila, bambu e outros materiais). O Incra nunca verifica quais materiais eram usados ou se os cálculos sobre o que finalmente foi injetado estavam corretos. De qualquer modo, a empresa teve um bom ganho.

A construção está pronta desde 2008; porém, por meio de boicote e várias outras manobras de atraso, os fundos operacionais necessários para realizar os cursos não foram disponibilizados. O acabamento também deixa muito a desejar, e não foram providenciados camas e móveis para a biblioteca.

Ocupar

Há quatro anos algumas pessoas moram no edifício para fazer a manutenção do local do melhor modo possível. Se eles não ocupassem o prédio, eles o perderiam em pouco tempo. É um pouco parecido com as ocupações de terra que o MST é obrigado a fazer: ocupar para conseguir terra. Enquanto isso, com pouco ou nenhum recurso, eles conseguem fazer belas mesas e cadeiras para o refeitório e armários para a biblioteca. Ocasionalmente, eles conseguem requerer um lote de madeira apreendida, extraída ilegalmente da Floresta Amazônica. De vez em quando, há atividades de capacitação, porém ainda muito abaixo do potencial do centro.

Será que precisam aguardar as próximas eleições? Ou um novo diretor regional do Incra?

Até lá, a Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá, tenta romper o boicote realizando alguns de seus seminários no local e, quem sabe, instalar um curso de agronomia. No que depender do professor Fábio, isso poderia representar um início de solução para o impasse.

Cuiabá, 13 de abril de 2012.

Agronomia: paradigmas em conflito

Prof. Fábio Nolasco

Um fenômeno interessante está acontecendo nas instituições públicas de ensino superior, ao menos na UFMT (*campus* de Cuiabá-MT-Brasil), onde estou docente. Está cada dia mais evidente que, em média, os discentes estão se tornando mais respeitosos, sérios, dedicados, pontuais e menos relapsos em suas relações no mundo acadêmico, apesar do deficitário hábito médio de leitura. Antes da adoção do regime de cotas, era bem maior o índice de estudantes humilhadores, prepotentes e arrogantes frente a docentes e colegas mais pobres, ou com menos sinais exteriores de riqueza, tais como carro, roupas de grife, aparelhos eletrônicos, idiomas estrangeiros e "papos" (farras-feitos-viagens). É provável que o atual regime de cotas para negros, indígenas ou discentes originados de escolas públicas seja o responsável por essas transformações. Assim, parece que o propósito de inclusão social do governo federal está surtindo outros efeitos, além do maior acesso de filhos de pobres à universidade.

O curso de agronomia da UFMT é famoso por se dedicar à geração de profissionais para lidar com o agroNEGÓCIO (empresarial) e não para a agriCULTURA (campesinato). Vale lembrar que este último representa mais de 70% do número de famílias do campo, do abastecimento interno de alimentos (mais livres de agroquímicos) e dos empregos rurais, apesar de usar menos área e de usar os solos de menor capacidade de uso.

Sendo assim, ficam os discentes pobres (até filhos de camponeses) à mercê da lógica do paradigma convencional de produção (monocultural, oligogenético, agroquímico, mecanicista, excludente etc.). Se algum estudante possuir o sonho de se dedicar aos problemas da maioria, da proteção ambiental,

da produção de alimentos limpos, da inclusão e distribuição de renda-terra-poder-informação aos mais marginalizados do campo, terá bastante dificuldade. As mudanças na matriz curricular em andamento, não meramente reformistas, não impactam de forma revolucionária, com mudança de foco, de paradigma e de objetivos... Ou seja, só reforçam a modernidade conservadora da Revolução Verde.

Muitas das crises agrícolas planetárias induzidas pelo homem têm origem, entre outros: na matriz fornecedora de energia e de recursos em vias de esgotamento; nas desiguais relações de troca cidade-campo, ou Norte-Sul, ou desenvolvidos-subdesenvolvidos; na dependência de fornecedores externos de crédito, insumos, energia, serviços e informações; na submissão a políticas ditadas por grupos de interesse econômico oligárquicos; na busca por soluções inovadoras sem mudança de paradigmas. Enfim, são as crises arquitetadas pela "modernidade conservadora". Nelas, as relações de dependência permanecem inalteradas. Trocam-se os tipos de "insumos e ferramentas", mas os fornecedores são os mesmos. Troca-se a "tecnologia", mas os *royalties* ficam nas mesmas mãos.

No que tange ao papel dos profissionais de ciências agrárias, por exemplo, é imperioso conceber novas formas de se produzir, processar, armazenar e abastecer com produtos do campo, e novos modos de se relacionar com os consumidores, cidadãos urbanos e rurais.

Os consumidores-cidadãos-eleitores, cada vez mais exigentes quanto aos impactos desse modelo hegemônico de produção subserviente, degradador ambiental e poluidor dos alimentos, passam a ter atitudes crescentemente discriminatórias (até com boicote) com relação às irresponsabilidades sociais dos produtores, dos técnicos e das ciências que os formam e apoiam. Porém, a deliberada deificação atual da "ciência acadêmica" – subliminarmente colocada pela mídia, por organizações de *marketing* e até por governos – prenuncia os tipos de manipulações que estão emergindo. Explicitamente, reforça-se

o fatalismo do poder do "deus mercado", ampliando ainda mais suas garras, em desfavor da maioria consumidora inconsciente ou impotente. Reforça-se, então, o esquema de manipulação do sistema de "ciência e tecnologia", criando necessidades (produtos e serviços) usadas para explorar-alienar-concentrar bens, lucros e poderes. As instituições públicas permanecem, assim, a serviço "de quem"? Mesmo as parcerias público-privadas acabam induzindo, portanto, a buscar por "mudanças" que não alteram as relações de poder e de troca, ou seja, agem como meros "panos quentes reformistas". Muitas inovações se configuram como meras maquiagens, alterações superficiais ou troca de visual, mas sem torná-las socialmente empoderadoras, ambientalmente limpas e economicamente justas. Sem mudança de paradigma, a "inovação" pode ser simplesmente discurso de *marketing*: "ouro de tolo".

A crise pela qual passa a universidade brasileira nos remete, portanto, à necessidade de mudanças de paradigmas – ou seja, de revolução científica, de pesquisa extraordinária e não de "reforma", de pesquisa normal, dentro dos cânones convencionais hegemônicos. Esse modo vigente de pensar reforça a histórica acumulação de poder e recursos nas mãos das multinacionais (máquinas, insumos, genes) e outros grupos de interesse (crédito, processamento, transporte, *tradings* etc.), impondo aos produtores níveis intoleráveis de dependência externa. O desafio hoje colocado aos profissionais da agronomia pelos setores mais democráticos e críticos está basicamente em superar o modelo monocultural-químico-oligogenético-mecanicista-excludente-dependente-escravizante-poluidor e buscar um processo policultural-orgânico-multigenético-organicista-includente-autonomicista-libertador-preservador do valor biológico dos alimentos, solo, água e seres vivos. Portanto, novas concepções de agricultura exigem "inovações reais", ou seja, profundas, que promovam a quebra de paradigmas das escravizantes formas de se produzir (alimentos, fibras, energia, minerais etc.), especializadas em submeter o campo aos ditames da cidade, da indústria e dos setores neoescravagistas (financeiro, *tradings*, indústria química etc.).

A própria agricultura convencional (agroNEGÓCIO), por exemplo, está refém de interesses externos ao campo, numa forma explícita de um novo tipo de escravagismo consentido, legalizado e rotulado de "moderno" – e até de "sustentável". À semelhança dos famosos casos de escravidão na Amazônia, esses produtores dependem dos mesmos grupos econômicos que "fornecem os insumos de custeio" e "compram seus produtos". Por seu gigantismo e sua sanha desenfreada por lucro, é evidente que manipulam os preços "antes e depois da porteira", por meio de jogos de informações, de especulação em bolsas de mercadorias e de valores. Provavelmente, dominam hoje os imateriais territórios públicos de crédito, de vigilância, de pesquisa e apoio à pesquisa, dos recursos genéticos e talvez... do ensino. Para sair desse círculo vicioso, não bastam medidas paliativas fornecidas pela "pesquisa normal do paradigma vigente, com reforma e melhoria do sistema", é necessário que se quebrem muitos paradigmas e se faça emergir uma nova matriz: libertadora, ética e inclusiva.

As instituições de ensino superior deveriam assumir alguma responsabilidade nessa libertação? Quais os papéis dos profissionais mais exigidos hoje pela sociedade? Quais os papéis dos docentes e gestores nos processos de ensino-pesquisa-extensão, para formação de profissionais protagonistas, consequentes e responsáveis? Afinal, as IES públicas deveriam ficar do lado de quem? Servir a quem? Somente à lógica do "mercado"? Até quando? A crescente dependência dos produtores a fornecedores externos não estaria levando também os países à perda de soberania sobre os territórios hipotecados? A ciência e a tecnologia poderiam ou deveriam ajudar a reverter esse quadro?

Para responder a essas perguntas é importante refletir: o conceito de "paradigma" é dominado por todos? É generalizado o conhecimento de como os paradigmas influenciam nossos processos de ensino-aprendizagem? Temos coragem para romper com modelos obsoletos e viciados? Estamos abertos para criar e instaurar "o novo"? "Inovação" com que sentido, impacto ou

finalidade? Bastaria chamar de “inovação” e pronto? A quem se quer enganar? Por quanto tempo?

Afinal, existiriam ainda outros sinais de que nosso sistema de ciência e tecnologia precisa se transformar? O mundo do trabalho, as populações e os consumidores estão atualmente demandando profissionais com perfis diferentes de outras épocas? As transformações científicas, tecnológicas, sociais, culturais e legais passaram a exigir agentes com novas características? As “responsabilidades sociais” das empresas implicariam em novas competências dos trabalhadores? Os “sistemas de certificação e rastreamento” impõem novas habilidades aos egressos das instituições de ensino superior? As IES públicas brasileiras já se inteiraram de novas legislações, como o Decreto Federal nº 7.794, de 20 de agosto de 2012, que institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, que se adéqua às condições de mais de 70% dos agricultores brasileiros? As matrizes curriculares das universidades estão se ajustando para atender às exigências legais de sanidade, segurança e soberania alimentar?

Dentro da academia – a agronômica em especial –, os objetos considerados relevantes para estudo, dedicação e pesquisa não são as demandas do povo, dos pobres e dos campesinos. São as dificuldades dos latifundiários para sua expansão de territórios materiais e imateriais, para competir, lucrar e dominar os espaços “permitidos” pelas *tradings* e corporações transnacionais (financeiras, de transformação, sementeiras-fertilizantes-venenos-remédios humanos e outras coligações nefastas aos interesses das populações do planeta). Miragens projetadas pelos escravocratas?

Emergem, portanto, muitas questões. Qual a porcentagem de docentes que domina essas questões, dos seus papéis nas academias? Quantos dominam os conceitos e a aplicabilidade da teoria das habilidades ou inteligências múltiplas? Quantos são plenamente conscientes da importância de se conhecer as próprias potencialidades profissionais? Quantos

já compreenderam as mutantes exigências profissionais do “mercado de trabalho”? Quantos percebem a magnitude dos impactos das forças das matrizes paradigmáticas individuais e coletivas? Existiria “massa crítica” nas IES para mudar? Existem forças empenhadas para que isso não ocorra? Seria importante que os discentes também estivessem cientes disso? Quando deveriam ser informados e alertados desses processos: antes, durante ou depois de adentrarem a academia? Poderia isso diminuir as crises de relacionamento, esclarecer problemas existenciais, reduzir os índices de evasão-abandono de curso e consequentes vagas ociosas? A melhor compreensão geral dessas questões poderia reduzir alguns entraves advindos de egos inflamados, de diálogos truncados ou de estilos de administração-visão-postura? A melhor decodificação desses campos poderia tornar mais harmoniosa, produtiva e prazerosa as vidas acadêmica, profissional e pública? Qual seria a economia de recursos materiais, financeiros e humanos para os poderes públicos, comunidades e famílias pela redução dos índices de evasão e de vagas ociosas? Os poderes públicos se interessam?

Cremos que sim... mas o que fazer? Quem fazer? Como fazer? Seria possível, desejável e viável melhorar os níveis de autoconhecimento pessoal e de esclarecimento sobre os papéis sociais das profissões? Seria prudente criar e instaurar sistemas que forneçam pistas sobre tendências quanto ao potencial profissional, acadêmico e funcional das pessoas, especialmente de pretendentes a vagas em universidades? São conhecidos os perfis e as exigências dos cursos? Poderiam esses sistemas apoiar processos decisórios nas buscas por bolsas, monitorias, cursos, grupos de estudo-pesquisa-extensão, estágios, treinamentos?

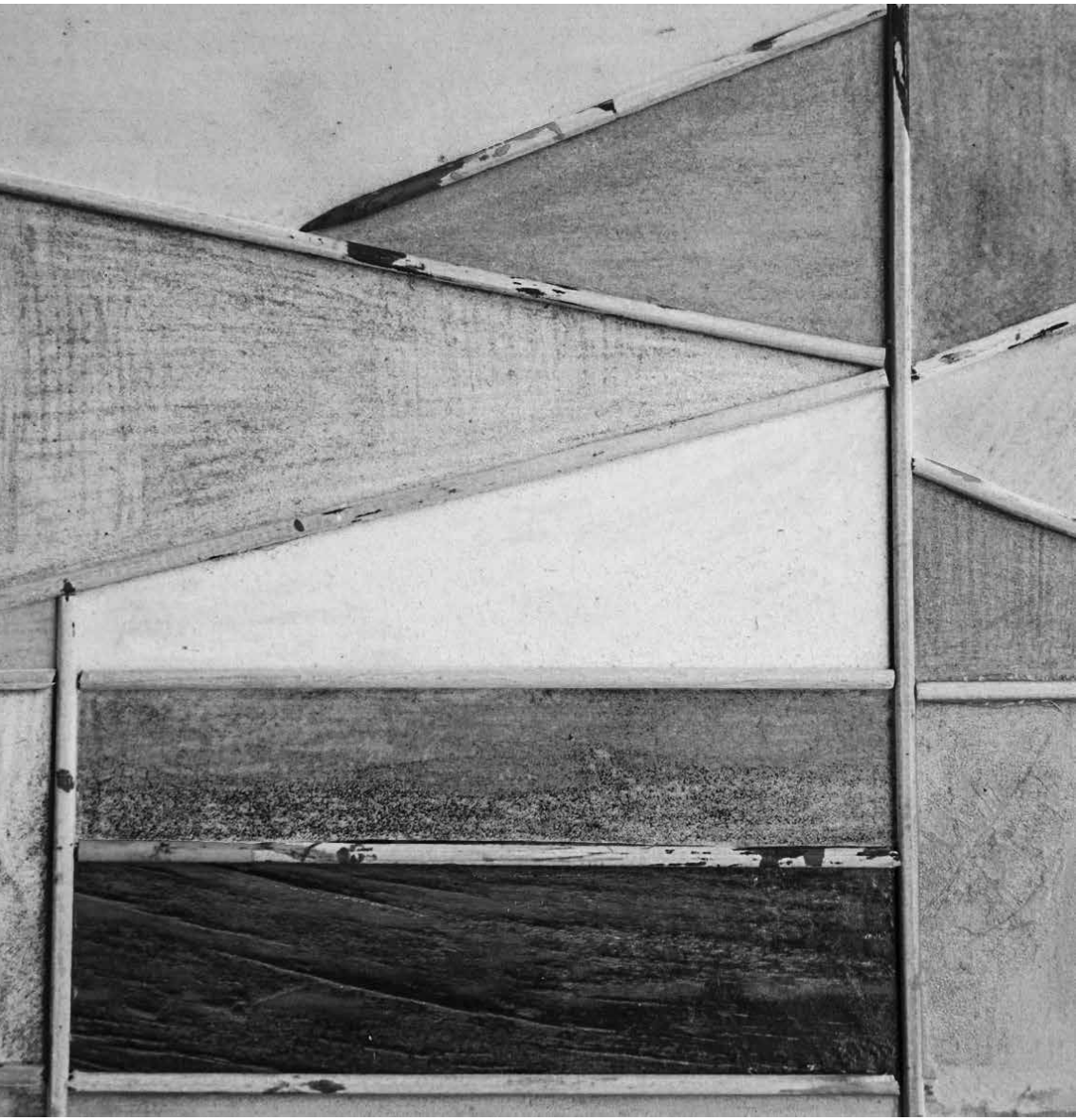
Como tornar as universidades públicas em ferramentas de paz e justiça social se não houver mudanças de paradigmas no escopo dos conhecimentos que são objeto de seus estudos? Até quando manter estruturas dedicadas a um

modelo tendencioso de agricultura e desenvolvimento? Até quando continuar conduzindo jovens pobres para servir ao "mercado", por meio das corporações transnacionais, geralmente contrárias aos interesses da humanidade?

Prof. Fábio Nolasco
fabionol@gmail.com
Agrônomo, doutor em Fitotecnia.
Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá.

Esta é uma versão resumida do texto. A íntegra (com muitas referências) pode ser lida em português na página ***www.motiro.org/sustentabilidade****.*

5 Sistemas agroflorestais e recuperação



Ilustradora: Ana Karênina Longo Crispim

Ontem à noite, na apresentação do mais recente rebento de Wervel – o livro *Legal!* – na loja Flor do Ipê, estavam presentes alguns jovens do Grupo Semente. É uma pequena ONG, que busca preservar a riqueza de sementes na Chapada dos Guimarães e pratica a agricultura ecológica.

A Chapada dos Guimarães é um local bastante popular do ponto de vista turístico. É um planalto, onde a temperatura é bem mais amena do que na quase intoleravelmente quente capital de Mato Grosso. Assim sendo, muitas pessoas da classe média de Cuiabá possuem lá uma segunda casa, para onde elas vão nos fins de semana, para se refrescar e descansar. Ao mesmo tempo, ocorre um despovoamento no planalto. Onde, algumas décadas atrás, ainda havia muita agricultura familiar, agora a natureza reclamou de volta a sua parte. Se você observar de perto, ainda dá para ver onde os sítios se localizavam. É um claro ganho para a natureza, mas uma perda para uma agricultura próxima, familiar e ecológica.

Aqueles que fazem a conversão

Felizmente, algumas pessoas persistem. Não é por acaso que são aqueles que trilham novos caminhos. Ou melhor, os que combinam a sabedoria milenar com novos conhecimentos agrícolas. Eloir Bernardon consegue reunir um grande número de pessoas em torno de seu projeto agroflorestal no sítio Jamacá (1), uma propriedade no meio da natureza restaurada e no final de uma estrada com outras propriedades, quase todas abandonadas. Até alguns anos atrás, Eloir possuía uma bem-sucedida produção de hortaliças. Os restos das estufas são testemunhas dessa época.

Há alguns anos, ele mudou de rumo e guardou o arado para iniciar um engenhoso sistema agroflorestal. Agora, a propriedade fornece seus produtos para, entre outros, um restaurante ecológico em Cuiabá, ao qual também está vinculado o Instituto Centro de Vida.

Na Bélgica/Europa, a ONG Wervel está promovendo os sistemas agroflorestais (2) à sua maneira, mas as condições tropicais são totalmente diferentes daquelas do nosso clima temperado. Essas condições distintas pedem uma abordagem diferente, voltada para as aptidões regionais. Eloir e seus companheiros plantam linhas com dezenas de espécies de plantas e árvores, todas misturadas. Também há sempre o capim-elefante, que é regularmente cortado para servir como adubo. As diferentes espécies se apoiam ou se sucedem. Quando, por exemplo, a bananeira se esgota, já há outra árvore ou planta frutífera pronta para assumir seu lugar. Eu não ouso enumerar a diversidade. O leitor neerlandês não seria capaz de acompanhar.

Aqueles que abrem o futuro

"Eloir e seus companheiros?" Para o Grupo Semente, é uma espécie de porto seguro. O grupo se reúne mensalmente. Lentamente, constroem um centro ecológico (3), no qual os grupos e os indivíduos podem ir. Por exemplo, Antoinette Brouyaux, da organização belga Associations 21, vai se hospedar lá, depois da Rio+20.

Várias vezes por ano são ministrados cursos para ensinar a implantar esses sistemas agroflorestais e de permacultura. Bem bolado, porque durante esses cursos eles implantam novas linhas, pelas quais, posteriormente, muitas pessoas se sentem responsáveis e envolvidas. Além disso, eles podem acompanhar as evoluções no decorrer dos anos e estudar os resultados para aprender ainda mais.

Se você acompanha o jogo político e as chantagens em Brasília a respeito do "Código Florestal", há muitos motivos para ser pessimista. As milhares de iniciativas na base, no Brasil e no mundo (4) nutrem a esperança de que há um futuro para a agricultura realmente sustentável.

Chapada dos Guimarães, 14 de abril de 2012.

(1) No Brasil há muita atividade relacionada com sistemas agroflorestais em diferentes contextos (Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica). Um pioneiro dos sistemas agroflorestais na Mata Atlântica é a Cooperafloresta (www.cooperfloresta.com; www.agroflorestar.org.br). Em suas camisetas está escrito: "Agroflorestar, semeando um mundo de amor, harmonia e fartura. Cooperafloresta, união de gentes e natureza."

(2) Veja: www.agroforestry.be. O *site* inclui o filme que distribuímos: *Agroforestrie. Produire autrement* (Agrofloresta. Produzir diferente). No DVD, você pode escolher o idioma em que deseja ver o filme (neerlandês, francês, inglês ou português). O *site* na União Europeia é: www.agroforestry.eu

(3) Veja também *Ecocentro: onde Pantanal, Cerrado e Amazônia se encontram*, no livro *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

(4) Veja também: tegenlicht.vpro.nl/afleveringen/2011-2012/Groen-Goud.html

6 A bicicleta toma a cidade

Ilustrador: Lucas Dalcin

Quando fui morar em Bruxelas, em 1992, eu raramente encontrava qualquer outra pessoa que também arriscava sua vida. Ou seja, não havia ciclistas. Desde 1994, eu combino uma bicicleta dobrável da marca Brompton com o trem, metrô, bonde, ônibus e, ocasionalmente, o carro. Também me desloquei, durante anos, usando apenas a bicicleta. E eis que o impossível se tornou possível. Há vários anos, Bruxelas copiou o sistema parisiense de bicicletas públicas e, há quatro anos, a bicicleta dobrável se tornou moda. Nossa organização Wervel causa inveja em muitas ONGs: há oito anos, em vez de um veículo corporativo, cada funcionário tem uma Brompton corporativa à disposição.

O Príncipe Ciclista

E, na verdade, desde algumas semanas, as comportas da barragem se abriram completamente. Uma das ruas principais, a Anspachlaan [Avenida Anspach], foi reduzida de quatro para duas pistas. Em ambos os lados da Avenida, uma pista para automóveis foi transformada em uma ampla ciclovia. Resultado imediato: constantes congestionamentos, como só são imagináveis em São Paulo. Mas o ciclista se desloca como um príncipe ao lado dos motoristas transtornados. Estou curioso para saber como isso vai terminar.

São Paulo ainda não chegou lá, mas também aqui a bicicleta começa a aparecer timidamente. Ciclovias estão sendo planejadas e nos vagões do metrô serão reservados lugares para algumas bicicletas. Ninguém mais aguenta os constantes congestionamentos. As cidades estão se tornando inabitáveis. O transporte público não foi adaptado às necessidades de mobilidade de tantas pessoas. A necessidade de mudança agora ressoa até a Câmara Federal e o Senado. O *Jornal do Senado* dedica um caderno especial de "Cidadania" ao tema. Sistemas de aluguel

de bicicletas, como em Nova Iorque e em várias cidades europeias, são apresentados como exemplos inspiradores. Há anos Curitiba tem ciclovias, mas com cruzamentos perigosos. Agora, estes estão sendo melhorados. O Rio de Janeiro tem a maior malha de ciclovias, seguida por Sorocaba. Em Mauá, região metropolitana de São Paulo, a estação de trem conta com um verdadeiro estacionamento para 2 mil bicicletas – com serviço de reparos. Um intercâmbio entre Leuven e outras cidades da Bélgica não seria má ideia. Em cooperação com a NMBS [Companhia Ferroviária Nacional da Bélgica], a ONG de economia solidária Velo faz a manutenção, o reparo e a guarda de milhares de bicicletas. Em Bagé, no Rio Grande do Sul, há ônibus com um espaço do lado externo para acomodar duas bicicletas. É um começo.

Rei Carro e Ditador Caminhão

Por enquanto, andar de bicicleta no Brasil ainda é muito perigoso. Mesmo que, proporcionalmente à crescente frota automotiva, o número de ciclistas seja muito pequeno, ocorreram em média quatro mortes por dia nos últimos três anos. Machismo e comportamento beligerante no trânsito são "bons amigos". Será necessária uma grande mudança de mentalidade dos motoristas para compartilhar o espaço público com os ciclistas e os pedestres. Nessa terra do "Rei Carro" e "Ditador Caminhão" os ciclistas e pedestres são realmente os usuários vulneráveis. Só em São Paulo dois pedestres perdem a vida diariamente, porque os motoristas não respeitam a faixa de travessia dos pedestres.

O senador Eduardo Suplicy já está totalmente a favor do uso da bicicleta na cidade. Se depender dele e de alguns outros senadores, a silenciosa revolução das bicicletas vai continuar. Um impulso é dado semanalmente. Aos domingos, uma das pistas para automóveis que

cruza a cidade se transforma em uma imensa ciclovia. Nessa ocasião, milhares de paulistas sentem-se príncipes por um breve momento. Na bicicleta.

Gostaria de saber se os participantes da Rio+20 vão notar o sistema de bicicletas da cidade.

Brasília, 17 de abril de 2012.

Mais notícias de ciclismo no Brasil:

Rodas da Paz: www.rodasdapaz.org.br

Escola de Bicicleta: www.escoladebicicleta.com.br

Bicicleta: www.bicicletas.org.br

Bike Rio – aluguel de bicicletas no Rio de Janeiro: www.mobilicidade.com.br/bikerio.asp

Aluguel de bicicletas no Rio de Janeiro: www.rioguiaoficial.com.br/rio-de-janeiro/aluguel-de-bicicletas

Internacional:

Nova Iorque: www.bikenewyork.org; www.nycbikemaps.com

Copenhague: desde 1995, a pioneira nas bicicletas de aluguel espalhadas pela cidade – www.bycyklen.dk; www.cyclecopenhagen.dk

Paris: com 23.900 bicicletas para alugar em 1.751 estações, um recorde europeu absoluto, mas a cidade de Lyon conta com o sistema mais bem distribuído, mais acessível e mais simples para o usuário – www.velib.paris.fr

Londres: www.tfl.gov.uk

Barcelona: www.bicing.cat; www.bikerentalbarcelona.com

Bruxelas: com 5 mil bicicletas, 27 mil associados mensalistas e, em 2012, 144 mil usuários eventuais. Veja: www.villo.be; www.provelo.org

Amsterdã ameaça ficar saturada de ciclistas. Formam-se grandes filas principalmente para a balsa atrás da Estação Central.

7 Frutos do Cerrado

Ilustradora: Luciana Ferreira

Dez anos atrás, falar sobre o Cerrado era algo atrasado. O Cerrado era uma coisa do passado, como a região De Kempen [A Campina], na Bélgica, somente remetia a Bokrijk[1]. Solo infértil, pobre: para esquecer o mais rapidamente possível. Os casarões e sítios vistosos que agora existem em De Kempen há várias décadas são testemunhas. É como se eles quisessem clamar: "Não, nós não somos pessoas estúpidas condenadas a permanecer pobres sobre este solo arenoso."

Do constrangimento ao orgulho

Um fenômeno semelhante ocorreu em 11 estados do Brasil Central. O Cerrado despertava repulsa, até que a área de quase 2 milhões de km^2 foi descoberta pelo agronegócio: fácil de desbravar e de corrigir o solo com calcário. É a agricultura de exportação a serviço do mercado mundial, ainda que baseada em um grande aporte de energia. Desde então, a palavra de ordem é: **desmatar**. Removam essas árvores retorcidas, esquisitas (1)!

Ao mesmo tempo, algo estranho está acontecendo por lá nos últimos anos: em todos os lugares, ressurge o nome "Cerrado". Supermercado Cerrado, posto de gasolina Cerrado, farmácia Cerrado – ainda que o supermercado não venda nada típico do Cerrado, que a farmácia só comercialize medicamentos sintéticos e sejam poucas as plantas medicinais do Cerrado que são oferecidas. Só no posto de gasolina é que se encontra etanol, provavelmente a partir da cana-de-açúcar abundante no Estado de Goiás. Mas é exatamente a cana-de-açúcar uma das principais causas da destruição neste coração do Brasil.

1 Nota da tradutora: **Bokrijk** é uma cidade que data da Idade Média e abriga um museu a céu aberto, com propriedades rurais que reproduzem a vida dos agricultores como ela era até a metade do século XX.

Ou seja, a marca "Cerrado" é eficientemente utilizada no comércio. Afinal, as pessoas estão sempre buscando produtos "locais" autênticos. Grande parte são mentiras e comércio. Novilíngua[2]. Em Flandres, na Bélgica, não é diferente: "carne produzida localmente", enquanto a ração vem do outro lado do oceano. A expressão "produzida localmente" omite esses 10 mil quilômetros de distância e esconde a realidade das granjas de frangos-e-suínos-sem-terra, mas a máquina da propaganda oficial em Flandres não quer saber disso.

Mesmo assim, na região do Cerrado há muitas iniciativas pioneiras e economias crescentes. E realmente vale a pena mencioná-las. Vamos começar com o "Trem do Cerrado" (2). Eles conseguem colocar uma grande variedade de pães no mercado. Pão integral com baru, por exemplo. Ou bolachas feitas com a amêndoa do mesmo baru. É uma típica espécie arbórea do Cerrado, que pode alcançar 25 metros de altura. Ela produz amêndoas com altas concentrações de ferro e zinco. É um pouco semelhante à relação de ferro-zinco da espécie *teff*, da Etiópia (3). O "Trem do Cerrado" merece a devida atenção. Aqueles que lançaram a iniciativa querem, claramente, unir o social e o ecológico. A defesa do que resta do Cerrado, com a enorme biodiversidade, é o seu objetivo principal.

2 Nota da tradutora: **Novilíngua** ou **novafala** é um idioma fictício criado pelo governo hiperautoritário na obra literária *1984*, de George Orwell. A novilíngua era desenvolvida não pela criação de novas palavras, mas pela "condensação" e "remoção" delas ou de alguns de seus sentidos, com o objetivo de restringir o escopo do pensamento. Uma vez que as pessoas não pudessem se referir a algo, isso passava a não existir. Assim, por meio do controle sobre a linguagem, o governo seria capaz de controlar o pensamento das pessoas, impedindo que ideias indesejáveis viessem a surgir (Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Novilíngua; consultada em: 4 fev. 2014).

Pequi e companhia

Os produtos que mais chamam a atenção são os picolés da "Frutos do Cerrado" (4). Não são apenas geladinhos, mas picolés de: graviola, cajá-manga, cajuzinho, mama-cadela, mutamba, mangaba, araticum, brejaúba, taperebá, umbu, tamarindo, pequi, araçá, cagaita, guabiroba, jatobá, murici, seriguela. E há ainda muitos outros valores consolidados dentre as frutas brasileiras: buriti, goiaba, cupuaçu, jabuticaba, jaca, maracujá, açaí e muito mais. O Brasil possui mais de 320 espécies frutíferas, que podem ser facilmente comercializadas. Alguns estudos falam de até de 775 espécies (5) que poderiam ser processadas e comercializadas. O que é que, afinal, os brasileiros estão esperando?

A "Frutos do Cerrado" não consegue obter frutas em quantidade suficiente. Nos últimos anos, a empresa tem crescido 20% ao ano. Poderia ser mais, mas falta-lhe a "matéria-prima" para isso. Esperemos que os agricultores da Agricultura Familiar descubram a tempo que, com a biodiversidade do Cerrado, é possível construir uma economia forte e verdadeiramente sustentável, em vez de serem sugados pelo turbilhão da soja. Clóvis, o fundador da empresa, afirma que, por hectare, é possível obter uma renda 30 vezes maior com o cultivo e processamento de frutas do Cerrado em vez de simplesmente semear soja. Além disso, não há envolvimento de agrotóxicos e, portanto, não há dependência da indústria química.

Picolés no exterior?

Clóvis tem uma boa renda. A empresa já tem mais de 80 pontos de venda no Brasil. No entanto, ele diz que o que o motiva em primeiro lugar é a paixão pela natureza. Pela preservação do Cerrado e a

serviço da construção de uma economia sustentável. Em seu *site*, você pode ler o que ele pensa: "E nós temos que cuidar de toda essa riqueza, preservá-la e levar esse conhecimento adiante. Ficar atento a toda uma rede: da formiga e da abelha até o passarinho. Todos dependem dos mesmos frutos que chegam a você. Frutos do Brasil que foram colhidos, também, para sua degustação – aqui oferecida no palito. Esperamos que seja um momento natural e gostoso. Como o seu dia, que seja muito bom!"

Os primeiros *containers* com picolés para Portugal e Alemanha estão prontos. Será que não seria possível deixar alguns deles em Bruxelas? Por exemplo, para oferecê-los no escritório Mundo B (6)? Será que isso ainda poderia ser chamado de "sustentável"? Eu prefiro ouvir que eles produzem, preferencialmente, para o mercado interno, mas o que poderia haver contra alguns *containers* para a Europa? Em comparação com os 39 milhões de toneladas de importações de soja para a Europa, não é nada. Isso sem falar das toneladas de carne bovina congelada que devem circular no mundo. Como, por exemplo, a carne de gado da raça Belgian Blue, da Bélgica para a China. Engordados com soja do Brasil.

Brilho nos olhos

Peço-lhe algumas embalagens da grande diversidade de picolés, para em seguida mostrá-las nas palestras para 200 jovens na Universidade Federal de Goiás (UFGO) e outros 220 jovens na PUC Goiás. É interessante ver quantos deles ainda se lembram desses nomes estranhos, e como se orgulham dos frutos em si. Animação garantida. Brilho nos olhos. Parece que muitas famílias ainda conhecem a vegetação do Cerrado que ocorre na região onde moram.

O gringo confirma seu saber sobre a enorme riqueza e diversidade que está à disposição de todos. Na região com poucas espécies de onde ele é originário, não é assim.

Será que a "ficha vai cair" em tempo para essa jovem geração apostar nessa economia promissora, a ser construída? Ou estão atraídos pela tentação do paraíso de soja? A serviço da China (1), Monsanto, Cargill e companhia?

Goiânia, 19 de abril de 2012.

(1) Veja os capítulos *A festa arruinada do Cerrado* e *Goiás de joelhos perante a China*, no livro *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

(2) Veja: tremdocerrado.blogspot.be/2008/02/frutos-do-cerrado.html

(3) A espécie *teff* está sendo cada vez mais plantada na Europa, por causa de suas qualidades. Não só a relação zinco-ferro é interessante, mas também o fato de que esse cereal ancestral não contém glúten. E não é que a intolerância ao glúten é justamente uma das muitas doenças que despontam entre os consumidores europeus?! Veja: www.teffcentre.nl

(4) Veja: www.frutosdocerrado.com.br

(5) Veja *Proteínas de ora-pro-nóbis*, em *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2008).

(6) Veja: www.mundo-b.org, edifício que sedia de 40 ONGs, com cerca de 400 funcionários europeus.

8 Macambira-Anicuns: o parque urbano mais longo do mundo

Ilustradora: Adriane Valentim do Amaral Smaka

Uma das muitas atividades desta semana em Goiânia foi o lançamento do novo livro *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança*, nesta manhã, na Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA). Para minha grande surpresa, não havia como chegar até a entrada: jornalistas se aglomeravam em torno de mim (incluindo o jornal do meio-dia, da TV Brasil Central), mais de 200 jovens de um curso técnico agrícola (IFET) lotaram o local, professores, funcionários da AMMA. Aparentemente, a internacionalização da (proteção) do Cerrado é valorizada.

Legal!

Os "culpados"? O fotógrafo João Caetano e Altamiro Fernandes, coordenador do Fórum Goiano em Defesa do Cerrado. Há quatro anos, eles me desafiaram a dar visibilidade ao Cerrado em Flandres/Bélgica/Europa. Enquanto isso, Altamiro trabalha para o Programa Urbano Ambiental Macambira-Anicuns (Puama). Goiânia, com seus 1,4 milhões de habitantes, conta com 30 parques urbanos, mas quer acrescentar um megaparque. A ideia é que Puama se torne um parque urbano de 24 quilômetros de comprimento, o mais longo do mundo. Ele está localizado em 120 bairros e irá melhorar significativamente a vida de 350 mil pessoas. Serão implantadas novas áreas de lazer, bem como seis centros de saúde e seis unidades de ensino. Haverá recuperação ambiental em uma faixa de 30 metros em ambos os lados dos cursos d'água, seguida de uma faixa de 15 metros para bicicletas e pedestres. No total, portanto, uma extensa faixa, com 90 metros de largura, sem contar os próprios cursos d'água. Além disso, serão criados mais dois parques urbanos: o Parque Macambira e o Parque da Pedreira.

Já em 2008, Goiânia era considerada a cidade mais "verde" do Brasil, com 94 m^2 de área verde por habitante. Com a execução dessa obra, eles certamente chegarão a mais de 100 m^2 por habitante.

Quem conseguirá imitá-los? Bruxelas? Nova Iorque? Berlim? Paris? São Paulo? Pequim?

Uma das críticas que regularmente ouço, na qualidade de "gringo", é: "Vocês desmataram a Europa inteira séculos atrás. O que o traz aqui agora para nos dizer que há um problema com o nosso desmatamento?!" É fato, essa história da destruição europeia que agora repetimos no exterior torna uma pessoa humilde no diálogo internacional sobre questões ambientais. E, no entanto, o professor Osmar Pires Martins Júnior, da PUC (Pontifícia Universidade Católica de Goiânia), consolou-me nesta semana com o pensamento: "É verdade e não é verdade. De fato, na Europa, grande parte da floresta original foi destruída há séculos. Porém, veja agora o exemplo da Alemanha. O território é tão grande quanto o estado brasileiro de Goiás. Enquanto, em Goiás, vivem 5 milhões de pessoas, na Alemanha residem 80 milhões. Cerca de 41% do território são áreas naturais, muitas das quais cobertas com florestas." O professor Osmar Pires trabalha na interseção (inovadora) das ciências tecnológicas, jurídicas e biológicas (1). Ele me dá fôlego para entrar nos debates com menos complexos. Tomemos, por exemplo, o sul de Goiás: lá sobrou apenas 5% da vegetação original. O resto foi desmatado nas últimas décadas, para plantio de soja, eucalipto, milho, cana-de-açúcar e criação de gado. O norte e o nordeste de Goiás são abençoados com 70% da vegetação original, mas estão seriamente ameaçados pelos planos chineses para a soja (2). Os europeus podem ter cometido muito erros nos séculos passados, mas os seus descendentes no Brasil não precisam cometer exatamente os mesmos erros. Afinal, vivemos no século XXI e podemos tirar lições a partir dos erros que cometemos coletivamente no passado. De todo modo, Goiânia colabora na recuperação. Os moradores são incentivados a tratar o lixo de modo consciente, a economizar água e a plantar de árvores. No final da apresentação do livro, eu também já recebi a minha muda. Para plantar no futuro parque.

Ilegal!

Para que o parque quilométrico se torne realidade, ainda há muita expropriação e demolição a ser realizada com seriedade. É que há 804 moradias ilegais na área a ser recuperada. Uma das críticas dos fazendeiros no Brasil é que – dependendo da largura do rio – eles devem manter pelo menos 30 metros de ambos os lados nas condições originais, enquanto muitos moradores das cidades constroem suas casas encostadas nos rios e córregos, e passam a poluí-los despreocupadamente. Bem, para Goiânia e esses dois cursos d'água, isso já não será mais o caso.

Casa nova: legal!

Atualmente, 33 pessoas trabalham na expansão do Puama. E justamente Altamiro e sua equipe é que são os responsáveis pelo difícil trabalho de fazer com que as famílias deixem suas habitações ilegais. Um trabalho difícil, com muitos conflitos, embora a oferta da prefeitura seja particularmente atraente. Como se trata de áreas públicas invadidas, eles não serão indenizados pelos terrenos ocupados. Porém, a eles é oferecida uma bela casa nova, que geralmente contrasta fortemente com o "puxadinho" com ares de favela onde já moram há vários anos. Se recusarem a casa, eles podem ocupar um apartamento. Se também não aceitarem essa oferta, um funcionário virá avaliar o valor da construção e a família será indenizada.

Goiânia e outras cidades estão rapidamente sendo "assoreadas" com as dezenas de milhares de carros que aumentam a frota a cada ano. Estresse garantido, porém, depois da batalha exaustiva nas avenidas congestionadas, 350 mil pessoas na capital de Goiás podem, pelo

menos, se recuperar um pouco praticando corrida e ciclismo. Goiânia quer ser incluída numa rede de "cidades sustentáveis no Cerrado" e fazê-lo no âmbito da Rio+20. A cidade abraça a "economia verde". Resta saber se esse "capitalismo verde" é mais do mesmo ou se ele poderá evoluir para uma verdadeira "economia ecológica" (3).

Próximo passo: reduzir os carros "legais"?

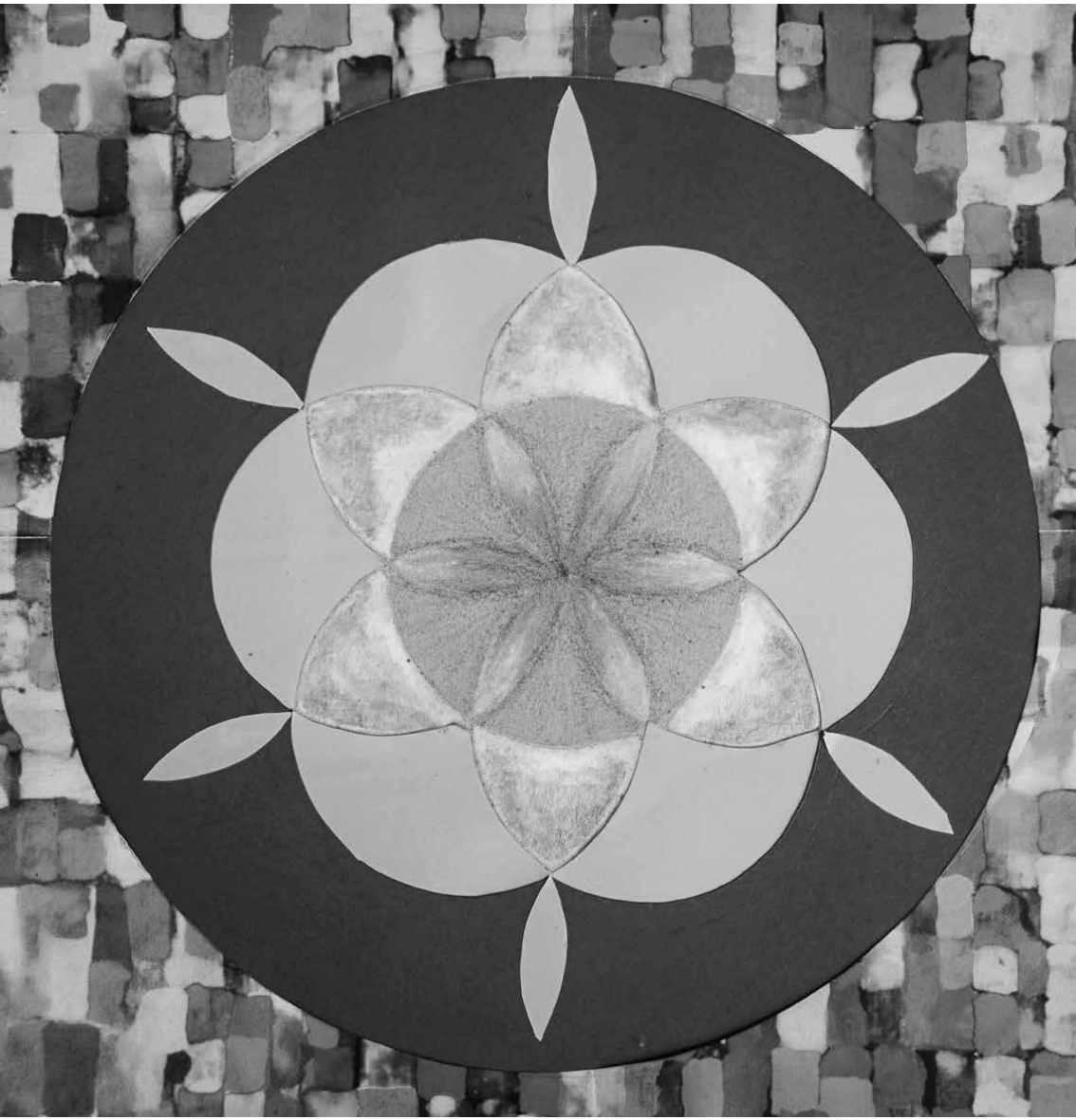
Goiânia, 20 de abril de 2012.

(1) *Perícia ambiental e assistência técnica* (Organizador: Osmar Pires Martins Júnior. PUC-GO, 2010).

(2) Veja o capítulo *Goiás de joelhos perante a China*, no livro: *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

(3) No dia 2 de junho de 2012, Wervel organizou em De Kijfelaar (www.dekijfelaar.be), na localidade de Noorderwijk, Bélgica, um dia de formação sobre "economia ecológica".

9 Fundação Conscienciarte



Ilustradora: Paula Mundin

É tempo de festa em Brasília. Vários milhares de pessoas agarram a oportunidade do feriado do descobrimento do Brasil para fazer uma manifestação contra a corrupção entre os edifícios do governo. Além disso, há as apresentações habituais, mas – pela primeira vez – também ocorre uma grande feira literária, já que no dia 23 de abril se comemora o Dia Mundial do Livro. É interessante observar a grande quantidade de pessoas com sede de ler e de aprender aqui reunida. A presença de famílias com crianças se destaca. A venda de livros está em ascensão ao longo dos últimos anos. No Brasil foram vendidos, em 2011, 7,2% mais livros do que em 2010.

Há também muitos debates e sessões com autores. Nós participamos de um debate sobre a crise econômica mundial. Um bom aquecimento para, no dia seguinte, dialogar com a Embrapa, o centro nacional de pesquisa agrícola do governo, que lembra um pouco o ILVO [*Instituut voor Landbouw- en Visserijonderzoek* = Instituto de Pesquisa Agrícola e Pesca], na Bélgica. Será que a Embrapa também se dedica à Agricultura Familiar e, por exemplo, à comercialização da biodiversidade do Cerrado? Ou, depois de 40 anos, o fluxo principal ainda é "mais do mesmo": soja, cana-de-açúcar e companhia? Existe uma "Embrapa Cerrados", bem como existem a "Embrapa Suínos e Aves", a "Embrapa Florestas", a "Embrapa Soja". E como está a correlação de forças? Em Flandres [Bélgica], por exemplo, o poder está claramente com o setor de carnes. Será que, em Brasília, a Embrapa Soja não tem mais poder do que a Embrapa Cerrados?

Conscientização, arte e cultura

Vamos, então, fazer um "bate e volta" para Paracatu, em Minas Gerais. "Bate e volta"? Sim, 240 km de ida e 240 km de volta. Pelos parâmetros brasileiros, são distâncias insignificantes. Para um belga, significa

cruzar o país. Por que, mesmo assim, fazer a viagem? Peter De Lannoy e Isabel Duarte moraram durante cinco anos em Paracatu – "rio bom", em tupi-guarani –, no meio do vasto Cerrado do Brasil Central. Nessa área, onde o uma vez exuberante Cerrado está há anos sob pressão da mineração (de ouro) artesanal e industrial e da agricultura de escala devastadora (soja, feijão, arroz, cana-de-açúcar, pecuária), também atua a Fundação Conscienciarte, onde Pedro e Isabel estimulavam o protagonismo juvenil e a cidadania ativa por meio de atividades socioculturais. Eles ainda são muito benquistos por lá. E o que isso tem a ver com Wervel? Em Bruxelas, Wervel trabalha atualmente com o coletivo de artistas brasileiros Arte N'ativa. Para, cada um à sua maneira, dar visibilidade ao Cerrado: Wervel com palestras, campanhas, textos e fotos de João Caetano; Arte N'ativa com artesanato e oficinas. "Biojoias" com sementes do Cerrado e da Amazônia, combinadas com a corda de cânhamo por causa da Wervel. Isabel é a animadora o grupo.

Foi uma manhã emocionante em Paracatu, com o Movimento Verde e a Fundação Conscienciarte (1). Ambas as organizações estão, cada uma de sua própria maneira, trabalhando com educação e conscientização e unem esforços com foco renovado e luta contra a produção de soja e biodiesel que avança na região. O nome *Conscienciarte* contém a palavra *arte*, com base na crença de que a arte e a cultura são importantes para promover mudanças. A ONG defende a melhoria da qualidade de vida, os direitos elementares de crianças, jovens e adultos. Isso também inclui conscientização social e, nesse aspecto, as artes, a cultura, os esportes e o protagonismo social voluntário dos jovens muitas vezes desempenham um papel instrumental. Esse "protagonismo juvenil" se tornou uma característica da mudança social que as ONGs brasileiras querem promover. Jovens como protagonistas da mudança – não é maravilhoso? Jovens brasileiros, que simbolizam a esperança

de um futuro melhor, efetivamente trabalham para construí-lo, arregaçando as mangas para realizar mudanças nas suas comunidades.

Nunca vi um escritório tão artisticamente decorado. Em um edifício tombado como patrimônio histórico, nesse bairro colonial também tombado. Isso também é uma "afirmação". Cultura para lutar contra a corrente. Um dos projetos implementados visa fortalecer a identidade cultural dos quilombos e a cultura afro-brasileira, um cineclube está vinculado a um projeto audiovisual para promover a inclusão social, cultural e digital das comunidades – só para mencionar alguns dos projetos interessantes. Eles chegam a milhares de pessoas em toda a região e muito além. Por exemplo, na Caravana Cultural Conscienciarte, em 2010, foram envolvidas 10.200 pessoas e cinco comunidades. Objetivo: atividades de cultura, arte, lazer, esporte e cidadania, focadas principalmente em grupos populacionais menos favorecidos, para dar um impulso sociocultural. Jovens carentes na região do Cerrado brasileiro são conscientizados acerca do seu potencial e das oportunidades de se desenvolverem em seu próprio ambiente e fora da metrópole. Assim, a Fundação Conscienciarte contribui indiretamente para combater o êxodo rural.

Simplesmente ignorar a cultura dos outros

À noite eu embarco no avião de Brasília para Curitiba. Sento-me entre duas mulheres, que representam – involuntariamente – um retrato do Brasil emergente. À minha direita, uma jovem lê a obra *Capitalismo cognitivo*. Um dos mantras entoados constantemente por nossos governos. Conhecimento como poder, com patentes para proteger esse conhecimento e, principalmente, ganhar muito dinheiro. Até que a bolha estoura. Será que a "economia verde" não poderia ser uma variante da mesma ideologia?

À minha esquerda, está uma fazendeira de Laranjeiras do Sul (Paraná), atualmente sojicultora. Há 30 anos, o pai se mudou – com sua serraria – 2 mil quilômetros para o norte, no Pará, onde o governo estadual tem pouco controle sobre o desmatamento e outros fenômenos. Depois que a área estava desmatada, ele e um dos filhos passaram a criar gado – o curso normal dos negócios na "fronteira agrícola". A filha se desloca duas vezes por ano para fazer a contabilidade. Seu marido também está no caminho de casa, mas a partir de outro estado, o Piauí, o estado mais pobre do Brasil. Os sulistas vêm trazer *prosperidade* para o Norte e o Nordeste. Pelos menos, é nisso que eles acreditam. Eles não respeitam a maneira de viver e a experiência da população local, baseada na agricultura de subsistência, ainda que essa população já viva lá há muitas gerações. Do ponto de vista dos sulistas, essa cultura pode ser inescrupulosamente destruída com soja. Eles estão trazendo a agricultura "em grande escala". Na verdade, não se trata da agricultura propriamente dita, e sim de máquinas. De contabilidade. De exportações e de ganhar muito dinheiro rapidamente. As pessoas lá no Norte e no Nordeste, na ex-floresta do Pará e no Piauí, não conseguem compreender. "Lá, nada acontece como deveria", diz a senhora fazendeira. Nunca ouviram falar de gestão. Isso me lembra da revista *Agricultura e Tecnologia*, que o Sindicato dos Agricultores Belgas rebatizou, no início de 2012, de *Gestão e Tecnologia*. De fato, trata-se cada vez menos da prática agrícola e menos ainda de agricultura. "Gestão e tecnologia", é disso que se trata.

Como muitas das pessoas que vieram do Sul, o marido possui uma grande extensão de soja no Piauí. O revestimento dos apoios de cabeça dos assentos no avião também proporciona amparo à ideologia: "Melhor do que assistir ao crescimento do Brasil é crescer com ele". Conte com a consultoria da PwC [PricewaterhouseCoopers]

(www.pwc.com/br). Contudo, é essa mesma PwC que conclama os governos para que tomem medidas urgentes contra a continuidade do aquecimento global.

Então vamos praticar especialmente o crescimento "verde". Afinal, a capacidade de suporte do planeta Terra é ilimitada!

Curitiba, 24 de abril de 2012.

P.S.: Hoje, a Câmara Federal do Brasil aprovou o Código Florestal, após 13 anos de debates. Um desastre para a natureza, "abençoado" para o agronegócio. Muitos dos que votaram "sim" para essa lei estão ligados a uma grande variedade de empresas financeiras. Agora que foi publicada a origem dos fundos de campanha para as eleições de 2010, parece não ser coincidência que aqueles que receberam dinheiro de serrarias ou das grandes potências do agronegócio servilmente votaram "sim" para essa lei alucinante.

"O setor" vai bem: no primeiro trimestre de 2012, houve um aumento de 26,3% na venda de máquinas. Será que a presidenta Dilma, conhecida como sendo economista, ousará emitir um veto a essa lei que perpetua a destruição? Ou será que, depois de 47 anos, o Código Florestal anterior será definitivamente enterrado, pouco antes da Rio+20?

(1) Veja: www.conscienciarte.org.br e www.movimentoverdedeparacatu.blogspot.com

10 Juçara, o acaí do Sul

Ilustradora: Sabrina Soares D'Assunção

Matinhos: um lugar que certamente vale a pena conhecer. É nesta universidade federal, a 100 quilômetros de Curitiba, que são feitas as ilustrações dos livros de Wervel em português. No período da tarde, foi programada uma reunião com uma cooperativa que surgiu a partir da mobilização dos estudantes. O grupo quer aproximar produtores e consumidores. A iniciativa lembra as "Voedselteams"[1] em Flandres [Bélgica]. À noite, apresentação do livro e do filme *À sombra de um delírio verde*, de An Baccaert. Sobre os guaranis do Mato Grosso do Sul e do avanço da cana-de-açúcar para o etanol. Os estudantes ficaram bastante emocionados com esse filme impactante. Ouve-se muito choro e também um sentimento generalizado de impotência. "Tamanhas atrocidades contra a população indígena são possíveis no nosso Brasil? E isso por causa do assim chamado 'combustível verde' do 'Rei Carro'. "

Do palmito para o fruto da juçara

Na cooperativa, alguns estudantes trouxeram uma iniciativa interessante. O fruto do açaí, uma palmeira da região amazônica, é bem conhecido por suas qualidades para a saúde e tem intenso comércio. Atualmente, até na Europa é possível comprar açaí. Menos conhecida é a juçara, uma palmeira da Mata Atlântica (melhor dizendo, dos fragmentos que ainda restam dela). Essa espécie está ameaçada de extinção, entre outros motivos, por causa da colheita do palmito. Isso agora é ilegal, no que se refere às palmeiras na mata. Em plantios comerciais, a colheita de palmito é autorizada. Os jovens (2) têm

1 Nota da tradutora: **Voedselteams** são grupos organizados, em Flandres, que buscam restabelecer o elo entre produtores e consumidores. É uma garantia de que os produtos vêm diretamente do produtor. Esses grupos, por sua vez, inspiraram-se nos clubes Seikatsu, do Japão, que surgiram com o mesmo objetivo, após o desastre de Minamata – envenenamento por mercúrio de habitantes daquela localidade devido ao consumo de peixe contaminado.

agora uma alternativa sustentável, ou seja, não extrair o palmito (o que causaria a morte da palmeira) e, sim, colher seus frutos no topo. Em vez de derrubar a palmeira uma única vez, é possível se alimentar dela durante vários anos. A escalada requer muita habilidade, mas vale a pena. Comparado com o açaí, a juçara é até melhor para alguns nutrientes (3):

Espécie	P (g/kg)	K (g/kg)	Ca (g/kg)	Mg (g/kg)	Fe (mg/kg)	Zn (mg/kg)	Cu (mg/kg)	Mn (mg/kg)
Açaí	**1,4**	7,4	4,8	1,4	328,5	10,1	**20,4**	34,3
Juçara	0,8	**12,1**	4,3	1,5	**559,6**	**12,2**	14,0	43,4

Nota: Estão indicadas em negrito as diferenças estatisticamente significativas.

Em maio, eles organizaram o primeiro "festival da juçara", com o objetivo de informar a população sobre as possibilidades de uso sustentável dessas espécies de palmeira, para o benefício de todos. Esse tipo de iniciativa está se espalhando. Por exemplo, os estudantes de agroecologia de Rio Pomba realizam festivais similares naquela região.

Duto de etanol

Às vésperas da Rio+20, *sustentável* é a palavra que está na boca do povo. Outro dia, houve uma audiência com uma representante do Partido Verde. Ela quer identificar quais são os problemas no litoral. E sim, os problemas realmente merecem atenção. Já existem dois portos (entre outros, o Porto de Paranaguá, para as exportações de soja), mas há planos para mais dois. Com isso, um trecho de costa com apenas 100 quilômetros terá quatro grandes portos. Como o Brasil não se sente chamado somente para alimentar a população mundial,

mas também os motores de carros, está sendo construído um duto para transportar etanol do interior até o porto, rumo à frota de veículos europeia e americana.

A Mata Atlântica pode até ser a floresta mais protegida do Brasil, mas a zona costeira estará, de qualquer modo, sob forte pressão nos próximos anos. É bom que os jovens escaladores de palmeiras, com a juçara, tragam uma pequena contribuição para a proteção da região. Ainda que pareça insensatez...

Matinhos, 26 de abril de 2012.

(1) Veja: www.thedarksideofgreen-themovie.com

Trailer em inglês: vimeo.com/16868372

Trailer em português: vimeo.com/22134567

No Facebook: www.facebook.com/pages/THE-DARK-SIDE-OF-GREEN/132106013477766?sk=wall

Veja também: www.elocompany.com

(2) Informações: coletivoprojucara@yahoo.com

(3) Silva, M. G. C. P. C.; Barretto, W. S.; Serôdio, M. H. Caracterização química da polpa dos frutos de juçara e de açaí. In: XVIII Congresso Brasileiro de Fruticultura. Florianópolis, Santa Catarina, 22 a 26 de novembro de 2004. Anais. CD-ROM, Florianópolis, 2004.

11 As borboletas se foram! Seremos os próximos?

Ilustradora: Jaqueline Dopmuller

O programa no sindicato Fetraf-Sul/Cut deste ano começa em um clima de reflexão. Hospedado numa propriedade em Paial, perto de Chapecó, vamos visitar o Museu Entomológico Fritz Plaumann, conhecido como "Museu das Borboletas", no município de Seara (Santa Catarina).

80% extintas

Aos 22 anos, Fritz Plaumann emigrou com os pais da Prússia para Nova Teutônia, uma vila de Seara, fugindo das consequências da Primeira Guerra Mundial. Ele realizou a paixão de sua vida: o estudo de borboletas e outros insetos. Ele faleceu em 1994, aos 92 anos de idade, e deixou um legado impressionante: 80 mil exemplares, 17 mil espécies diferentes, das quais 1.500 eram desconhecidas. Por causa de seus méritos, 150 dessas espécies receberam uma nomenclatura científica a partir do seu nome: *Antenisius plaumanni*, *Aleiphaquylon plaumanni*, *Ormeta plaumanni*... Ao longo de 70 anos ele estudou borboletas e outros insetos em todo o Brasil. No final de sua vida, ele conviveu com o fato de que 80% das 17 mil espécies estavam extintas no país. Em 1982, a prefeitura de Seara recebeu toda a coleção e fez um museu moderno. O maior museu de insetos da América Latina (1). No jardim, próximo de seus insetos, Fritz foi enterrado. Extinto, como seus insetos. Sua paixão pela diversidade da natureza era a sua vida. Como sacerdote, ele permaneceu solteiro para se dedicar 100% a essa profunda pesquisa. Só com idade mais avançada é que ele adotou uma filha.

Romaria

Extinto, mas com um legado que atrai milhares de visitantes. Como se, a partir de uma profunda nostalgia pela riqueza que a natureza

nos deu, esteja se formando uma romaria para esse museu. Infelizmente, desde os anos 1970, passamos a conhecer a ascensão mundial de agrotóxicos, consistentemente chamada pelo *lobby* do agronegócio de "defensivos agrícolas". Em combinação com o desmatamento maciço, isso fez com que somente possamos admirar esses insetos e maravilhosas borboletas em tais museus.

O livro de visitas registra muitos aplausos. "Fantástico!" "Excelente!" Eu não consigo escrever isso... Meus comentários: "Fiquei mudo e triste."

Um ecossistema que provoca a extinção da diversidade de borboletas está doente. Muito doente. Em Flandres, na Bélgica, restam apenas cerca de 24 espécies que não estão ameaçadas (2). Isso me lembra os mineiros belgas, que levavam um canário para o interior das minas. Se o canário morresse, eles sabiam que o grisu[1] estava se acumulando. Um aviso para saírem da mina imediatamente.

As borboletas têm a mesma função, mas nós não vemos quando elas morrem. Elas morrem silenciosamente.

Recuperação?

Em silêncio e tristes, retornamos para Paial. A maioria das propriedades está abandonada. Ou elas estão ocupadas com eucalipto ou pínus, ou a natureza está tendo uma chance para se recuperar. Nos reflorestamentos de eucalipto, os insetos têm pouca chance. Nos bosques naturais, que voltam a se formar, sim, mas os insetos extintos

1 Nota da tradutora: **Grisu** é uma mistura do CH_4 (metano – gás natural), que ocorre naturalmente nas minas de carvão, com o O_2 (oxigênio) do ar, formando em ambientes fechados uma mistura inflamável que explode facilmente na presença de chamas ou centelhas, e constituía um grande perigo na mineração de carvão (Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Grisu; consultada em: 4 fev. 2014).

não voltarão nunca mais. Um pouco semelhante com o que ocorre com os pássaros na paisagem belga, na qual algumas espécies da família do corvo predominam sobre as outras espécies.

Os insetos mais sensíveis já se foram há muito tempo. Quando será a vez dos humanos? Ou será que não somos mais "sensíveis"?

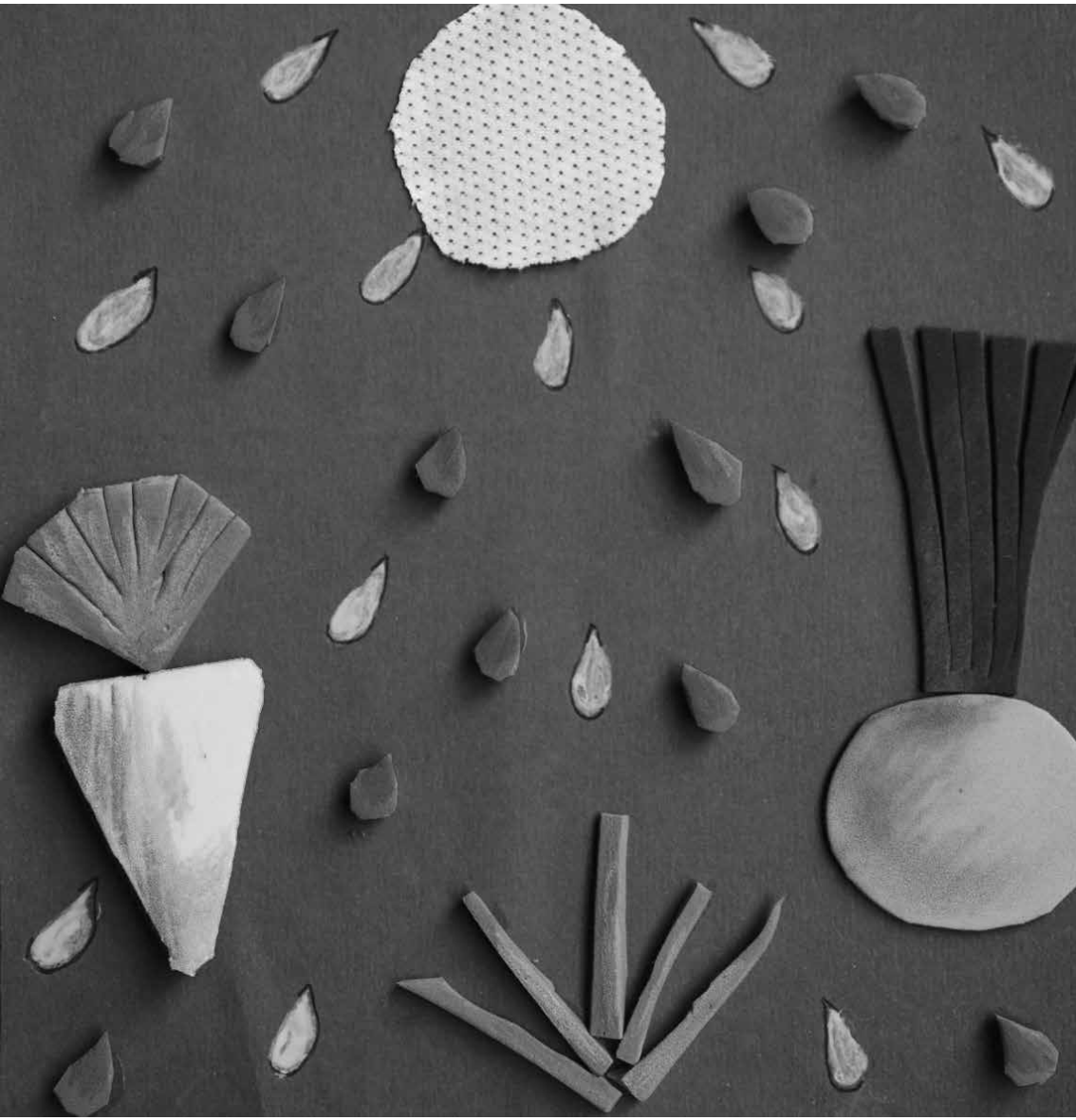
Paial, 28 de abril de 2012.

P.S.: Uma semana depois, inesperadamente, foi incluída na programação uma visita à maior coleção de placas de madeira do mundo (www.casadospratos.com.br), feita por outro valoroso descendente de alemães, Erich Apel. Dessa vez, em Marmeleiro (Paraná). Atualmente, o homem tem 81 anos e há 65 anos ele faz pratos dos mais variados tipos de madeira. Já são, agora, 600 espécies diferentes. Também com o propósito de conscientizar a sociedade da diversidade original deste subcontinente. Interessante observar como esses idosos conseguem chamar a atenção para algo essencial de seu amado Brasil.

(1) Veja: www.fritzplaumann.com.br

(2) Veja: www.inbo.be/content/page.asp?pid=FAU_INS_VL_rodelijst. Até poucas décadas atrás, Flandres contava com 65 espécies de borboletas. Dessas, 16 estão extintas, oito estão ameaçadas, seis estão em risco, sete são vulneráveis, três são raras, uma é pouco conhecida e 24 não estão ameaçadas no momento. Para espécies da fauna brasileira, consulte: www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/55-especies-ameacadas-de-extincao

12 Rota da Agricultura Familiar



Ilustradora: Ana Paula de Oliveira Ruiz

No Brasil residem cerca de 4,3 milhões de famílias agricultoras (Agricultura Familiar – AF), milhões de sem-terra nas cidades e 471.817 fazendeiros com grandes extensões de terras (1). Cerca de 44% das terras agrícolas estão nas mãos de 1% dos fazendeiros (aqueles que possuem estabelecimentos com mais de mil hectares). Algumas ocupam um território do tamanho da Suíça. Ou seja, um único "agricultor" para essa imensa área. Em vez de diminuir, a concentração de terras nas mãos de poucos ainda está aumentando... "graças" ao avanço da soja (ração animal/biodiesel), da cana-de-açúcar (etanol/açúcar) e do eucalipto (para produção de carvão, celulose e, em breve, para etanol). Além disso, há a luta global por biomassa e terras (2). Muito capital estrangeiro aterrissa aqui tomando terras, graças a uma lei do final da década de 1990, que facilitou a compra de terras por empresas estrangeiras. "*Land grabbing*"[1] não é um fenômeno que ocorre apenas na África. Anteriormente, havia muitos meandros legais a serem seguidos para que os estrangeiros pudessem adquirir terras. Por meio de uma dessas estruturas, há décadas a Volkswagen possui vastas áreas na Amazônia, sob o nome de "Volkswagen Brasil".

A desigualdade permanece

Os governos Lula e, agora, da presidenta Dilma tomaram várias medidas para apoiar a AF, mas a desigualdade fundamental permanece. Não apenas a distribuição de terras é desigual, o mesmo é válido para o dinheiro e o poder em Brasília. A "bancada ruralista" é quem dá as cartas no Congresso Nacional. Esse grupo de parlamentares, que

1 Nota da tradutora: ***Land grabbing*** é a questão controversa de aquisições de terras em larga escala: a compra ou arrendamento de grandes extensões de terra, principalmente nos países em desenvolvimento, por governos, empresas e indivíduos nacionais e transnacionais, visando assegurar meios de produção de alimentos. A atividade não leva em conta o impacto nas comunidades locais (Fonte: en.wikipedia.org/wiki/Land_grabbing; consultada em: 4 fev. 2014).

defende os interesses do agronegócio, ocupa um terço das cadeiras, mas é capaz de mobilizar muito mais colegas (3). A bancada dita as leis, como pudemos testemunhar recentemente durante o "esvaziamento" do Código Florestal. No momento, o Greenpeace Internacional está, justificadamente, realizando uma campanha. Com este novo código florestal, novamente dezenas de milhões de hectares de floresta estão ameaçados de intenso desmatamento (4). Nos últimos anos, os fazendeiros se sentem superpoderosos. Isso é evidente não só pela manipulação do tão esperado Código Florestal. Alguns artigos da Constituição de 1988 também estão sendo questionados, especificamente aqueles que freiam a expansão do agronegócio – principalmente os termos que visam à preservação de terras e outros direitos dos povos indígenas são espinhos em seus olhos. Devido ao debate permanente, ao trabalho da imprensa e às invasões ilegais realizadas na prática, a delimitação de "terras indígenas" está sob forte pressão.

Há dois "Ministérios da Agricultura": o ministério ordinário, servindo ao agronegócio e às exportações; o segundo é o "Ministério de Desenvolvimento Agrário" (reforma agrária, Agricultura Familiar, sem-terra). Apesar de todas as medidas adotadas ao longo dos últimos nove anos, o ministério para a agricultura de exportação dispõe de cinco vezes mais recursos para algumas centenas de milhares de fazendeiros em contraste com o "Ministério de Desenvolvimento Agrário" para os milhões de sem-terra e agricultores familiares.

Rota

Nesse contexto, é interessante observar como a AF consegue, de várias maneiras, encontrar novos caminhos de desenvolvimento – muitas vezes com pouco ou nenhum recurso. Tomemos, por exemplo, a Rota da Agricultura Familiar no município de Marcelino Ramos, no norte

do Rio Grande do Sul, com o apoio do sindicato local (Sutraf) e com a federação sindical, Fetraf-Sul/Cut (5). Um intercâmbio entre jovens da Fetraf-Sul e da juventude agrária holandesa em 2004 proporcionou a faísca necessária para iniciar o trabalho. Trata-se de quatro propriedades localizadas nas proximidades de uma reserva natural municipal de 480 hectares. A localização de "Tia Lili" é estrategicamente interessante: fica ao lado da rodovia que liga a região ao Rio Grande do Sul. O restaurante serve principalmente os produtos da própria propriedade e de agricultores familiares da região. À tarde, eles oferecem um café colonial típico (6). Clientela garantida! No final da Rota está localizado o "Quinto Rancho" (7), uma empresa dedicada ao turismo rural. Entre essas duas propriedades, há uma propriedade rural na qual se produz cachaça e, noutra, são feitas linguiças. Obviamente, numa delas é possível degustar e comprar cachaça; na outra você conhece uma das muitas "agroindústrias familiares" do Sul do Brasil. Ari e sua esposa também construíram um verdadeiro museu sobre a vinda dos seus ancestrais para a região.

Quinto Rancho, ou progresso retornando ao passado

É interessante ver como a família Cassol trilhou seu caminho inovador com o "Quinto Rancho". Na época, eles foram os primeiros da região a adquirir um trator e a pulverizar agrotóxicos generosamente. Em 1978, eles se colocaram nas mãos de um integrador e criavam suínos, a serviço de uma das poderosas indústrias de ração-carne, compartilhando o mesmo destino de muitos de seus colegas que ainda não faliram: criar suínos, frangos ou perus a serviço das multinacionais Aurora, Sadia ou Perdigão. A partir de 1995, a família se voltou para a sabedoria do passado. Ela se converteu para uma agricultura mais ecológica. A partir de 1997, a família passou a evitar qualquer

veneno na propriedade. Um "progresso retornando ao passado": o verdadeiro desenvolvimento sustentável, com base nas experiências dos antepassados e as percepções do momento atual.

Eles dispõem de 60 hectares, mas apenas 10 hectares podem ser mecanizados. O resto são morros e floresta. Aos poucos, jovens de uma universidade próxima vinham acampar e eles perceberam que uma combinação de agricultura agroecológica e turismo receptivo era uma das possibilidades. Passo a passo, eles construíram juntos o maravilhoso local que é hoje: Quinto Rancho, com capacidade de abrigar 43 pessoas para pernoite em apartamentos e cabanas. Aos domingos, servem almoço para cerca de 80 pessoas, em média.

A continuidade da expansão da reserva natural nas proximidades certamente reforça essa tendência.

Com inserção nas comunidades, a agricultura sustentável é possível. Florestas, morros, nascentes e riachos nos ensinam o caminho de volta, para longe do veneno. Para longe da escravidão a serviço da agricultura de exportação e do grande capital (internacional).

Marcelino Ramos, 29 de abril de 2012.

(1) O último Censo Agropecuário é de 2006 e revela os seguintes números: no Brasil há cerca de 4,3 milhões propriedades com até 100 hectares (geralmente da Agricultura Familiar), em torno de 90% dos estabelecimentos agropecuários. A eles se contrapõem 471.817 estabelecimentos de médio ou grande porte (com mais de 100 hectares). Esses quase 10% ocupam 78% das terras. Esses números certamente se alteraram de 2006 para cá. Principalmente na Agricultura Familiar deve haver bem menos sítios, tendo em vista o grande êxodo rural.

(2) Veja o capítulo *Neoquímica, compromisso com a vida*, sobre "biologia sintética e nanotecnologia", no livro *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

(3) No Congresso brasileiro, há várias "Frentes". A "Frente Parlamentar da Agoropecuária" conta com uns 268 membros dos 594 representantes federais (513 deputados federais e 81 senadores).

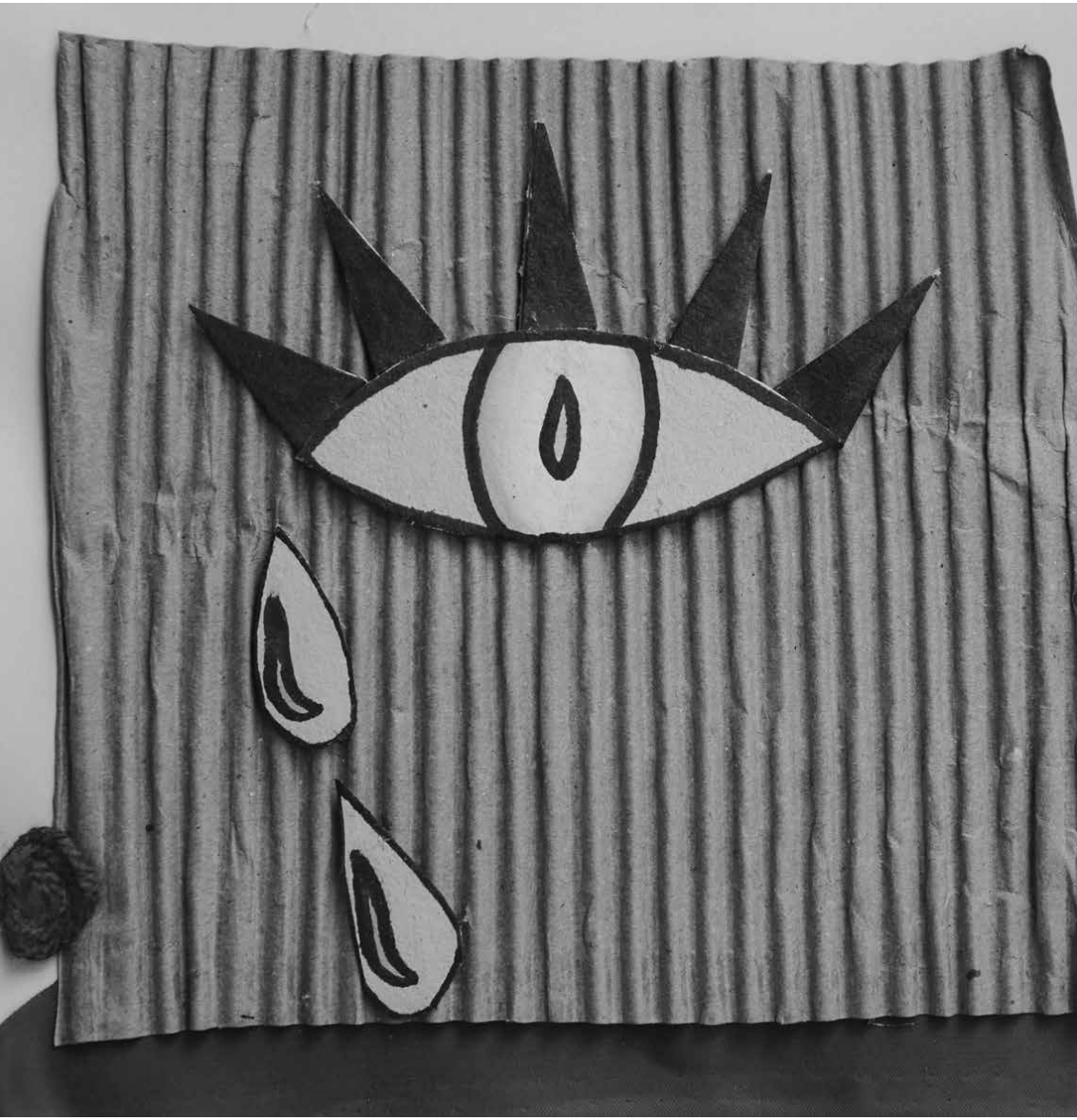
(4) Veja: www.avaaz.org/en/veto_dilma_global/?tta

(5) Veja: www.fetrafsul.org.br

(6) Atualmente, a palavra "colonial" tem, no Brasil, uma conotação bem diferente do que na Europa. Veja a crônica sobre o mesmo tema, *Café colonial*, no livro *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2008).

(7) Para obter informações sobre a Rota da Agricultura Familiar e o Quinto Rancho, veja: www.quintorancho.com.br

13 Biodiesel de soja



Ilustrador: Francisco Wille

"A gente acredita na força do solo gaúcho". Essa declaração de fé ornamenta os silos da Companhia Estadual de Silos e Armazéns (CESA), do Rio Grande do Sul. Como se protegessem a cidade de Erechim. Próximo da Sutraf (sindicato local, ligado à Fetraf-Sul/Cut), eu me deparo com um mural retratando um campo de soja, mãos cheias de soja e o sol nascente. A soja traria prosperidade para essa comunidade. Uma aurora, um amanhecer, como nunca antes visto. É irônico: Fetraf também utilizou o símbolo das mãos, porém cheias de solo fértil e uma frágil e incipiente muda de planta.

Biodiesel, a solução para os agricultores familiares que plantam soja?!

Eu nunca fui fã da ideia da utilização de biodiesel como solução para as nossas necessidades globais de energia. Veja o capítulo *Biodiesel de soja* (1), de 2004, uma "carta aberta" ao coordenador geral da Fetraf-Sul na época, Altemir Tortelli. Não é possível dizer que o biodiesel é socialmente, ambientalmente e economicamente sustentável, apesar de todo o discurso ecobranqueador [*greenwashing*]. Principalmente nestas semanas que antecedem a Rio+20, a roupagem de "sustentabilidade" é vestida alegremente. Na Europa, o vestido mais *sexy* agora se chama "economia verde". Em português, soa mais claro: "capitalismo verde".

Desde a referida carta já se passaram oito anos e podemos dizer que, no Rio Grande do Sul, a maior parte do óleo de soja é destinada ao biodiesel. Na verdade, é uma solução "de limpeza", porque aqui o óleo de soja é, na verdade, apenas um subproduto. Cerca de 18% do grão é composto de óleo, ou seja, apenas 500 litros por hectare, podendo chegar, no máximo, a 570 litros. A soja aqui é plantada, principalmente, para obter farelo de soja, que é destinado à alimentação

animal. Durante anos, nos debates com o setor agrícola na Bélgica/Europa, nos atiraram afirmativas como: "Vocês deviam ficar contentes por nossos porcos, galinhas e gado se alimentarem de farelo de soja. Afinal, é apenas um produto residual." Sempre, invariavelmente! Numa tentativa de calar a voz de Wervel. Por outro lado, aqui em Erechim, a resposta servida a mim numa bandeja é: "A soja é cultivada aqui para ração animal. O óleo e, consequentemente, o biodiesel são apenas subprodutos. Além disso, o óleo de soja não é o melhor para o consumo humano." Fiquei sem palavras, depois de 22 anos de luta contra a mentira descarada de que o farelo seria apenas "resíduo".

A Fetraf-Sul/CUT, a federação de sindicatos de agricultores familiares com a qual Wervel já tem uma ligação há dez anos, sempre se opôs ao avanço da soja (incluindo os OGM). Mas... desde a década de 1960, o grão milagroso (2) é simplesmente um legado da Revolução Verde, também para muitos agricultores familiares. Atualmente, são plantados cerca de 6 milhões de hectares com soja nesse estado, contra 32 mil hectares de colza. Desse volume, 95% é soja transgênica, o inverso do que ocorre em Rondônia – região amazônica desmatada –, onde apenas 5% é soja transgênica. O óleo de colza é de melhor qualidade e rende mais por hectare. Mesmo assim, a maioria dos agricultores se apega à soja, que lhes é familiar. Além disso, o cultivo de colza também está concentrado principalmente nas mãos de grandes proprietários.

Por dia, 2 mil toneladas soja, 600 mil litros de biodiesel

Nós visitamos Olfar (3), uma indústria de "Alimento e Energia". Em 1988, a indústria começou com a produção de óleo para consumo humano e farelo para ração animal; porém, nos últimos cinco anos,

ela mudou completamente a ênfase, para a produção de biodiesel, juntamente com farelo para ração animal. Olfar tem capacidade de processamento de 2 mil toneladas por dia, mas atualmente são processadas mil toneladas de soja por dia. Dentro em breve, passarão a trabalhar na capacidade plena. Já a unidade de produção de biodiesel tem capacidade de produção de 600 mil litros de biodiesel/dia. Para promover o programa de biodiesel e integrar a agricultura-familiar-com-soja nesse processo, o governo federal editou uma lei que determina que 30% da soja utilizada para produzir biodiesel deve vir da Agricultura Familiar (AF). Em média, os agricultores familiares possuem 12 hectares de soja, enquanto os grandes fazendeiros possuem centenas – talvez milhares – de hectares de soja em monocultura. Os fazendeiros plantam soja em grande escala em áreas que são facilmente mecanizáveis. Quando a mecanização não é possível, eles plantam eucaliptos.

Os agricultores da AF têm um contrato com um preço prefixado. Para 2012, esse valor é de R$ 54,50 por saca de 60 kg. Para tornar possível o envolvimento da Agricultura Familiar, o governo cobra menos imposto sobre o produto. Sendo assim, a usina pode pagar um real a mais por saca de soja produzida pela AF. Elas também prestam assistência técnica aos agricultores, sem falar nos fornecedores de sementes, agrotóxicos e fertilizantes...

300 m^3 de eucalipto por dia

Em todo o país você vê silos imensos para grãos. Geralmente, a soja chega com umidade de 15% a 17%. Se a umidade for maior, a perda para o agricultor é grande, pois a soja é seca a 13% de umidade. A diferença é descontada do preço pago a ele. Na usina de biodiesel, a soja é novamente submetida a um processo de secagem, para chegar

a 9% de umidade; em seguida, é feita a extração do óleo com auxílio de um solvente, o hexano. Em ambos os casos, a fonte de energia para a secagem é madeira de eucalipto. Para essa usina, parte dela é fornecida pela AF. Para a secagem de 2 mil toneladas de soja, serão utilizados diariamente 300 m^3 de madeira de eucalipto, ou seja, cerca de um hectare de reflorestamento por dia. A produção de biodiesel em si é baseada no consumo de energia elétrica.

Quando vejo a chegada da madeira, não posso deixar de fazer algumas perguntas: "Eu compreendo que, para essa região e para a AF, há geração de valor agregado, mas quando se visualiza a questão energética globalmente, duvido que essa seja uma solução. Como fica o balanço energético? Ele é positivo ou negativo?"

Balanço energético?

Durante a conversa, reconhece-se que não existe uma solução global para a premente questão energética. Além disso, esse método de produção é fruto dos gêmeos siameses automóveis-carne. O produto principal é o farelo de soja; o biodiesel é um subproduto que, por si só, não é muito eficiente. Compare os 500 litros/hectare com um hectare de cana-de-açúcar, que pode produzir até 6 mil litros de etanol – em um deserto verde de cana, é bem verdade.

Não recebo uma resposta imediata sobre a questão do balanço energético negativo. Dizem, sim, que devemos considerar o todo: óleo para biodiesel e farelo para ração animal. Porém, justamente essa "conversão em carne" é extremamente ineficiente do ponto de vista energético. Até chegar a essa conversão, passa-se por desmatamento com emissões de carbono, o cultivo com várias operações mecanizadas, fertilizantes e agrotóxicos (ambos grandes consumidores

de energia), rochas calcárias trituradas espalhadas nas lavouras, três transportes de soja por caminhão, duas secagens dos grãos com madeira de eucalipto e por todo o processamento até chegar, finalmente, ao biodiesel "sustentável". Exportar biodiesel para a Europa, por exemplo. Novamente, um grande consumo de energia.

E pouco se fala do consumo de água. Justamente nessa região ocorrem, ano após ano, grandes perdas por causa das longas estiagens. Alguns agricultores perderam, neste ano, até 80% de sua soja; outros perderam 50%. E além desse problema climático, o eucalipto não é considerado grande consumidor de água? (4) Em Erechim tem havido racionamento de água há um bom tempo...

Soja, a alternativa "menos interessante"

A pedido do Greenpeace, recentemente foi realizado na Holanda um estudo (Onderzoeksbureau [empresa de pesquisa] CE Delft) sobre o *ranking* de combustíveis mais – ou menos – interessantes. Resultado: soja e colza estão no final do *ranking* (5). A utilização de colza para obtenção de óleo vegetal puro (PPO) não foi incluída nesse estudo, mas é, provavelmente, uma das mais ambientalmente sustentáveis.

A tabela a seguir apresenta pontuações ponderadas para os vários combustíveis alternativos. Foram levados em consideração: emissões de CO_2, ocupação do solo e uso de fertilizantes; porém, não o consumo de água ou as diversas consequências sociais. Quanto maior a pontuação, mais ecológico é o combustível (6).

Combustível à base de:	
Metanol de glicerina	240
Biometanol de resíduos de madeira	236
Energia elétrica sustentável	235
Biogás de resíduos (compostados)	213
Energia elétrica fóssil	212
Hidrogênio	203
Biodiesel à base de óleo de fritura reciclado	192
Gasolina/diesel de petróleo	166
Gás natural	165
Beterraba sacarina (etanol)	163
Cana-de-açúcar (etanol)	160
Milho (etanol)	120
Biogás de biomassa cultivada (milho para silagem)	109
Trigo (etanol)	97
Biodiesel à base de:	
Palma	88
Girassol	80
Colza	73
Soja	18

No Brasil, todo diesel vendido como combustível contém 5% de biodiesel, toda gasolina contém 25% de etanol. Além disso, já há quase 40 anos, milhões de carros são movidos 100% à base de álcool/etanol. Motores "*flex*" funcionam tanto com gasolina quanto com etanol. A União Europeia firmou compromisso para que, até 2020, 10% da energia consumida seja renovável.

O novo estudo joga uma bomba nessa política.

Erechim, 30 de abril de 2012.

(1) Veja: *Biodiesel de soja*, em *Navios que se cruzam na calda da noite. Soja sobre o oceano* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2006). Na sequência, foram publicados vários estudos que confirmam meus temores. No caso de extração de óleo de colza a frio, nas propriedades dos agricultores, a situação é um pouco diferente. A ONG Wervel até é parceira em um projeto de colza em Westhoek. Veja: www.ppo.be e www.beauvent.be

(2) Veja: www.sojaconnectie.be e www.wervel.be/soja

(3) Veja: www.olfar.ind.br

(4) Veja: *Você alguma vez alimentou seu filho com papel?*, em *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2008). Ou consulte este *link*: www.vegetarianismo.com.br/sitio/index.php?option=com_content&task=view&id=990&Itemid=145

(5) Veja: www.ce.nl/nieuws/213/Duurzaamheidsmeetlat_biobrandstoffen/?PHPSESSID=6abbc9b292aa0bafa1865470a9e55b7 [em holandês]

(6) O estudo de Delft reconhece que existem vários critérios que deveriam ser utilizados para avaliar os agrocombustíveis em termos de sustentabilidade. Em sua enumeração, foram listados somente os critérios ecológicos: emissões de gases causadores do efeito estufa; segurança de abastecimento energético; ocupação de terra por unidade de biocombustível, sem concorrência com a produção de alimentos; conservação de nutrientes; consumo de água por unidade de biocombustível; impacto sobre a biodiversidade; uso de culturas geneticamente modificadas. Dessa relação eles utilizaram apenas três critérios no estudo: emissões de gases causadores do efeito estufa, ocupação de terra e conservação de nutrientes (uso de fertilizantes químicos). A tabela mostrada deve ser lida com essas limitações em mente. Ou seja, as emissões de CO_2 foram incluídas, mas é duvidoso que todos os elos possam ser quantificados. Por exemplo, todos os aspectos relacionados com os eucaliptos, descritos acima.

Em estudos relacionados com agrocombustíveis, os critérios sociais não são utilizados com frequência. Alguns aspectos que raramente foram estudados: o aumento da concentração de terras nas mãos de uma elite; êxodo rural; favelas nas cidades; o trabalho considerado análogo à escravidão pelo Ministério do Trabalho, especialmente nas plantações de cana-de-açúcar etc. Como, em muitos estudos, apenas uma parte dos critérios será estudada, nunca conseguimos ter um quadro completo e as conclusões são, às vezes, até mesmo diametralmente opostas.

14 Cooperativismo em 2012

Ilustradora: Ilana Ferreira

O ano de 2012 foi declarado como o "Ano Internacional das Cooperativas". Tudo muito bem, mas o que será que se abriga nessa bela denominação, que sugere cooperação? Bancos, indústrias de ração, empresas de compra e venda de fertilizantes, sementes, grãos, carnes e laticínios: qualquer um deles pode ser uma cooperativa. A maioria começou com a intenção pura de trabalho cooperativo e de levar os cooperados a sério. Nas últimas décadas, muitas das chamadas cooperativas evoluíram para verdadeiras multinacionais, com grandes interesses em exportação. O novo conceito de "soberania alimentar" (1) não é para eles. Não, eles querem ocupar ao máximo o mercado doméstico e externo.

Economia solidária

No Brasil surgiu, nos últimos anos, um forte movimento de "Economia Solidária" (2). O coração da economia solidária é o verdadeiro trabalho cooperativo. Além disso, o amplo conceito de *agroecologia* abrange muito mais do que "não utilizar produtos químicos na agricultura". É um modo de vida coletivo, no qual todos os tipos de colaboração são valorizados.

Estou hospedado na casa de Sandra e Alexandre Bergamin. Alexandre é o coordenador da Fetraf-Santa Catarina. Sandra coordena o movimento cooperativo dos agricultores na região de Chapecó. Ela me conta: "Aqui há uma grande diversidade de organizações de produção e cooperativas agrícolas: associações cooperativas, coletivos de produção, cooperativas de crédito solidário, cooperativas de construção de casas em áreas rurais, agroindústrias familiares e grupos de diversas formas de cooperação, que dinamizam a região, tornando-a o centro de origem de muitas organizações sociais."

A criatividade daqueles que persistem numa zona rural que está encolhendo

De acordo com dados do IBGE de 2000, a zona rural do município de Chapecó contava com 1.837 propriedades, das quais 92% com um caráter familiar. Na década de 1960, a população rural do município representava 68% da população total; em 2003, esta se reduziu a 8%. Vários fatores contribuíram para esse processo, como o surgimento dos grandes complexos agroindustriais, a reestruturação da produção e dos produtores.

Aqueles que persistem agora expandem suas atividades com turismo rural, produção de frutas, criação de peixes e, desde a década de 1990, com a agroindústria familiar em pequena escala. Geralmente, a produção de frutas, a instalação de apiários e outras iniciativas agroecológicas são realizadas de modo cooperativo. Os produtos são comercializados principalmente nas feiras de agricultores de Chapecó; às vezes, pelos supermercados.

Cooperfamiliar

Sandra trabalha para a Cooperfamiliar, que foi fundada em 1995. Desde então tem havido uma explosão de criatividade e sinergia. Quase ao mesmo tempo, surgiram a marca "Sabor colonial" e o Cresol, o fornecedor de crédito de e para a Agricultura Familiar. Também nessa época surgiu, nos três estados do Sul do Brasil, a Ecovida, uma rede de interação de consumidores e produtores. O fornecimento de alimentos da Agricultura Familiar para a merenda escolar teve início em 2002. Há também mais de 50 produtos entregues a instâncias públicas de Chapecó, no âmbito do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA). Cerca de 214 famílias têm gado de leite e recebem assistência técnica da cooperativa.

De acordo com o censo agropecuário de 2010, a Cooperfamiliar possui uma base de 25.143 agricultores familiares, distribuídos em vários municípios.

Sandra fez uma pesquisa entre os membros. As entrevistas revelam que a maioria deles espera que a cooperativa desenvolva canais de comercialização alternativos a serem construídos, especialmente os de venda direta. Outros enfatizam a organização da produção em si mesmos e a assistência técnica. A expectativa é que ela seja uma verdadeira "Cooperativa Alternativa da Agricultura Familiar".

Uma lei para todas as cooperativas

Os membros pedem que a Cooperfamiliar aborde as limitações no processo organizacional. É um problema comum a muitas cooperativas porque, no nível nacional, a lei geral do trabalho cooperativo "trata igualmente organizações muito desiguais". Afinal, um grande banco "cooperativo" é muito diferente de uma pequena organização de fornecimento de crédito cooperativo para agricultores familiares. Para superar essas dificuldades, continua a luta para a criação de leis que estabeleçam uma distinção entre cooperativismo "solidário" e cooperativismo "comercial".

E qual é a situação na Bélgica?

Desde o final do século XIX, há muitas cooperativas. Originalmente elas estavam nas mãos dos agricultores... Atualmente, formalmente, ainda é assim, mas a realidade é – não raramente – de alienação e de concentração de poder pelos representantes das assim chamadas "companhias pioneiras". Enquanto as velhas cooperativas estão fre-

quentemente interligadas com o agronegócio voltado para exportação, surgem novas alianças de cooperação. Por exemplo, dez anos atrás surgiu um problema para os 16 produtores de leite orgânico existentes naquela época, na região de Flandres (Bélgica). Como, de uma hora para outra, eles não puderam mais contar com a coleta de leite pela transportadora habitual, eles fundaram a cooperativa "*Biomelk Vlaanderen*" [Laticínio Orgânico de Flandres]. "Estamos trabalhando com uma transportadora independente e nós mesmos organizamos a coleta", explica o presidente da cooperativa, Johan Broekx. "Nós temos um regimento interno que especifica a quais requisitos o fornecimento de leite deve atender. Acrescentamos alguns parâmetros relacionados a requisitos gerais de qualidade."

"*Biomelk Vlaanderen*" iniciou suas atividades na região de Flandres; porém, há seis anos, também começou a trabalhar com um grupo de pecuaristas de leite de Vielsalm. Os pecuaristas fundadores e os agricultores de Vielsalm são os associados da cooperativa. No total, os 25 pecuaristas produzem 7 milhões de litros de leite por ano. "Nós nos fortalecemos mutuamente", diz Johan Broekx. "Sendo um pecuarista individual que produz 200 mil litros de leite por ano, você não consegue entregar seu leite em qualquer lugar. Também é um problema logístico. O leite pode ter sido ordenhado há, no máximo, três dias. Ele deve ser recolhido e processado dentro de 72 horas. Além disso, nossa localização é bem dispersa. Por isso é realmente importante ter várias pessoas para arcar com o elevado custo da logística."

Ter o controle nas próprias mãos

"Em relação às cooperativas de consumidores, existe um claro processo de reavivamento", diz Hilde Coucke, da ONG *Wassende Maan* [Lua Crescente] (3). "Isso está relacionado com uma espécie de sentimento de au-

tonomia. As pessoas percebem que o setor bancário não vai bem, não confiam mais no governo e decidem assumir o controle das próprias vidas. Especialmente no tocante à alimentação, eu acredito que há um futuro reservado para as cooperativas. No momento, estamos lidando com a questão energética e de crescimento populacional. Portanto, o abastecimento local de alimentos voltará a ser muito importante."

A terra é extremamente cara em Flandres. Para os jovens que não herdaram a terra de seus pais agricultores, é quase impossível de se estabelecer. Felizmente, a Bélgica ainda conta com uma boa Lei de Arrendamento, que protege o arrendatário juridicamente. Por causa da existência de uma nova tendência de jovens das cidades que querem se tornar agricultores, surgiu – a partir da sinergia entre *Landwijzer vzw* [Centro de Formação em Agricultura e Alimentação Orgânica e Biodinâmica; organização sem fins lucrativos] (4) e outras organizações – a ideia de criar um fundo de aquisição de terras para produção orgânica. Nos moldes do exemplo inspirador de *Terre de Liens* [Terra de Ligações] (5), na França, a iniciativa de produtores e consumidores quer adquirir terras livres de ônus para a agricultura orgânica. É uma ampliação da atividade iniciada pela ONG *Land-In-Zicht* [Terra à Vista] (6). Enquanto isso, a ONG *Landwijzer* continua a formar jovens para iniciar a prática da agricultura biodinâmica.

A terra, base de toda a agricultura, torna-se assim o foco de novas cooperativas. Em tempos de "*land grabbing*" globalizada, este é um dos sinais de esperança.

Chapecó, 1º de maio de 2012.

(1) Em relação a *soberania alimentar*, veja: *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2008).

(2) Veja *Economia solidária*, no livro *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

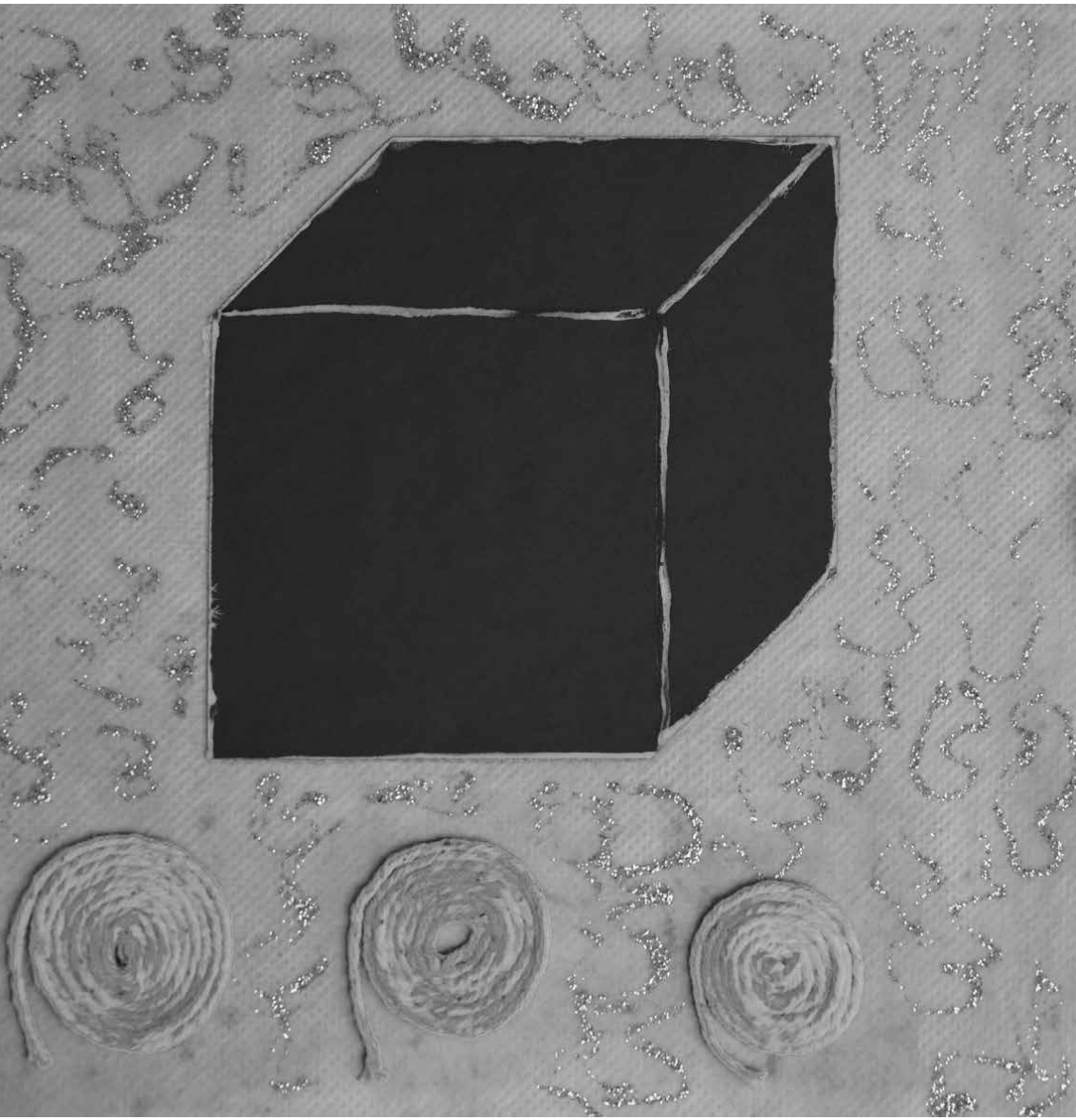
(3) Veja: www.dewassendemaan.be [somente em neerlandês]

(4) Veja: www.landwijzer.be [somente em neerlandês]

(5) Veja: www.terredeliens.org [somente em francês]. Terre de Liens também coordena um estudo europeu para mapear as diversas iniciativas na Europa relacionadas com o gerenciamento coletivo de terras para agricultura orgânica.

(6) Land-In-Zicht: www.kollebloem.be/land-in-zicht; www.biogrondfonds.be [ambos somente em neerlandês]

15 Frango *halal*[1] para a Arábia Saudita



Ilustradora: Carla Beatriz Franco Ruschmann

Isso nunca me aconteceu antes: estou sendo entrevistado por uma muçulmana, em Francisco Beltrão, para a rádio católica Anawim. A jornalista é uma brasileira que, desde criança, queria ser uma religiosa católica envolta em véus, mas a família dela não o permitiu. Mais tarde, ela se converteu ao islamismo e hoje, coberta por véus, ela adentra o sindicato de Fetraf.

OMC e sobrecoxas de frango

Fiquei surpreso. Estamos fazendo a entrevista para a rádio, mas, em seguida, começamos a conversar. Tal como Chapecó, Francisco Beltrão é uma cidade e uma região com grande concentração de avicultores, integrados ao (= sob o domínio de) sistema de produção da Sadia. Eu conto a ela sobre a exportação de frangos para a África, como isso destrói a economia local em muitos países africanos e como a posição das mulheres é prejudicada. Em muitas culturas, são as mulheres que criam os frangos. Quando há festas, o cardápio é frango; porém, desde 1995, as mulheres não conseguem competir com as sobrecoxas de frango congelado do exterior. 1995: o início da Organização Mundial do Comércio, pela qual esses países tiveram de abrir suas fronteiras para as sobrecoxas de frango congelado da Europa e do Brasil. Eu conto sobre o interessante DVD, *Anomalia aviária*, que expõe essa situação perversa (1).

Também conversamos um pouco sobre as recentes mudanças no mercado russo. Até poucos anos atrás, as empresas europeias e brasileiras competiam umas com as outras para ocupar o mercado da Rússia com sua carne de frango. Recentemente, a própria Rússia está com um excedente de carne de frango e, em vão, bate à porta da União Europeia. Agora que a Rússia aderiu à OMC, ela busca no Brasil um aliado para abrir o portão do frango para a Europa.

---

1 Nota da tradutora: ***Halal*** é o termo habitualmente usado nos países não islâmicos para se referir aos alimentos autorizados de acordo com a Xariá, ou lei islâmica (Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Halal; consultada em: 4 fev. 2014).

Halal brasileiro

A jornalista, por sua vez, conta a sua história. Por que ela se tornou muçulmana, mas especialmente como toneladas de frango *halal* de Francisco Beltrão e Chapecó são exportadas para os países árabes e do Oriente Médio: Arábia Saudita, Irã, Iraque, Egito, Paquistão etc. Como esses frangos são tão "puros", os japoneses também estão interessados neles. Em ambos os casos, trata-se de frangos inteiros, ainda que os japoneses deem preferência aos frangos menores. Para a Rússia também ocorrem muitas exportações *halal*, mas nesse caso se trata de partes do frango: sobrecoxas, coxas... O frango como um símbolo da globalização.

Muitos muçulmanos trabalham aqui nos abatedouros da Sadia. Regularmente também chegam equipes rigorosas de vistoria da Arábia Saudita, Egito e outros países.

Eu a questiono sobre a assim chamada "pureza": "Eles podem ter sido abatidos de acordo com os princípios *halal*, mas e quanto à grande quantidade de hormônios e antibióticos na avicultura brasileira? Isso não é contra a *halal*?"

Ela acena com a cabeça em concordância: "Complicado, mas não há muito a fazer. Os frangos simplesmente têm de crescer rapidamente."

Francisco Beltrão, 2 de maio de 2012.

(1) Uma publicação de Mídia na União Europeia (2006): www.eu-media.info, com o apoio de várias ONGs europeias, ligadas a igrejas evangélicas. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=XOO0KoCsdf0

16 CO_2 do Brasil às vésperas da Rio+20

Ilustradora: Maria Virginia Gapski Giordani

Na viagem anual, eu sempre passo no *campus* Rio Pomba, do IFET. Ao longo desses anos, essa instituição se juntou aos *campi* de Barbacena, Muriaé e outros que eu não costumo visitar, por não estarem envolvidos com o tema *agricultura*.

O governo Lula investiu pesadamente em 13 novas universidades, com 102 *campi* (1). Ele também elevou os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) ao mesmo nível das universidades e os rebatizou de IFET: "Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia". A presidenta Dilma Rousseff deu continuidade a essa política. Atualmente, já existem 208 IFETs com vários *campi*. Até o final de seu mandato, devem ser mais do que 400 IFETs, com uma prioridade para o Nordeste, onde, até então, havia menos oportunidades de formação.

O avanço do eucalipto para o nosso consumo excessivo de papel

As boas-vindas em Rio Pomba são sempre bem calorosas. Professor Eli de Jesus e seus colegas conseguem mobilizar uma plateia entusiasmada e curiosa. Uma noite nos dirigimos ao *campus* de Barbacena, para a abertura da Primeira Feira de Ciência e Tecnologia. Mais de 200 alunos de diferentes escolas de Barbacena se reúnem numa das mais antigas escolas agrícolas do Brasil: durante dois dias, eles compartilharão suas experiências sobre ciência e tecnologia. Na abertura, uma apresentação musical (incluindo um saxofone; um "gancho" oportuno, pois esse instrumento foi inventado pelo belga Sax, de Dinant). O gringo da Bélgica fará o discurso de abertura. Usamos o DVD *Sustentável no papel*, da ONG Climaxi (2), para falar sobre o caráter não sustentável dos reflorestamentos de eucalipto com selo FSC na Bahia. Para essa ocasião, algo diferente da crônica

abominação da soja. O público está genuinamente indignado com tanto "capitalismo verde" (*greenwashing*) em seu país. Os estudantes também estão insatisfeitos com o novo Código Florestal. Uma delas fez um gancho inteligente com o *slogan* do atual governo, "País rico é país sem pobreza", e elaborou um belo cartaz com os dizeres: "País rico = país verde de florestas. Veta Dilma!".

Rio de Janeiro e Rio+20

No dia seguinte, reapresentamos esse filme novamente no *campus* Muriaé do IFET, a 140 quilômetros de Rio Pomba – distância considerada pequena por brasileiros!

No edifício principal, há uma grande faixa de boas-vindas:

> "Educando para um mundo melhor: mais justo e igualitário, onde as gerações presentes satisfaçam suas necessidades sem comprometer as gerações futuras! Sustentabilidade."

Seria difícil encontrar um ponto de partida melhor para tratar da Rio+20. Há 20 anos, para a alegria de todos, foi lançada a palavra "sustentabilidade", que foi incluída em numerosos textos e declarações. Posteriormente, a comemoração virou frustração quando a indústria passou a utilizar essa palavra em campanhas de *greenwashing*. A "economia verde" que, particularmente, não quer avançar para a verdadeira "economia ecológica" ameaça agora ocupar as sessões oficiais no Rio. No contexto da REDD+ (3), o setor industrial não quer somente arrecadar dinheiro com "créditos de carbono" pelos reflorestamentos de eucalipto, mas também pelos milhões de hectares de monocultura de soja. A lógica por trás disso? "Nossas lavouras de soja captam CO_2. Portanto, nós, fazendeiros, que primeiro derrubamos a

floresta e lançamos milhões de toneladas de CO_2 no ar, agora queremos dinheiro pela captação de CO_2 dos nossos paraísos de soja." Quem vai ajudá-los a parar com essa loucura?

Felizmente, existe o programa paralelo com o encontro dos povos tradicionais e movimentos sociais.

17,2 bilhões de toneladas de CO_2

Exatamente no momento em que o Brasil ameaça esvaziar o Código Florestal de 47 anos de idade, surge um estudo sobre as emissões históricas de CO_2 geradas pelo desmatamento para agricultura e pecuária no Brasil. Nunca antes esses valores foram calculados de forma tão precisa. E o que esse estudo revelou? Entre 1940 e 1995, essa conversão de vegetação nativa em terras agrícolas provocou a emissão de 17,2 bilhões de toneladas de CO_2. Nesse período, a área agrícola brasileira foi ampliada de 106,4 milhões de hectares para 219,5 milhões de hectares.

Agora eu dou palestras nos *campi* do IFET no sudeste de Minas Gerais, no meio da Mata Atlântica – ou melhor: nas montanhas, onde até um século atrás havia Mata Atlântica. Como assim? Segundo o estudo, as maiores emissões foram provocadas justamente pela derrubada dessa Mata Atlântica, especificamente 43%, seguidas pelo Cerrado, com 29%. A Floresta Amazônica representa "apenas" 25%. A explicação para isso? O desmatamento na Amazônia só começou na década de 1970, impulsionada pela ditadura militar da época. A infame "Rodovia Transamazônica" foi, então, construída do leste para o oeste, para atrair os nordestinos para a floresta quando o Nordeste estivesse novamente afetado por uma seca extrema. Garantia de mão de obra barata para o desmatamento! Como a destruição por lá aconteceu mais

recentemente, o imenso desmatamento gravado em nossa retina coletiva não supera o desmatamento menos notado da Mata Atlântica. É que a colonização começou de leste para oeste e, durante séculos, permaneceu principalmente na costa leste. No século XX ocorreu uma mudança drástica, com suas bem conhecidas consequências.

Olivier De Schutter e o gado Belgian Blue

Agora junte esse fato à campanha de difamação que está atualmente se formando em Flandres (Bélgica). No canal de televisão e rádio VRT foram feitos alguns questionamentos críticos sobre o gado Belgian Blue – carne produzida localmente – e, veja, imediatamente o Sindicato Rural Belga (BB) processou a rede de TV flamenga. Por danos à imagem! Mas o que eles mantêm fora das vistas, fora da "imagem", há mais de 50 anos? Exatamente! Esse musculoso gado belga somente consegue ter traseiros tão terrivelmente grandes devido ao elevado consumo de soja vinda do outro lado do oceano. Gado tão musculoso que nem consegue nascer naturalmente. Meu pai era médico veterinário. Por definição, os bezerros eram trazidos ao mundo por cesariana. Para realizá-las, ele foi tirado várias vezes da cama à noite. Quer apostar que, dentro de dez anos, a "nosso" gado Belgian Blue será proibido na União Europeia? Os países escandinavos não conseguem apreciar a nossa "carne mais saborosa do mundo". Se eles encontrarem uma maioria na UE, eles vão tentar proibir essa carne produzida em condições que não garantem o bem-estar animal.

Quase ao mesmo tempo em que ocorria o embate TV-BB, Olivier De Schutter, "relator especial da ONU sobre o Direito à Alimentação", desvelou um pouco a questão. Ele considerou o imenso fluxo de soja transgênica da América Latina para a Europa como um "subsídio para a nossa pecuária intensiva".

Ele apresentou alguns números chocantes: "A Europa necessita de uma área do tamanho da Alemanha fora do seu território para cultivar a ração animal que alimenta nosso gado. Além do milho onipresente em Flandres, esse gado também consome anualmente 40 milhões de toneladas de concentrados de proteínas, principalmente soja transgênica." De Schutter explicou que as plantações de soja em escala só conseguem produzir de modo tão barato porque os impactos negativos no entorno não são incluídos no preço de custo. Ninguém é indenizado pelo desmatamento, pelo êxodo rural e pela pobreza provocada pela grilagem de terras para o plantio de soja. Pois bem, agora vocês estão ouvindo isso de outra pessoa. O que De Schutter esqueceu de contar é que, desde 1996 (Lei Kandir), a soja brasileira é a mais barata porque não paga imposto ao ser exportada. Ao entrar na União Europeia, há 50 anos não se paga imposto de importação (Rodada Dillon do GATT, de 1960-61, e início da Política Agrícola Comum, em 1962) (4).

Flandres espera exportar carne do gado Belgian Blue para a China. O governo flamengo está numa alegre expectativa. Após importar peras dessa mesma Flandres, os chineses estão de olho em "nossa" carne. "Carne produzida localmente", alimentada com soja do Brasil. Já com a carne de porco, a situação é mais difícil. Metade da população mundial de suínos já está na China e, para ela, são importadas 55 milhões de toneladas de soja produzida no outro lado do mundo.

Rio Pomba, 6 de maio de 2012.

(1) Veja *Universidade dos e com os movimentos sociais*, em: *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

(2) *Sustentável no papel*, um filme de Leo Broers e An-Katrien Lecluyse (versões em neerlandês, inglês e português). Veja: www.climaxi.be

(3) REDD: Sigla em inglês para Redução de Emissões Decorrentes de Desmatamento e Degradação Florestal. REDD+: quando são acrescentadas atividades à REDD. "Mesas-redondas" relacionadas a soja, óleo de palma, carne "sustentável" etc. adoram se aprofundar nesse tema. Veja: www.nature.com/news/farm-focus-for saving-trees-1.10339; ht.ly/adaom; www.fastcoexist.com/1679655/can-we-make-enough-food-to-eat-without-cutting-down-all-the-trees

A soja RTRS (soja produzida de acordo com critérios da "Mesa-Redonda sobre Soja Responsável") poderia, injustamente, qualificar-se para receber recursos REDD: por causa do assim chamado desmatamento evitado (ou melhor, principalmente pela observância da legislação nacional, o que é algo bem diferente); por causa do teor de carbono medido no solo e que talvez aumente; de um plano de ação para reduzir o uso de combustível (relacionado com o assim chamado plantio direto que, nesse caso, não significa "não arar", mas com o uso abundante de Roundup e soja Roundup Ready); alguma recuperação de vegetação nativa e "expansão responsável" de lavouras de soja segundo um sistema de "mapeamento" e "zoneamento", aprovado pela RTRS.

(4) Veja *Ração animal, uma história de interdependência*, capítulo final do livro *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2010).

Ética ambiental, Revolução Verde e agroecologia

Prof. Eli de Jesus

Em setembro de 2009, foi anunciado pela imprensa internacional e nacional o falecimento do agrônomo, geneticista e melhorista vegetal Norman Borlaug, laureado com o Prêmio Nobel da Paz de 1970. O Dr. Borlaug se notabilizou durante a Revolução Verde. O curioso é notar que, quando da notícia, boa parte da imprensa – e, inclusive, a Folha de São Paulo (1) – anunciou os feitos do cientista, afirmando que entre as suas grandes contribuições estaria o lançamento de "variedades de plantas com elevada resistência às pragas e doenças". Essa notícia causou grande incômodo e espanto para todos os que conhecem a história da Revolução Verde, pois o grande feito do Dr. Borlaug e seus colaboradores foi exatamente o lançamento das VAPs (variedades de alta produtividade), cuja característica marcante – além, evidentemente, da elevada produtividade – era a fragilidade em relação aos ataques de pragas e doenças e a dependência de elevadas doses de fertilizantes industrializados, de aplicação de elevadas doses de agrotóxicos e de necessidade de irrigação. As variedades tradicionais, crioulas, por outro lado, cultivadas pelos agricultores do mundo em desenvolvimento, eram muito mais adaptadas às condições locais de cultivo, de baixo uso de insumos externos e é evidente que, durante muitos anos, essas variedades garantiam a sobrevivência e a segurança alimentar dos povos de países pouco desenvolvidos.

O feito do Dr. Borlaug tornou os agricultores do mundo subdesenvolvido muito mais dependentes de tecnologias que eram produzidas e dominadas por empresas dos países ricos e, além disso, muito dependentes de energia fóssil (petróleo). Com a crise do petróleo e o uso indiscriminado desses produtos, todos sabem o que aconteceu: êxodo rural, inchaço das cidades, violência urbana, marginalização, contaminação ambiental e humana... E a fome, que seria o

nobre motivo de lançamento das VAPs e que rendeu o Nobel da Paz (1970) ao Dr. Borlaug? Bem, a fome somente aumentou, chegando hoje a cerca de 1 bilhão de cidadãos do planeta, segundo dados da FAO[1]. É preciso notar que a FAO foi um das grandes incentivadoras da Revolução Verde.

Poderiam alguns pensar que a posição aqui estabelecida é contrária à ciência e à tecnologia, que se trata de uma posição obscurantista se posicionar contra a Revolução Verde, mas é digno de nota que, estabelecido um balanço socioambiental, poderemos ver que houve muito mais prejuízos do que benefícios e que a redução do custo dos alimentos, devido à produção em larga escala, foi largamente ultrapassada pela contaminação ambiental, pelas doenças causadas a agricultores e consumidores, pelo aumento vertiginoso das doenças vegetais causadas pela fragilidade das plantas melhoradas geneticamente e pela enorme e incalculável perda de biodiversidade. Para um aprofundamento dessa análise, pode-se considerar a leitura do livro de Susan George (2).

Um aspecto muito preocupante da Revolução Verde foi o fato de ela ter provocado a perda de milhares de variedades de espécies vegetais, que eram cultivadas até 50 anos atrás pelos agricultores. Muitas dessas variedades são hoje armazenadas em projetos de altíssimo custo, como o Svalbard International Seed Vault (SISV), ou Silo Global de Sementes de Svalbard, também conhecido como "Arca do Fim do Mundo", ou por meio dos bancos de germoplasma do USDA, ou da FAO (CGIAR), ou da própria Embrapa. A perda de biodiversidade é um problema tão grave que até cientistas de outras áreas do conhecimento, como o astrofísico e cosmólogo britânico Martin Rees, colocam a destruição da biodiversidade e o aquecimento global entre os maiores perigos a serem enfrentados pela humanidade neste século (3).

Podemos considerar a Revolução Verde como o exemplo mais claro do paradigma produtivista e, para os cientistas agrícolas, o paradigma produtivista resulta

1 **FAO**: Food and Agriculture Organization of the United Nations (em português, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura).

na crença implícita e acrítica, na aceitação dos dogmas da ciência positivista e no ingênuo utilitarismo econômico. A ciência positivista se considera neutra, desprovida de valores e, dessa forma, não haveria a necessidade de avaliação ética de seus processos de pesquisa científica, nem dos seus produtos. O utilitarismo econômico ingênuo reforça a abordagem da ciência positivista, por defender que as tecnologias difundidas e adotadas pelos agricultores são sempre inerentemente aceitáveis, em termos éticos. Assim o "cientista" pode definir sozinho o que é bom para a sociedade, porque "ele sabe". Evidentemente que essa posição não é sustentável ante a ética socioambiental.

O pacote da Revolução Verde trouxe o uso intensivo dos agrotóxicos (fungicidas, inseticidas, herbicidas, acaricidas, bactericidas etc.). Rachel Carson, já no início da década de 1960 (4), apresentou a sua brilhante e incisiva crítica ao uso abusivo de produtos agroquímicos. O trabalho iniciado por Carson levou, em cerca de dez anos, à proibição total do uso de inseticidas clorados (como o DDT) nos EUA, devido à ação carcinogênica e de grande impacto e persistência no ambiente e da ameaça para todas as formas de vida. Esses clorados foram também indutores do surgimento de insetos-praga com grande resistência e/ou tolerância a esses produtos, levando à necessidade de doses maiores, ou ao lançamento de novos agroquímicos.

Embora toda a sociedade esteja exposta aos danos dos agrotóxicos, seus efeitos são muito mais concentrados em agricultores e em trabalhadores da própria indústria, o seu caráter letal é muito amplo e podemos recordar um acidente de grande impacto mundial. Em 1984, na cidade de Bhopal (na Índia), o vazamento de produtos em uma indústria de agrotóxicos (inseticidas) pertencente à Union Carbide (empresa norte-americana, mas que, na Índia, tinha metade do capital partilhada pelo governo indiano) levou à morte cerca de 3.800 pessoas e causou danos severos em, pelo menos, outras 11 mil, embora essas estatísticas sejam contestadas. Esse fato expôs os graves problemas e perigos da indústria química e também fortaleceu o movimento por modelos de agricultura menos agressivos

ao ambiente, pois o homem pode ser a vítima final do uso indiscriminado desses produtos. Os consumidores estão expostos, mas os agricultores e os operários dessas indústrias estão, muitas vezes, mais expostos a esses venenos, caso as normas de segurança e o uso de proteção não sejam rigorosamente seguidos.

A promessa das plantas geneticamente modificadas: "Revolução Verde – o retorno"?

Estaria por trás do modelo das plantas transgênicas a mesma falsa promessa da Revolução Verde? Afirma-se que essas plantas seriam a salvação da humanidade e que seriam a única forma de acabar com a fome no mundo. O que se vê, na prática, é a dominação de poucas e gigantescas empresas, cobrando muito caro pelas sementes e pelos *royalties* e, como se não bastasse, contribuindo decisivamente para a homogeneização genética das áreas agrícolas e para uma diminuição ainda mais ampla da biodiversidade.

O discurso de que trariam a libertação dos agrotóxicos não se sustenta, pois o Brasil, que se manteve em terceiro lugar no consumo de agrotóxicos durante muitos anos, passou, no ano de 2009, para o primeiro lugar, com as sementes geneticamente modificadas [GM] dominando a agricultura exportadora, especialmente a soja. Segundo dados da própria indústria de agrotóxicos, em 2009, somente na categoria de herbicidas, o volume de produtos comercializados atingiu a cifra de 632,2 mil toneladas, um aumento de 9,9% em relação ao ano anterior. Então, como é possível dizer que a tecnologia das plantas GM reduz o uso de agrotóxicos?

Mais recentemente, têm causado espanto na sociedade brasileira os dados sobre contaminação ambiental e humana no Estado do Mato Grosso (5), que vem se tornando o novo celeiro nacional. Pesquisadores da UFMT, liderados pelo professor Wanderlei Pignati, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e do Instituto Nacional do Câncer (INCA), vêm realizando pesquisas

e divulgação de dados alarmantes sobre a contaminação ambiental e na saúde pública. Dos 50 agrotóxicos mais utilizados no Mato Grosso, 22 são proibidos na União Europeia. Resultados apontam que 100% das amostras de leite materno de Lucas do Rio Verde (MT) apresentam DDE (derivado do DDT e cancerígeno) e 13% das amostras apresentam DDT, embora o DDT esteja "proibido" no Brasil desde 1986. Proibida a produção, o transporte e a comercialização, mas como o produto não foi banido, ele se encontra armazenado em casas comerciais e em galpões de empresas. O banimento depende de aprovação no Congresso Nacional, no qual esteve algumas vezes para ser votado e foi retirado da pauta.

Para os europeus, é interessante o dado revelado em um documentário da DWTV, de que 70% das amostras de urina de alemães apresentam glifosato. O levantamento foi feito para diversos países e, em alguns deles, há mais de 90% de contaminação (6). Os trabalhos de Séraline et al. (2012) (7), demonstrando que milho transgênico e glifosato causam câncer em cobaias, foram considerados "má ciência" pela CTNbio do Brasil e pela agência da União Europeia, embora tenha sido publicado na revista científica *Food and Chemical Toxicology.*

Em 2013, o governo federal liberou a compra de agrotóxicos não aprovados pela Anvisa (entidade federal que "libera" agrotóxicos) em caráter emergencial para o controle da lagarta *Helicoverpa armigera*, que está devastando plantações de soja, milho e algodão. Apesar de todo o arsenal de venenos disponíveis no mercado, nenhum está controlando essa lagarta. Pesquisas da Embrapa apontam como causa provável o uso de MilhoBt e SojaBt (geneticamente modificados) como responsável pela morte de inimigos naturais, o que permitiu o aparecimento dessa "nova praga". Mas não seriam exatamente as plantas transgênicas aquelas que **reduziriam o uso de agrotóxicos?** Só os incautos e ingênuos poderiam acreditar nessa nova mentira do século...

Cabe perguntar: será que o Brasil – que já estava muito bem colocado no mercado exportador de soja no final da década de 1990 – realmente precisava da tecnologia da soja geneticamente modificada? Será que essa tecnologia não atende muito mais aos interesses da indústria (no caso da soja RR, de uma empresa, a Monsanto) do que o interesse público e nacional? Talvez a resposta esteja, de certa forma, no que diz o cientista social norte-americano Noam Chomsky, quando afirma que as formas de dominação atuais, após o fim do comunismo, se dão por meio do controle da informação, da propaganda e do chamado "*marketing*". Um relatório do USDA afirmava, em 2002 (USDA, 2002) (8), que "o rápido sucesso das plantas geneticamente modificadas se deve muito mais a uma hipérbole de *marketing* do que aos resultados científicos agronômicos e econômicos, os quais parecem ser ora positivos, ora negativos".

Os valores éticos e ambientais

Há valores importantes nas sociedades modernas e alguns são hoje imprescindíveis. O processo civilizatório não tem sido simples, não é uma linha reta, ascendente, mas sim cheia de altos e baixos, de avanços e retrocessos. Entre os marcos desse processo, podemos apontar o Iluminismo na Europa e o nascimento da ciência moderna, juntamente com a decadência das monarquias absolutistas e o nascimento de repúblicas e de monarquias representativas e democráticas, como marcos muito importantes no caminho da construção da moderna democracia e da cidadania. Direitos como o de votar e ser votado, direito à moradia, à saúde, ao trabalho, a salários mais justos, à educação, são valores ainda distantes para uma boa parte da humanidade, pois diversos países ainda estão em estágios menos avançados na luta pela cidadania e pela justiça social e econômica, e cada uma dessas revoluções deu sua cota na construção desses valores.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, da ONU, de 1948, que seguiu os anos da Segunda Grande Guerra (1939-1945), buscou um novo entendimento entre as nações e os povos, mas veio após a explosão da bomba atômica sobre duas cidades japonesas, o que colocou o mundo à beira de uma hecatombe nuclear, com a corrida armamentista e a Guerra Fria. A queda do Muro de Berlim, em 1989, e o desmantelamento da experiência socialista, com o próprio fim da União Soviética e da Cortina de Ferro, em 1991, desataram o nó da conflagração nuclear, mas isso não deixou a humanidade livre dos armamentos. Há hoje a necessidade de aprofundar esse processo de paz e banimento dos riscos nucleares.

O Brasil viveu uma longa e recente ditadura de 1964-1984 e, após esse período, o país viveu um processo também longo de descontrole inflacionário, que anulava as conquistas no campo político e democrático, conseguidas muito em função de um processo que levou à Constituição brasileira de 1988, a "Constituição cidadã". Somente após 1994, com o controle da inflação e o acerto das contas públicas e dos orçamentos, com a responsabilidade fiscal, o país pôde iniciar um processo reestruturação e de crescimento econômico, com políticas sociais e educacionais mais proativas, dando vazão ao seu potencial de grande nação, rica em recursos naturais e pacífica, em que pese os ainda enormes desafios, como o da reforma agrária.

Esses desafios hoje são numerosos. Pode-se dizer que se soma à questão do desafio da cidadania, vencida a ditadura e incorporados os valores democráticos, mas persistem os desafios como o de vencer a corrupção (corruptos e corruptores) para níveis mais "civilizados". Há também o desafio ambiental, assim como o cultural (povos nativos e seus direitos), há os desafios de gênero (direitos da mulher), o direito das crianças e dos adolescentes, os desafios da diversidade de opções da sexualidade (questão dos movimentos homossexuais e homoafetivos) e dos portadores de necessidades especiais, entre outras questões.

A partir da década de 1960 e, principalmente, na década de 1970, a questão ambiental assumiu uma importância crescente. O lançamento do *Relatório Meadows* (*Limits to Growth*) pelo Clube de Roma, em 1972, e a realização da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Humano e Ambiente no mesmo ano, em Estocolmo (Suécia), abriram caminho para os amplos questionamentos da sociedade sobre os rumos do modelo de desenvolvimento, consumista e destrutivo do ponto de vista ambiental. Em 1987, outro marco importante foi o lançamento do documento *Nosso futuro comum*, pela World Commission on Environment and Development (WCED), comissão dirigida pela então primeira-ministra da Noruega, Gro Brundtland – por isso, o relatório é, às vezes, chamado de *Relatório Brundtland*. Esse relatório popularizou a expressão desenvolvimentos sustentável, ou sustentabilidade, termo que sofreu e sofre de abusos e múltiplas disputas; no entanto, firmou um marco importante. Na sequência, em 1992 houve a grande conferência United Nations Conference on Environment and Development (UNCED), da ONU, e o Fórum Global (sociedade civil) no Rio de Janeiro.

Na questão das plantas e organismos geneticamente modificados, cabe lembrar que, entre os diversos tratados assinados pelas nações nesses eventos multilaterais, um deles é a **Convenção sobre Diversidade Biológica** (CDB), que foi assinada por 156 países – incluindo o Brasil – durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e Desenvolvimento (Earth Summit), ou Rio-92, e ratificada pelo Congresso Nacional brasileiro em 1994. Além de preconizar a conservação da biodiversidade e a utilização sustentável de seus componentes, a CDB ressalta a necessidade da repartição justa e equitativa dos benefícios derivados dos usos diversos dos recursos genéticos. Cabe perguntar: o patenteamento de plantas, garantindo esses direitos de monopólio, está de acordo com essa convenção?

A agroecologia é o paradigma emergente, em construção, que busca dar novas respostas a essa nova ética ambiental e social na área da agricultura e do desenvolvimento rural – e vem conquistando cada vez mais espaço. É digno de nota que, no último congresso brasileiro de agroecologia (Curitiba-PR, 2009),

houve cerca de 4 mil participantes, enquanto no último congresso de agronomia houve cerca de 660 participantes. Isso demonstra o interesse da sociedade em novos caminhos e a nós cabe dar essa reposta. A experiência de agricultores, de ONGs, da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), dos movimentos sociais (como MST e Via Campesina), de centenas de associações e sindicatos e de estudantes e militantes na área da agroecologia nos faz acreditar que estamos trilhando o caminho certo, enfrentando ainda reservas e preconceitos, como dos órgãos de classe, como os CREAs, que têm recusado o registro profissional de diplomas de técnico e tecnólogo em Agroecologia. Mas assim como temos vencido, juntos, essas batalhas, venceremos mais essa e seguiremos no caminho da construção de uma agricultura e de uma sociedade realmente justa social e economicamente, equitativa quanto à biodiversidade, com grande respeito e diálogo cultural, com inclusão, participação e democracia.

A humanidade está tendo de descobrir novos caminhos, está sendo pressionada a descobrir novos modelos de desenvolvimento, nos quais essa falsa oposição desenvolvimento *versus* ambiente seja superada. Como enfatiza Leff (2004) (9), é necessária a emergência de um saber que possa ressignificar as concepções do progresso, pois o crescimento sem limites, sem uma racionalidade social, sem políticas e práticas educativas, sem o questionamento dos paradigmas dominantes do conhecimento e da dominação da natureza, não levarão a humanidade a um verdadeiro desenvolvimento, o que alguns chamam de "sustentável". Apesar das dificuldades, há fatos promissores, como as tecnologias limpas de transporte (veículos híbridos, elétricos, hidrogênio, biomassa), as tecnologias ecológicas de produção agrícola, as tecnologias limpas de produção de energia (biodigestores, geotérmicas, eólicas, biomassa). Assim, há esperança de que as gerações atuais possam legar às gerações futuras um mundo melhor, menos poluído, menos beligerante, mais seguro, mais educado, ambientalmente equilibrado, culturalmente e em termos de gênero mais diverso do que o mundo que herdamos de

nossas gerações anteriores. O livro de Diamond (2006) (10) nos faz um claro alerta, no sentido de que podemos estar caminhando para o desaparecimento, da mesma forma como diversas sociedades que tiveram esse destino.

Prof. Eli Lino de Jesus
eli.jesus@ifsudestemg.edu.br
IF Sudeste Minas Gerais, *Campus* Rio Pomba

Esta é uma versão resumida do texto. A íntegra (com muitas referências) pode ser lida em português na página ***www.motiro.org/sustentabilidade****.*

1. FOLHA DE S. PAULO. Nobel da Paz, cientista agrícola Norman Borlaug morre aos 95 anos. *Folha Online*. São Paulo, 13 set. 2009. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u623242.shtml>. Acesso em: 4 fev. 2014.

2. GEORGE, S. *O mercado da fome*: as verdadeiras razões da fome no mundo. Trad.: E. C. Araújo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 307 p.

3. REES, M. Uma terra de ninguém? Entrevista concedida ao jornalista Christian Carvalho Cruz. *O Estado de São Paulo*, J4, 7 mar. 2010.

4. CARSON, R. *Primavera silenciosa*. Trad.: Raul de Polillo. São Paulo: Melhoramentos, 1964. 305 p.

5. PIGNATI, W. et al. Avaliação do risco à saúde humana decorrente do uso de agrotóxicos na agricultura e pecuária da Região Centro-Oeste do Brasil. *Relatório de Pesquisa CNPq 555193/2006-3*. Brasília: CNPq, 2010.

6. FRIENDS OF THE EARTH. *GMO and Monsanto*: glyphosate weed killer found in human urine across Europe. 13 jun. 2013. Disponível em: <www.globalresearch.ca/gmo-and-monsanto-glyphosate-weed-killer-found-in-human-urine-across-europe/5338868>. Acesso em: 4 fev. 2014.

7. SÉRALINE, G. E et al. Long term toxicity of a Roundup herbicide and a Roundup-tolerant genetically modified maize. *Food and Chemical Toxicity*, Philadelphia, PA, v. 50, n. 11, p. 4221-4231, nov. 2012.

8. USDA. USDA Report Exposes GM Crop Economics Myth. NLPWessex, August 2002. In: *Seeds of doubt*: north american farmer's experiences of GM crops. Bristol: Soil Association, 2002.

9. LEFF, E. *Saber ambiental*: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Trad.: L. M. E. Orth. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 494 p.

10. DIAMOND, J. *Colapso*: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. Trad.: A. Raposo. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 685 p.

17 Dia das Mães

Ilustradora: Ana Vitória do Amaral Smaka

O Dia das Mães é o segundo feriado mais importante no Brasil. Pelo menos, para o comércio. A Associação Brasileira de *Shopping Centers* estima que, nesse período, as vendas serão 8% superiores às do ano passado. O Brasil é um país emergente e, principalmente, a classe média tem cada vez mais renda para gastar. Um fato deve ser registrado: nesse dia, a maioria das pessoas se reúne com a família. As ruas estão desagradavelmente desertas. Muitos restaurantes estão fechados. Até os donos dos restaurantes querem namorar. Ocasionalmente você vê alguém vendendo flores, ou se depara com um taxista tocando a campainha para entregar um presente. No período da tarde, há um grande número de famílias passeando no Parque Ibirapuera.

O campo *versus* a cidade

Eu estou em São Paulo, cercado por arranha-céus. Um contexto completamente diferente do campo. Na política, a cidade sempre foi privilegiada – e, no campo, a agricultura de exportação em larga escala é favorecida desde os tempos coloniais. Sob um governo mais progressista, os movimentos sociais possuem, claramente, uma força de mobilização menor do que, por exemplo, no final da década de 1990. Isso requer reorientação.

Na Agricultura Familiar, a família agricultora é valorizada de acordo. Ou seja, o Dia das Mães é um dia em que todos retornam ao "ninho", porque – sim – muitos jovens emigraram para a cidade. Ainda que a agricultura de exportação, mesmo com um presidente progressista, receba mais atenção do que a AF, os agricultores familiares não permitem que passem por cima deles.

Fetraf-Sul/Cut (1)

Tomemos, por exemplo, a Fetraf-Sul/CUT. A conjuntura é mais difícil do que há 15 anos. Também nesse sindicato há menos poder de mobilização em uma sociedade focada cada vez mais no indivíduo. Como na Europa, ainda não se encontrou um novo equilíbrio entre os direitos e as necessidades de cada pessoa, da família ou do grupo mais amplo e a sociedade em geral. Muitos jovens, principalmente as moças, partiram para as cidades (2). Muitos líderes rurais foram formados nas décadas de 1970 e 1980, dentro da dinâmica das comunidades eclesiais de base e da Teologia da Libertação. Nos anos da ditadura militar, a igreja era o único lugar onde as pessoas podiam se organizar. Agora há liberdade e democracia, pelo menos formalmente. Há menos necessidade de fazer oposição a uma política que proporciona bastante oportunidade para o desenvolvimento. O presidente Lula e, agora, a presidenta Dilma tomaram muitas iniciativas de apoio à AF, mas a agricultura de exportação em larga escala continua recebendo cinco vezes mais apoio financeiro. Enquanto isso, os líderes rurais que estão envelhecendo buscam seus sucessores, mas nem sempre os encontram. Há décadas, a vida na cidade é apresentada como muito mais atraente. O onipresente deus "TV" desempenha um papel inegável nisso.

Seguridade social

E, no entanto, apesar de todos esses obstáculos, as campanhas continuam, tanto com mobilizações nas ruas quanto com o trabalho de *lobby* de apoio, chegando até Brasília. Os principais eixos permanecem: 1. organização da produção; 2. organização sindical; e 3. "políticas públicas". Neste terceiro eixo, trabalha-se principalmente na

seguridade social, habitação em áreas rurais, agricultura ecológica e preservação ambiental, além da ampliação da nova Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que foi criada a partir do impulso dos movimentos sociais (3).

É Dia das Mães. Bem, no terceiro eixo, neste ano a Fetraf-Sul quer investir pesadamente sobre a posição das mulheres na agricultura. Desde 1923 existe seguridade social no Brasil, mas os agricultores e as agricultoras só foram incluídos aqui a partir de 1971. O benefício de licença-maternidade só passou a ser pago às agricultoras a partir de 1994. Apesar de muita luta e mobilização, ainda há muita diferença entre o tratamento dado às mulheres e aos homens na zona rural e na cidade. Por exemplo, na cidade, as mulheres já têm a possibilidade de tirar seis meses de licença-maternidade, enquanto as mulheres da AF têm apenas quatro meses. Neste ano, Fetraf quer abordar as muitas desigualdades que ainda existem com campanhas. O ponto focal é reivindicar que as mulheres da zona rural tenham o mesmo direito a seis meses de licença-maternidade que as mães nas cidades.

Para fortalecer a mobilização, será organizado o "Primeiro Encontro das Mulheres Agricultoras no Sul do Brasil", no dia 23 de novembro de 2012.

Mãe negra

Hoje também faz 124 anos que foi abolida a escravidão no Brasil. Uma coincidência que nos faz refletir sobre a profunda diferença entre a vida de uma mulher branca, descendente de imigrantes italianos, em uma cidade como, por exemplo, São Paulo, e a vida de uma mãe negra, descendente de escravos africanos, na zona rural, ou a vida de uma cabocla numa comunidade de ribeirinhos às margens do Rio Amazonas. O que elas têm em comum? Todas

elas, brancas-negras-pardas, podem ser vítimas da violência. A cada duas horas, uma mulher é assassinada no Brasil.

Chama minha atenção que, no *site* Facebook, eu só encontro mensagens de brasileiros sobre o Dia das Mães. Para encerrar, a mensagem postada por Rosinalda da Silva Simoni em homenagem à Ilê Axé Iya Oloxum (Casa de Benção Mãe Oloxum [Deusa de fertilidade e riqueza]).

> Mãe!
>
> "Ser mãe é assumir de Deus o dom da criação, da doação e do amor incondicional. Ser mãe é encarnar a divindade na Terra."

O sobrenome *da Silva* geralmente indica ascendência de escravos. Quando, no século XIX, começaram a registrar as pessoas e não se sabia de onde vinham, os ex-escravos frequentemente recebiam o sobrenome *da Silva*: "(nascido em) a mata, originário da floresta".

São Paulo, 13 de maio de 2012.

(1) Fetraf-Sul/CUT: CUT é a central sindical cofundada pelo líder sindical Lula (que mais tarde se tornou presidente da República). Ela tem uma ala operária e uma ala camponesa. A Fetraf-Sul é a ala camponesa dos três estados do Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná). A Fetraf-Brasil está presente nacionalmente em 20 estados.

(2) Veja: *Desequilíbrio no "mercado amoroso"*, em *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2010).

(3) Veja: *Universidade dos e com os movimentos sociais*, em *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

18 Agora o Brasil vai importar soja?

Ilustrador: Roberto Rodrigo do Amaral Brasílio

Embora, pelo contrato, os agricultores familiares tenham direito a R$ 54,50 por saca de soja de 60 kg da usina de biodiesel, nas últimas semanas o preço de mercado está mais próximo de R$ 60,00 por saca. Será que eles vão se beneficiar desse aumento ou vai valer o contrato?

Diminuição no crescimento

Enquanto a crise mundial tem implicações para as exportações de *commodities* brasileiras, a soja parece ser uma exceção. Das 23 principais "matérias-primas", 16 apresentam declínio no volume exportado, enquanto 18 tiveram redução no preço. A perspectiva do governo é que as exportações crescerão "apenas" 3,1% neste ano, enquanto o crescimento em 2001 ainda foi de 27%. Sim, o Brasil é um "país emergente" e deseja, principalmente, crescer – não obstante todos os discursos sobre o "verde", o "sustentável", o "socialmente responsável" ou a Rio+20. Crescer até que não reste árvore alguma e até que todos nós pereçamos.

Explosão na demanda por soja

A Europa e os Estados Unidos estão em crise. Assim, a fábrica do mundo – a China – exporta menos e o fornecedor de matéria-prima – Brasil – vende menos minério de ferro e outras *commodities* para essa mesma China. Para a soja, não é esse o caso. Acredita-se que a China vai importar 57 milhões de toneladas de soja neste ano, enquanto em 2010 a importação foi de "apenas" 50 milhões de toneladas. Compare isso com os 39 milhões de toneladas das importações da União Europeia. A demanda global por soja está aumentando, principalmente na Ásia, enquanto – devido à severa estiagem – vários países sul-americanos estão sofrendo perdas significativas. No ano

passado, o Brasil colheu 75 milhões de toneladas de soja; neste ano, a safra seria de menos de 69 milhões de toneladas. Como o preço está muito interessante, as exportações do país triplicaram ainda durante a época da colheita. O resultado disso é que, no final de abril, o Brasil já havia vendido 69% de sua soja e o Paraná, 75% do total. O Paraná é o segundo maior produtor, depois do Mato Grosso. Esse rápido desenvolvimento está fazendo tocar o sinal de alerta na indústria de processamento. Nesse ritmo, o maior produtor de soja – Brasil – terá de importar soja (!) para manter sua própria indústria funcionando. Mas de onde? A Argentina e o Paraguai também foram atingidos pela estiagem e, pela forte demanda da China, os estoques mundiais de soja encolheram, inclusive os norte-americanos. Agora todos estão de olho nos agricultores norte-americanos. Eles ainda podem, rapidamente, plantar mais soja e, em setembro, obter uma safra maior do que a prevista. Mas a estiagem também foi detectada nos Estados Unidos (1). Mais uma vez, os gêmeos siameses soja-milho dão as caras. Quando aumenta o preço da soja, planta-se menos milho na safra seguinte e mais soja (2).

Suinocultura em crise na Europa

Enquanto isso, aqui, na Bélgica e em praticamente toda a Europa, estamos enfrentando uma prolongada crise na suinocultura. Já há quatro anos que os suinocultores estão sendo esmagados, de um lado, pelo aumento dos preços da ração e, do outro, pelos baixos preços da carne. No final deste ano, os preços da ração teriam subido novamente cerca de 40% em relação aos do mesmo período do ano anterior. Uma situação insustentável. Os 50 anos de subsídio sutil, com os preços baixos da soja do exterior para a pecuária intensiva, parece não funcionar mais. O "subsídio invisível que não deveria, de

modo algum, ser chamado de subsídio" colocou, agora, os suinocultores contra a parede. O sistema travou, porque a Ásia está atraindo massivamente a soja para si.

A crise, um momento de reflexão e julgamento (do verbo grego *krinein*: julgar, decidir), tem certamente uma vantagem. Os agricultores e os seus sindicatos estão, finalmente, começando a mostrar interesse por aquilo que propusemos ao longo de décadas, ou seja, voltar a produzir proteínas vegetais na Europa: tremoços, ervilhas e feijões, grama e trevo de modo associado, soja...

De qualquer modo, os brasileiros já estão trabalhando fortemente na safra do próximo ano. No mercado de sementes, há uma escassez aguda, porque todos querem ganhar dinheiro imediatamente. A soja tem uma dinâmica semelhante à do garimpo. Quando é encontrado ouro em algum lugar, todos vão para lá. Legalmente e ilegalmente.

A colheita de 2013 promete bater todos os recordes. O ouro está à flor da terra. O Cerrado e a Amazônia vão sofrer uma pressão enorme. Nesse contexto, a batalha pelo Código Florestal adquire um sabor muito amargo.

São Paulo, Caravanserai, 12 de maio de 2012.

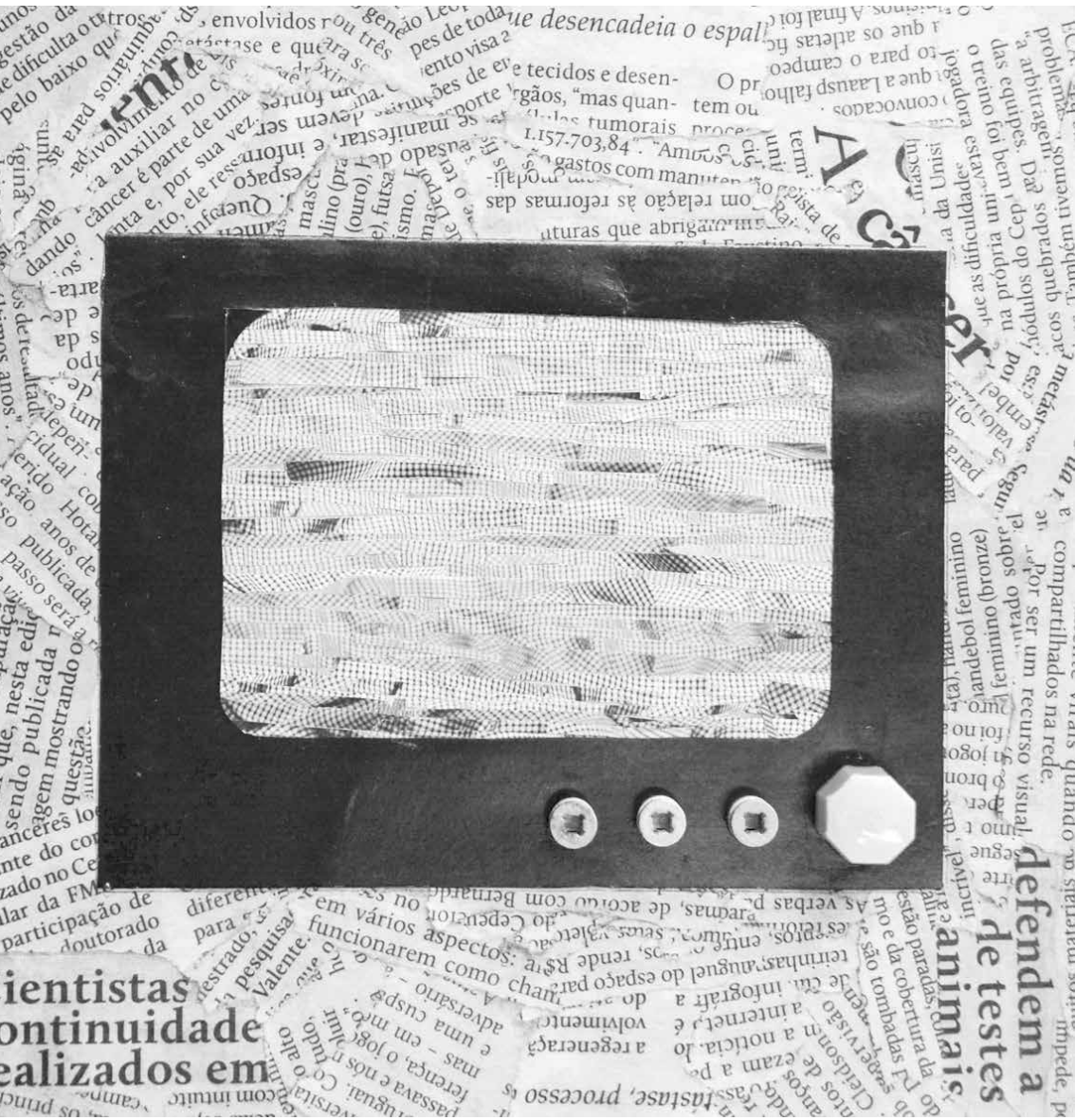
(1) Efeitos do aquecimento global (dezembro de 2012). Nos EUA, 2012 foi o ano mais quente já registrado. O primeiro semestre do ano foi tão quente que, no início de agosto, os EUA já haviam tido mais dias com recordes de temperatura do que em todo o ano de 2011. Nesse período, a temperatura média para o período de janeiro a agosto se elevou para a maior já registrada. Uma estiagem severa atingiu, portanto, 48 estados. Em quase todos os 2.300 *counties* foi decretada "calamidade agrícola". Houve um número extraordinário de incêndios e os fazendeiros tiveram de vender

seus animais porque suas terras se transformam em uma espécie de tapete de pó. O nível de água no Rio Mississippi atingiu um nível mínimo histórico, causando problemas de transporte.

De acordo com alguns economistas, o prejuízo pode ser ainda maior do que aquele causado pelo furacão Sandy. As perdas no setor agrícola foram estimadas em U$ 100 bilhões. Na Região Centro-Oeste, o verão quente e seco consumiu quase três quartos da safra de milho e de soja.

(2) Veja: *Ração animal, uma história de interdependência*, em *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2010).

19 Quem ainda acredita nessas pessoas?



Ilustradora: Paula Mundin

Era uma expressão comumente utilizada por Yves Leterme, durante os longos anos de oposição do partido CD&V [Partido Democrático Cristão Flamengo]. Mais tarde, ele próprio se tornou primeiro-ministro da Bélgica e sua lendária frase se voltou contra ele regularmente, como bumerangue: "Quem ainda acredita nessas pessoas?"

Políticos, não dá para confiar neles!

Quando converso com os brasileiros, sempre chama minha atenção a falta de confiança deles nos políticos. Uma pesquisa recente confirmou o que há muito tempo já é sabido: somente 22% da população ainda confia no Congresso Nacional e apenas 5% nos partidos políticos. As notícias de fraudes amplamente difundidas pela imprensa quase diariamente devem ter tudo a ver com isso. Qual seria o resultado dessa pesquisa entre nós, em Flandres, Bélgica, Europa?

E quem se destaca no Brasil? O exército, com 73% de confiança, a Igreja Católica, com 56%, o Ministério Público, com 55%, grandes empresas, com 45%, e a imprensa escrita, com 44%. Entre nós, na Bélgica, esse quadro pode ser bem diferente.

A coordenadora da pesquisa, Luciana Gross Cunha, afirma que pesquisas internacionais mostram que o Brasil é um dos países da América Latina em que as pessoas têm menos confiança na democracia como sistema político: "Não existe uma relação clara entre a área pública e a privada. A privatização daquilo que é público ainda impera. Essas instituições são sempre vistas como o outro, algo 'do qual eu nada tenho a esperar'."

Às vezes eu me pergunto se a "negação" de mais de três séculos de escravidão e de duas ditaduras desempenha algum papel na desconfiança de tudo aquilo que está relacionado com o governo. Somente agora,

27 anos após o fim da última ditadura, o Brasil instituiu uma "comissão da verdade", um dos últimos países da América Latina a fazer isso. Para, finalmente, encarar a verdade daquele horror.

A mesma pesquisa também mostra que três em cada cinco pessoas não confiam na polícia. O maior grau de desconfiança é encontrado entre os jovens e os pobres. Com relação à faixa etária, a sensação de confiança é maior em pessoas com mais de 60 anos, apesar de, nessa faixa da população, apenas 50% terem uma boa opinião sobre a instituição "polícia".

É normal que a população mais pobre tenha menos confiança na integridade da polícia, pois na luta contra o crime várias corporações são empregadas contra ela. Os ricos acionam a polícia para defender suas propriedades bem protegidas. Muitos vivem em ilhas de luxo na cidade, com segurança privada. Em São Paulo, os mais ricos se deslocam de helicóptero – para não ter de enfrentar o engarrafamento, mas também para não serem confrontados com a pobreza.

A crescente consciência ambiental

Com a perspectiva da Rio+20, também são publicadas pesquisas sobre a crescente conscientização ambiental do brasileiro médio.

Uma pesquisa do Ibope de 2011 revelou que 94% da população está preocupada com o meio ambiente. Em 2010, esse percentual era de 80%. Dos entrevistados, 44% acham que a proteção ambiental deve ter mais prioridade do que o crescimento econômico. O desmatamento é o que mais preocupa os brasileiros, cerca de 53% deles. Em segundo lugar vem a poluição da água, com 44%, e o aquecimento global, com 30%. O estranho é que 38% dos entrevistados acreditam

que a indústria é o principal responsável pelo aquecimento global, enquanto, na realidade, o responsável é o desmatamento – pelo menos no caso do Brasil. Aparentemente, eles não enxergam as relações. Por exemplo, como o Cerrado está sendo rapidamente ocupado com eucalipto-cana-de-açúcar-soja, é a posição secular do gado naquela região que está sob pressão. Por isso os pecuaristas estão se deslocando para a Amazônia. O setor sucroalcooleiro sempre insistiu que eles plantam cana apenas em "terras já desmatadas ou degradadas". Eles também não enxergam a conexão entre a sua ocupação "verde" e o desmatamento mais ao norte no país. Ou melhor, eles negam isso.

A atual discussão do Novo Código Florestal, os subornos e as chantagens em torno dele não têm elementos para fazer aumentar a confiança nos políticos.

São Paulo, 16 de maio de 2012.

Sinais de esperança, a outra notícia

Leen Laenens

Através da história da soja, Luc já esboça há anos a interdependência entre Brasil e Europa/Bélgica. Conhecer e compreender melhor as transformações no Brasil é, por vários motivos, crucial neste período de profunda transição no mundo. Transição na qual precisamos evoluir da atual relação desequilibrada de dependência para uma verdadeira relação de igualdade. Todavia, enquanto nós comprarmos ar limpo no Brasil para cumprir nossas próprias obrigações, enquanto nós incentivarmos a produção de etanol fazendo com que o cultivo de cana-de-açúcar empurre a produção de alimentos para regiões onde isso, por sua vez, provoca desmatamento, enquanto a soja brasileira servir de alimento para os suínos europeus, ainda não chegaremos a lugar algum.

O livro não traz uma análise distanciada das transformações no Brasil. A partir de uma grande vivência e um grande envolvimento pessoal, torna-se visível uma subcorrente de esperança: as pessoas e iniciativas que protestam contra a loucura neoliberal por meio de seu compromisso com a justiça social, não só no Brasil, mas também na Bélgica (1). A justiça social exige uma atitude de vida ética, uma economia ecológica e, para agricultura e alimentos, isso se encontra na opção por agricultura e alimentação em sistemas agroecológicos.

Uma atitude de vida ética

Luc mostra mais de uma vez como ele estabelece a discussão com os brasileiros, numa abordagem cautelosa e com humildade, sem se esquecer da dívida histórica que nós ainda não pagamos. Enquanto isso, o Brasil – sendo um dos cinco países que formam os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) – representa uma nova potência econômica e, assim, nos oferece uma oportunidade de evoluir para uma relação de igualdade. *Mas, então, nós,*

europeus, precisamos deixar de lado nossa atitude superior e buscar meios para lidar de outro modo com as pessoas (2). Uma série de exemplos neste livro/diário nos dá a oportunidade de ampliar efetivamente os nossos horizontes e assim, lentamente, de perceber que é um processo irreversível. Para mim, isso é essencialmente uma busca por uma atitude de vida mais ética, baseada na justiça social. Gerbert Bakx[1] chama uma vida ética de "uma vida de responsabilidade", não apenas pelos próprios pensamentos, emoções e ações, mas também pelo impacto desses sobre outras pessoas e sobre todas as outras formas de vida e o meio ambiente, tanto na nossa vizinhança próxima quanto no contexto mais amplo de toda a terra.

Temos consciência de que podemos viver uma vida mais feliz também como indivíduos, pois vivemos conscientes de que nós estamos fazendo uma contribuição valiosa, longe da vida ditada pela sociedade de consumo. Talvez o sucesso de fenômenos como *crowdfunding* [financiamento coletivo], hortas comunitárias, permacultura, clubes de trocas[2] e a produção de produtos reciclados é um sinal de que estamos lentamente começando a olhar para o valor real das coisas.

Economia verde ou justiça social?

Brasil, o país onde, em 1992, foi realizada a promissora Cúpula da Terra da UNCED [Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento], onde foi firmado, entre outros, o Acordo sobre o Clima. O que

1 Nota da tradutora: **Gerbert Bakx** é autor do livro *De strategie van het geluk* [A estratégia da felicidade] (Schoten, Bélgica: Witsand uitgevers, 2011), e mantém um *site* com o título *Academie van de Levenskunst* [Academia da Arte de Viver]: gerbert.webplus.net

2 Nota da tradutora: Os **clubes de trocas** reúnem moradores de uma comunidade para o intercâmbio de produtos, serviços ou saberes entre si. Cada grupo estabelece sua metodologia e os períodos de reuniões, que podem ser semanais, quinzenais ou mensais (Fonte: www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/04/clubes-de-troca-negociam-produtos-e-servicos; consultada em: 4 fev. 2014).

resultou disso? Nada, ainda estamos na mesma situação – ou pior, nós até regredimos. Na 19ª (!) COP (Conferência das Partes), em Varsóvia (novembro de 2013), a representação global da sociedade civil abandonou antecipadamente a conferência como um protesto contra os resultados lamentavelmente fracos da reunião. Mais uma vez, constatou-se que a conferência depositava sua esperança na "economia verde", que leva a falsas soluções para a crise climática, como agrocombustíveis, transgênicos, e a mecanismos de mercado de carbono, como o REDD (*Reducing emissions from deforestation and forest degradation* [Redução de emissões decorrentes de desmatamento e degradação florestal]). Em países como o Brasil, eles atraem as pessoas pobres para a armadilha com falsas promessas de progresso, enquanto as florestas e os territórios onde essas pessoas já vivem há milhares de anos são privatizados e comercializados. Em países como a Bélgica, os cidadãos, principalmente a classe média com curso superior, gostam de acreditar na solução por meio da economia verde: aparentemente o problema não é tão grave, existem soluções que colocam seriamente em cheque o nosso modo de vida e, acima de tudo, os políticos e as empresas já estão trabalhando nisso. Um mito que Matthias Lievens e Anneleen Kenes desmantelaram claramente e com detalhes em *De mythe van de groene economie* [O mito da economia verde] (3). Não, as mudanças virão da base, das pessoas que se organizam em movimentos ambientalistas, sindicatos, movimentos como "Indignados" e "Occupy Wall Street" e que põem um freio no mercado e na lógica de crescimento, que lutam por uma verdadeira democracia e denunciam o "um por cento da elite no poder", que só trabalha em benefício próprio, ou seja, embolsa os lucros arrecadados dos demais 99%. Elas irão aumentar a pressão sobre os políticos em todo o mundo, porque muitas das causas da injustiça têm origem nessa lógica de crescimento. Não importa se você parte da perspectiva da crise climática, da crise alimentar ou da crise financeira, a luta contra a injustiça é a mesma: a luta por social justiça e redistribuição. A história de crescimento se tornou ecologicamente insustentável. Nós nos deparamos com inúmeros limites, a redistribuição deve voltar a ser o foco central, inclusive na agenda política.

Embora não exclusivamente, o foco deste livro é alimentação e agricultura. É nesses temas que eu acredito que se encontram os desafios também para nós na Bélgica, distanciando-nos da economia verde, com suas iniciativas como soja responsável, que Wervel desmascarou corretamente, e caminhando para a verdadeira economia ecológica, para as alternativas a partir da base.

Agroecologia

O Brasil, conhecido por sua problemática em torno da soja e do desmatamento, também é o país onde se localizava o berço da agroecologia. É um sistema de pensar sobre agricultura e alimentação e que aponta para uma direção construtiva para o futuro de nosso sistema agrícola e alimentar, pois leva em conta tanto a ecologia quanto a economia, a realidade social e a resiliência. A perda da (agro)biodiversidade, as problemáticas do clima e a energética, a escassez de água, a erosão e a degradação do solo, a dependência dos gigantes de sementes e do setor de biotecnologia, as monoculturas... mostram que a abordagem descendente (principalmente técnica) do modelo agroindustrial não produziu o resultado desejado de segurança alimentar. É necessária uma mudança de paradigma, para longe da agricultura industrial produtivista.

Essa mudança deverá ser exigida – portanto, vamos realizar globalmente um verdadeiro debate público sobre agroecologia, como a "nova agronomia" na qual os recursos naturais são gerenciados coletivamente por meio de ação social. Esse debate envolve produtores, agricultores, pesquisadores e consumidores.

O próprio Brasil lida com isso de um modo um tanto esquizofrênico, pois possui dois ministérios da agricultura, a partir do quais continua apoiando dois modelos agrícolas opostos: um ministério para a agricultura agroindustrial convencional e outro para a Agricultura Familiar, mas que é responsável por 70% dos alimentos produzidos. A agricultura convencional está voltada principalmente para a

exportação e ainda tem uma clara superioridade em termos de importância e apoio por meio de legislação e de financiamento da pesquisa. É nela que também se situa a problemática do desmatamento na Amazônia, que – entre agosto de 2012 e julho de 2013 – aumentou 28% em relação ao ano anterior. A ministra brasileira do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, declarou que isso é "inaceitável" e prometeu enfrentar esse "crime". As causas para esse aumento podem estar no esvaziamento do novo Código Florestal, mas especialmente no apoio ao modelo agroindustrial que, por sua vez, está intimamente ligado ao modelo agroindustrial nos EUA e na UE, ou seja, também conosco.

Em nossa pequena região de Flandres [na Bélgica] não há dois ministros da agricultura, mas o governa opta, hoje, predominantemente pelo modelo de crescimento da agricultura industrial. Cabe a nós, à sociedade – a base –, fortalecer as alternativas, dando mais visibilidade àquilo que ora ainda ocorre principalmente à margem. É graças a iniciativas e movimentos locais que a importância da agroecologia evolui lentamente para o debate público e, assim, pode e deve redirecionar a imagem de mundo dominante. Cursos de permacultura e agroflorestais estão em alta no Brasil e em Flandres. Luc descreve belamente essas pessoas, esses movimentos como "aqueles que abrem o futuro".

O relatório IAASTD (4) já reivindicava, em 2008, mais ecologia na agricultura (ciências agrárias), distanciando-se do pensamento de curto prazo, das grandes empresas que direcionam/financiam a grande maioria das pesquisas agrícolas. A forma como a pesquisa é feita agora exige, no mínimo, uma reflexão crítica e convida para alternativas radicais. Esmeralda Borgo escreveu um artigo muito interessante no jornal de Wervel (5), no qual ela afirma que *produção* é mais do que a *quantidade de toneladas de produto comercializável produzida em um hectare*. Avaliar um sistema de produção meramente com base na perspectiva econômico-financeira é sinônimo de prática de pilhagem sobre o futuro. Quem quiser produzir de forma sustentável deverá levar em conta o valor – que não é passível de ser expressado em termos monetários – da acumulação de

húmus necessário e a restrição à produção que é necessária para manter um ecossistema equilibrado. Isso significa, entre outros, que você *sacrifica* uma parte da produção para manter o equilíbrio do sistema ecológico.

Plataformas de conhecimento

Essas alternativas devem ter muito mais visibilidade e as universidades devem abrir sua exclusividade em torno da gestão do conhecimento. Sobre isso, a professora de filosofia da ciência Isabelle Stengers escreve que ciência não é a "monocultura" de uma verdade, mas uma prática social cheia de controvérsias. Os pesquisadores e outros interessados realizam experimentos com as múltiplas relações entre ciência e sociedade. Assim, as plataformas de conhecimento (6) estão surgindo como um modelo refrescante, no qual agricultores, ativistas e pesquisadores de diferentes disciplinas trabalham em conjunto no desenvolvimento e na produção de conhecimento sobre regimes alimentares alternativos em fazendas experimentais ou em outros projetos de pesquisa. Eles compartilham a observação de que a crescente industrialização e o financiamento agrícolas atrapalham as possibilidades de agricultura e de regimes alimentares saudáveis. Eles também compartilham a observação de que grande parte da pesquisa que está sendo realizada hoje em faculdades de agronomia está direcionada para a manutenção dessa situação, devido aos paradigmas em que se baseiam. Tais plataformas de conhecimento estão ativamente empenhadas em desafiar e rejeitar os paradigmas existentes. A pesquisa está sendo radicalmente reorganizada.

Diferentes experiências, valores e interesses garantem que as pessoas vejam alguns fragmentos de uma problemática, que os ampliem e repercutam. Elas contam sua história pelos óculos que possuem, com as técnicas e ações que são parte delas. Afinal, tudo o que sabemos sobre um pedaço do mundo é proveniente da interação que temos com ele. Por exemplo, os

pesquisadores podem considerar as pragas em lavouras como um problema técnico, buscando a solução na modificação do código genético do organismo, ou a utilização de pesticidas. O aparecimento de pragas pode, também, estar ligado ao cultivo de uma diversidade limitada de culturas em grandes áreas e à eliminação dos predadores naturais. A partir desta última perspectiva, a pesquisa vai se concentrar em aumentar a resistência, estimulando a biodiversidade em sistemas agrícolas.

Uma plataforma de conhecimento agroecológico como uma plataforma de aprendizagem também é enfaticamente defendida por Olivier De Schutter (7), o internacionalmente respeitado "relator especial da ONU sobre o direito à alimentação". Ele coloca uma ênfase crescente no necessário desenvolvimento de um sistema de agricultura agroecológica global, que possa tornar nossa agricultura mais eficiente, mais barata e mais acessível, sem que precisemos da engenharia genética. Vamos dar continuidade a essa história e, em 2014, desenvolver uma plataforma de conhecimento europeia sobre agroecologia na Europa e, a partir daí, fortalecer o movimento global junto com outros continentes.

Para encerrar, as palavras de Stephane Hessel e Pierre Rabhi: **"Não aceite, faça algo! Acorde!"**

Leen Laenens
O autor foi deputado federal e diretor da Bioforum Vlaanderen (www.bioforumvlaanderen.be) e, atualmente, é presidente da Velt [Vereniging Ecologisch Leven en Tuinieren = Associação para uma Vida e Horticultura Ecológicas] (velt.be).

(1) Este já é o quinto livro de Luc Vankrunkelsven que é publicado simultaneamente em neerlandês e em português.

(2) PINXTEN, Rik. *Kleine revoluties* [Pequenas revoluções]. Berchem, Bélgica: EPO, 2013.

(3) KENIS, Anneleen; LIEVENS, Mathias. *De mythe van de groene economie, valstrik, verzet, alternatieven* [O mito da economina verde, armadilha, resistência, alternativas]. Berchem, Bélgica: EPO, 2012, em coedição com Jan van Arkel.

(4) www.unep.org/dewa/agassessment/reports/IAASTD/EN/Agriculture%20at%20a%20Crossroads_Synthesis%20Report%20(English).pdf

(5) *Kan je met agro-ecologische productietechnieken de wereld voeden?* [É possível alimentar o mundo com técnicas agroecológicas?] http://www.wervel.be/agroforestry-themas-92/1416-wie-voedt-negen-miljard-mensen-in-2050

(6) Fondation Sciences Citoyennes é um exemplo disso: sciencescitoyennes.org/recherche-participative-ou-en-est-on

(7) SCHUTTER, Olivier De. *The right to eat*. Disponível em: <www.project-syndicate.org/commentary/on-how-the-right-to-food-movement-is-combating-hunger-by-olivier-de-schutter#WlvpFLUqQ6eRCXm7.99>. Acesso em: 4 fev. 2014.

20 Herman Verbeek, o novo Marx do Extremo Norte?

Ilustradora: Silvana A. G. F. Dalcin

No dia 1º de fevereiro de 2013 faleceu Herman Verbeek, o padre holandês e ex-deputado do partido GroenLinks [Esquerda Verde] no Parlamento Europeu.

Poucas semanas antes de sua morte, uma pessoa – muito envolvida com Wervel nos seus anos iniciais – escreveu uma carta de despedida para a longínqua Groningen. Groningen, a cidade mais ao norte da Holanda, onde Herman viveu e trabalhou durante 76 anos.

Chamar o capitalismo pelo nome

Na sua carta, essa pessoa relembra a nossa visita conjunta a Sicco Mansholt[1], em 1990. Ela também discorreu sobre as manifestações contra o baixo preço do leite, em novembro de 2012, e a crise do capitalismo.

Em sua resposta (carta de 5/12/2012), Verbeek escreveu, entre outros assuntos, que "deve ser dada continuidade à análise do capitalismo, ora globalmente dominante, com toda clareza." "Mais do que nunca, deve ser chamado de 'capitalismo'." [...] "Ganhar dinheiro é o primeiro e primordial objetivo. Utilidades, produtos, serviços para as pessoas, para as suas necessidades, por outro lado, foram reduzidos a meros meios para obtê-lo. Três vítimas são conhecidas: o trabalho, os pobres e a terra." Ele também trata de seu livro *A economia como Guerra Mundial*, que ele escreveu em 1990, e sua repercussão na época, como no jornal NRC Handelsblad, sob a manchete: "O novo Marx, um agitador no Extremo Norte".

Não é possível definir Herman Verbeek com uma única palavra. Ele era um sacerdote católico, mas afiadíssimo para com a instituição chamada "igreja". Ele realizava a análise marxista de modo crítico,

1 Nota da tradutora: **Sicco Mansholt**, primeiro Comissário Europeu para a Agricultura.

mas entrou em sério conflito com aqueles que defendiam/defendem um marxismo dogmático. Para muitos agricultores da Holanda e da Bélgica, ele era "o pastor dos agricultores", mas isso fez com que lançasse ataques frontais ao setor agroindustrial. Em sua análise, ele era implacável com os sindicatos agrícolas convencionais desse mundo, pelo modo como eles estão presos ao modelo agrícola agroindustrial globalizado e capitalista.

Antes de tudo, um monge

A vocação de Verbeek era, antes de tudo, ser monge com uma caneta afiada e um talento para um discurso convincente. Os agricultores belgas que abandonaram esse modelo deram testemunho sobre isso depois de sua morte. O criador de cabras R. diz: "Herman é uma pessoa que inspirou muito o meu modo de pensar e agir. Um homem muito especial. Cada palestra dele causava grande impacto em mim."

Eu mesmo conheci Herman Verbeek, em junho de 1984, logo após a sua eleição para o Parlamento Europeu. Ele ocuparia uma cadeira durante dez anos e se debruçaria sobre as questões agrícolas, mas ele também mantinha muitos contatos, principalmente com a base camponesa, com o movimento ambiental, com as organizações Norte-Sul etc.

Naquela época, em junho de 1984, ele ainda conduzia com pouca ousadia seu *workshop* sobre o Evangelho de Marcos: uma mensagem libertadora para os pobres e oprimidos. Pouco ousado, em que isso vai dar no Parlamento?

Naquela época, eu era colaborador do centro de reflexão e formação na Abadia de Averbode e o convidei para um fim de semana

sobre o tema São Marcos. Foi um fim de semana a partir de seus "cantos", no outono de 1987. Desde então, seus textos extremamente poéticos, que possuem uma forte dimensão contemplativa e, geralmente, também uma dimensão político-econômica, inspiram muitos belgas engajados.

Wervel

Em 1989, ele desafiou a mim, na qualidade de responsável do centro, para organizar fins de semana não só de canto e debate, mas também fins de semana com agricultores e agricultoras, consumidores, participantes do movimento ambientalista, do movimento em favor de países em desenvolvimento e do movimento pela paz. Eu posso ser o filho de um veterinário, mas isso jamais havia passado pela minha cabeça: "Um fim de semana crítico dedicado à agricultura em uma abadia, o que resultaria disso?!"

Foi um intenso encontro de dois dias, no qual conseguirmos reunir esses diferentes grupos de interesse. Naqueles dias, eu estava morrendo de medo que essa abadia medieval se tornasse um refúgio para "belos oradores". Assim, invariavelmente, encerrávamos os dias de reflexão e formação dizendo: "Amanhã é segunda-feira. O que vamos fazer a respeito?" Foi a partir dessa pergunta que nasceu Wervel: "Grupo de trabalho por uma agricultura justa e responsável". A sigla Wervel foi inspirada no subtítulo de seu livro *Nas mãos de agricultores: Por uma agricultura justa e responsável*. Um título que já é um programa.

Nos primeiros anos de Wervel, organizamos várias turnês visitando agricultores em Flandres [Bélgica]. O fenômeno "Verbeek" atraía salas cheias, com centenas de homens e mulheres agricultores, de Limburg até Flandres Ocidental. Enquanto, na Holanda, ele era o deputado

mais entrevistado, na Bélgica esse emissor de "interferência agrícola" também foi abordado com frequência, tanto pelo rádio quanto por emissoras de TV e imprensa escrita.

Ao longo dos anos surgiram mais alguns livros escritos por ele, obras de engajamento tanto espiritual quanto político[2]: *Marx é obrigatório?*, *Interesse dos agricultores, A economia como Guerra Mundial, Diário de bordo verde, Contra o espírito do tempo, O homem na estrela, Cantos camponeses, Marés, Cancioneiro da alma, Cancioneiro da terra* etc. Nas últimas semanas de sua vida, enquanto o câncer o agredia, ele finalmente escreveu sua autobiografia: *E, então, a pomba desceu. Memórias*. O livro foi distribuído no funeral.

O agricultor e a agricultora inspiram

O papel desse orador e escritor talentoso no debate agrícola nas décadas de 1980 e 1990 é difícil de avaliar. Ele estava entre os que criaram o "Conselho Agrícola Crítico", da Holanda (que, infelizmente, não existe mais), e ele foi determinante para a fundação de Wervel. Ao mesmo tempo, existe sua grande obra político-estrutural invisível. Por exemplo, no início da década de 1990, ele e a Bancada Verde no Parlamento Europeu conseguiram a implementação de um regulamento em nível europeu sobre agricultura orgânica. Ao mesmo tempo, durante as várias noites de debates, ele soube inspirar centenas de agricultores e consumidores em favor de uma nova política agrícola e de outras práticas agrícolas.

Wervel não é um fim em si mesmo, mas um instrumento para uma transição muito necessária no mundo agrícola. É uma pequena

2 Nota da tradutora: Os títulos foram traduzidos, mas as obras estão disponíveis apenas em neerlandês.

engrenagem de um movimento global pela soberania alimentar. Nesses meios, Herman Verbeek continuará a ser uma inspiração, ainda que agora tenhamos chegado a outro momento. As muitas crises que se encadeiam talvez possam acelerar a tão necessária transformação.

Para encerrar, mais um comentário desse colaborador de Wervel, sobre a última carta: "Por fim, ele escreve que ele ainda pode concluir sua biografia: 'E, então, a pomba desceu.' " Com esse título, ele quer dizer que, em sua vida, ele desceu cada vez mais, do céu para a terra, para a matéria, de toda a superestrutura para a subestrutura..."

Herman, seus pensamentos em livros e poemas permanecem em nós e nos movem.

Obrigado.

Bruxelas, 5 de março de 2013.

Herman Verbeek há três anos: www.youtube.com/watch?v=sFisfjKmEac&feature=youtu.be

21 Uso indireto da terra

Ilustradora: Silvana A. G. F. Dalcin

Todos os anos eu me vejo com o mesmo dilema de consciência. O que fazer a respeito do combustível fóssil finito que consumimos e a respeito das emissões da aeronave que me leva para o Brasil? O que fazer a respeito do enorme volume de lixo – em plástico e alumínio – que tal viagem produz? Eu já faço esse alerta sobre o abuso do "metal verde" (1) desde 1997. A sopa de plástico nos oceanos e o caldo de plástico no Mar do Norte começaram a nos preocupar (2) nos últimos anos.

Dia Internacional da Luta Camponesa

Pergunto à aeromoça se algo será reciclado? "Não, não temos espaço para isso." Isso corta meu coração. A clareza da destruição sempre me transporta mentalmente para a região de Carajás (Pará), uma das áreas de mineração do Brasil. Além do minério de ferro, também se converte muita bauxita em alumínio, um processo muito poluente e com grande consumo de energia. As muitas barragens expulsaram os povos indígenas e os pequenos agricultores para tornar possível a exploração do metal "verde", já que ele poderia ser 100% reciclado. A mesma Carajás onde 19 agricultores sem-terra foram assassinados. Desde essa carnificina, o dia "17 de abril" foi declarado o "Dia Internacional da Luta Camponesa" (3).

Mesmo assim, somente com internet, *Skype*, *Twitter* e *Facebook* a gente não chega lá. Se quisermos estabelecer um diálogo internacional para a conscientização, se quisermos criar vínculos e se esperamos nos organizar, as pessoas e os grupos também precisam se reunir pessoalmente. Razão para fazer, sim, essa turnê a cada ano – enquanto minha idade e minha saúde me permitirem. Para debater, dialogar, articular e para inspirar resistência internacional.

Friends of the Earth Europe [Amigos da Terra Europa]

"Mundo B", o edifício no qual Wervel está sediado, é um lugar de estudo, diálogo, resistência e construção de alternativas. Fica a poucos passos do bairro "europeu", em Bruxelas, com sua "trindade" da Comissão Europeia – Conselho Ministerial Europeu – Parlamento Europeu. Com 400 pessoas, trabalhamos em torno de temas como ecologia e justiça social; são 40 organizações, principalmente europeias. Por exemplo, "Amigos da Terra Europa" (4). Eles trabalham muito, em numerosos temas. Assim, existem suas interessantes publicações sobre "culturas para biocombustíveis, mudança indireta no uso da terra e emissões" (5). É minha literatura de bordo durante a viagem de avião, não tão recente, mas ainda muito atual.

A União Europeia decidiu que, até 2020, 20% do fornecimento de energia na UE deve ser proveniente de fontes renováveis. O setor de transportes deve ser abastecido por, pelo menos, 10% de "bio"combustíveis. Na aparência, propostas bem "ecológicas", mas houve pouca reflexão sobre os efeitos perversos dessas metas políticas. As consequências geralmente estão ocultas, bem distantes: na Argentina, no Brasil, na Colômbia, na Malásia, na Indonésia, na Somália...

"Amigos da Terra Europa" publicou três estudos de caso sobre os temas "cana-de-açúcar no Brasil", "óleo de soja" e "óleo de palma 'sustentável' para o biodiesel". Vou me limitar aos efeitos de deslocamento provocados pela cana-de-açúcar para etanol (6). Sobre biodiesel a partir de óleo de soja, você pode ler os meus livros anteriores.

"Não, nós não desmatamos!"

Tanto o setor sucroalcooleiro quanto a cadeia produtiva da soja sempre juraram, para todos aqueles que quisessem ouvir, que eles não se envolvem em desmatamento. A "Mesa-Redonda sobre Soja Responsável" (RTRS) estabeleceu, por analogia com a – um pouco menos recente – "Mesa-Redonda sobre Óleo de Palma Sustentável" (RSPO), uma série de critérios para declarar esses produtos obtidos por monocultura como "sustentáveis". Ser isento de OGMs [organismos geneticamente modificados], por exemplo, não faz parte dos critérios. E nada se encontra sobre os direitos dos povos indígenas. No entanto, eles são cercados, expulsos e lentamente envenenados pelo herbicida Roundup e por outros agrotóxicos (muitas vezes proibidos), que geralmente são chamados pelos fabricantes de "defensivos agrícolas".

Além disso, os critérios levam em conta apenas o que acontece na própria fazenda. O trabalho da "Amigos da Terra Europa" coloca o dedo em uma das muitas feridas fétidas: a soja para ração animal/biodiesel e a cana-de-açúcar para etanol (e para outras aplicações) tomam terras em que, até pouco tempo atrás, ainda havia produção de alimentos ou criação de gado. A pecuária está se deslocando em direção à Amazônia e ao Cerrado. Nos últimos 15 anos houve uma verdadeira explosão na "produção" de carne por lá. Na Amazônia, de 1997 a 2007, o gado aumentou 78%. Em 2007, havia 69.575.000 cabeças de gado na região, cerca de 35% do total nacional.

São Paulo: agricultura para a produção de alimentos diminui

A maior expansão da cana ocorre no Centro-Oeste e no Sul do Brasil, próxima de usinas de etanol, portos e mercados para o etanol.

Cerca de 60% das plantações de cana-de-açúcar estão localizadas no Estado de São Paulo. Em Goiás, a produção aumentou em 55%; no Mato Grosso do Sul, em 30% (7).

O epicentro da cana-de-açúcar ainda é São Paulo. A recente expansão desloca a pecuária para regiões mais ao norte (que são, então, desmatadas) e expulsa outras culturas. Entre 2005 e 2008, a área plantada de cana aumentou em 1,8 milhão de hectares. Anteriormente, metade era pasto e 44% eram de outras culturas. Por enquanto, São Paulo ainda é uma importante fonte de alimentos para a Região Sudeste, mas os números mostram claramente que o cultivo de milho, soja, trigo e feijão está diminuindo...

Aumento nos gases responsáveis pelo aquecimento global provocado por agrocombustíveis

Conclusão da "Amigos da Terra Europa": "O uso de etanol em vez de petróleo leva claramente a problemas econômicos, sociais e ecológicos. Esses problemas minam os supostos benefícios de cana. O uso indireto da terra como um resultado da expansão da cana conduz a um aumento substancial na produção de gases que provocam o aquecimento da Terra. Talvez eles gerem até mesmo mais emissões do que os combustíveis fósseis."

"Amigos da Terra Europa" reivindica:

- fatores fortes para ILUC (ILUC: mudança indireta no uso da terra), a serem incluídos na análise do ciclo de vida de agrocombustíveis;
- uma revisão urgente das metas da UE envolvendo biocombustíveis, porque as emissões ILUC são desproporcionalmente elevadas em comparação com os objetivos acordados (8).

A "banalidade do mal"

Ao ler essas publicações, não consigo deixar de pensar na filósofa judia-americana nascida na Alemanha, Hannah Arendt. Em 1962, ela se tornou conhecida da noite para o dia com seu livro *Eichmann em Jerusalém*. Um relatório do julgamento do nazista Adolf Eichmann. O subtítulo do controverso livro é: *Um relato da banalidade do mal*. Ela descreve a "subserviência" desse inexpressivo burguês comum, que organizou a logística para a destruição de milhões de judeus, ciganos, homossexuais, comunistas... Para ela, não é o mal que é banal, e sim o homenzinho subserviente, que tornou o mal possível. Nos julgamentos pós-guerra, o refrão era: "Nós éramos apenas uma pequena engrenagem da grande máquina. Nós tivemos de obedecer." Arendt contrapõe que sempre se pode cobrar de um ser humano, de uma pessoa, a sua responsabilidade.

Posso estender cuidadosamente essa "banalidade do mal" da política destrutiva para a economia destrutiva? Será que também não se aplica a nós, consumidores "subservientes" e ignorantes produtores-presos-no-sistema-de-produção-internacional, que "nós não sabíamos"? É tão distante! (Mantido) Tão oculto.

Ainda bem que existem organizações e movimentos, como a "Amigos da Terra Europa". Aqueles que tentam revelar o oculto, para que pudéssemos saber e não mais fazer parte da banalidade. Talvez essa viagem anual de Wervel e essa troca também possam contribuir com isso.

São Paulo, 14 de março de 2013.

(1) *A espiritualidade da lancheira*[1], na Tijdschrift voor Geestelijk Leven [Revista para a Vida Espiritual] – TGL, de 1997, incluída no Jornal de Wervel *Da Guerra Mundial por Alimentos para Movimento Mundial por Alimentação*, de 1998.

(2) *Caldo de plástico ou roupas de cânhamo?*, no Jornal de Wervel, setembro de 2012.

(3) Wervel e Associations 21 organizam, no dia 17 de abril de 2013, em Mundo B (www.mundo-b.org), uma tarde de debates sobre "comércio justo local". Ao mesmo tempo, é possível visitar a renovada exposição sobre o Cerrado brasileiro. No sábado, 23 de março, Wervel organiza uma tarde de formação sobre "o papel dos bancos na agricultura & alternativas financeiras".

(4) Veja: www.foeeurope.org

(5) Três publicações: *Soy oil and indirect land use change* [Óleo de soja e mudança indireta no uso da terra], *Sugar cane and land use change in Brazil* [Cana-de-açúcar e mudança no uso da terra no Brasil] e *'Sustainable' palm oil driving deforestation* [Óleo de palma 'sustentável' promove desmatamento], cada uma delas com o mesmo subtítulo: *Culturas de biocombustíveis, mudança indireta no uso da terra e emissões* (FOE, 2010).

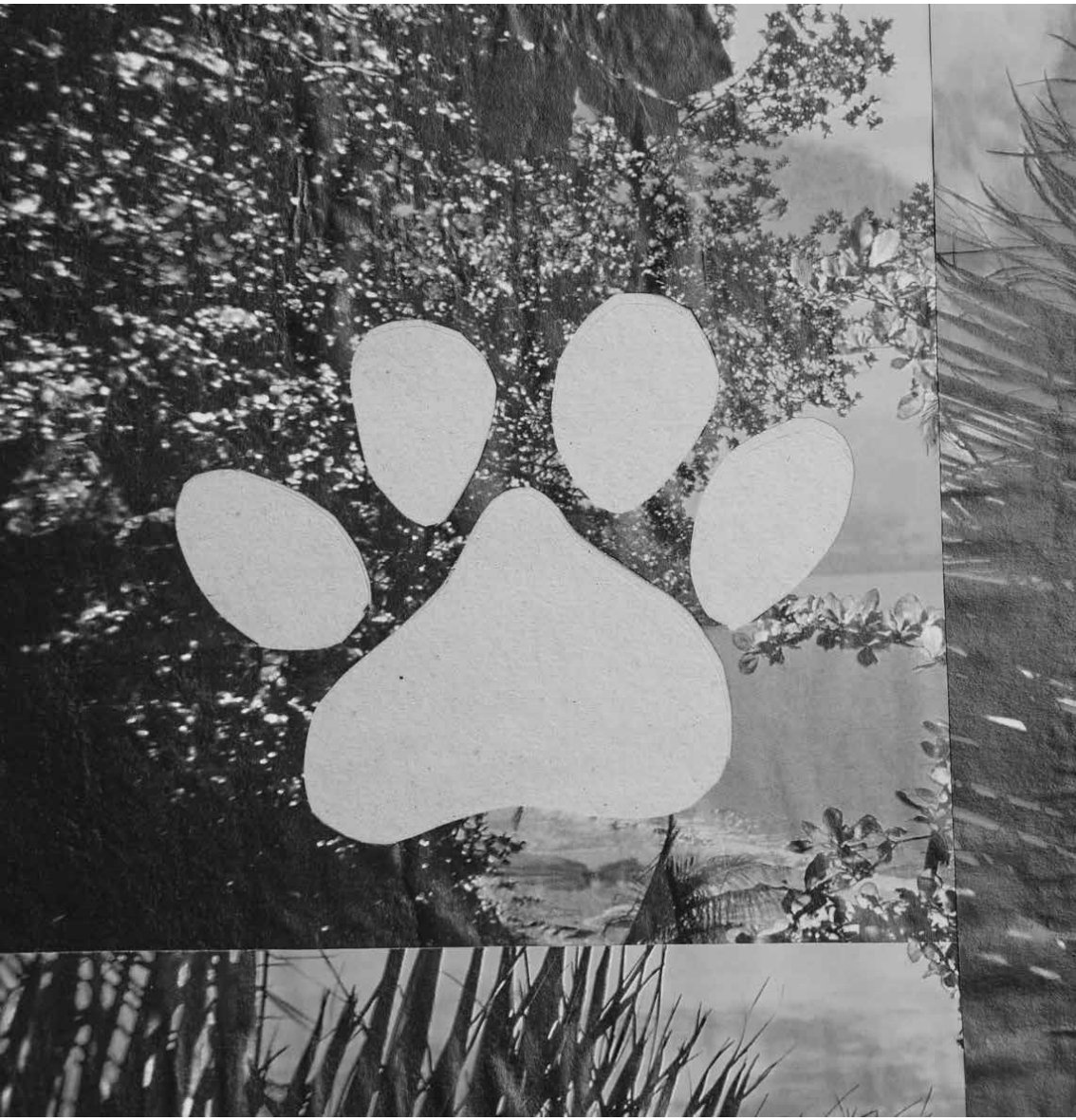
(6) Globalmente, o fenômeno do "*land grabbing*" está aumentando, não só por causa da cana-de-açúcar para o etanol, mas também por causa da biomassa de cana: como um substituto para tudo o que, agora, ainda é fabricado a partir do petróleo (plásticos etc.) Veja *Neoquímica, compromisso com a vida*, em *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

(7) Veja o comovente filme de An Baccaert, *À sombra de um delírio verde*, sobre o avanço da cana no Mato Grosso do Sul e a situação dos guaranis: www.thedarksideofgreen-themovie.com

(8) Devido às constantes críticas, a Comissão Europeia começa a mudar um pouco sua política. Agora está sendo proposto um teto de 5% de etanol a partir de culturas agrícolas e 5% de "biocombustíveis avançados" (por exemplo, combustível de algas): www.vilt.be/Ethanolindustrie_vindt_EU_bijmengdoelen_onrealistisch

1 Nota da tradutora: Os trabalhadores europeus têm costume de levar seu almoço – geralmente composto de sanduíches preparados em casa e frutas – para o trabalho numa lancheira.

22 A pegada ecológica do gato



Ilustradora: Adriane Valentim do Amaral Smaka

Não importa se você entra em um supermercado em Curitiba, em Seul ou em Bruxelas: em qualquer lugar você vê vários metros com opções de ração para gatos e para cachorros. A ração enlatada é um dos bem-vindos polos de crescimento para as multinacionais de alimentos. A indústria de alimentos não pode continuar a se expandir se não houver consumidores com poder de compra. É que um ser humano não recebe alimento porque ele é humano, mas porque ele pode pagar. Os 1 bilhão de famintos podem confirmar esse fato.

Gatos e migração

Com os gatos, é diferente. Eles não são consumidores abastados, mas a nossa relação emocional com cães e gatos já tem mais de cem anos. Nós os humanizamos e vamos continuar a fazê-lo. Eles não podem nos insultar – então, eles são amigos ideais. De modo geral, os cães são encontrados com mais frequência com pessoas mais pobres; os gatos, na classe média e com os ricos. De modo geral, porque há muitos ricos com cães de raça caros ou gatos de raças raras.

Há milhares de anos, o gato ocupa um espaço em muitas culturas. É só pensar no *status* desse animal no tempo dos faraós egípcios. Humanizar animais de estimação é algo mais recente e se disseminou aproximadamente junto com a enorme emigração da Europa. Por causa da pobreza e da fome extremas (em consequência, entre outros, da doença de batata), entre os anos de 1846 e 1924, 55 (!) milhões de europeus se mudaram para as Américas, para a Austrália, a Nova Zelândia, a África do Sul e a Sibéria. A companhia de navegação Red Star Line, da Antuérpia, entre 1873 e 1935 transportou dois milhões de emigrantes europeus para os Estados Unidos e para o Canadá. Em 1930, constatou-se que, em um século, a parte branca da população mundial aumentou para 35%. Com esse êxodo, o gato foi espalhado por todo o mundo.

Como, por exemplo, aqui no Sul do Brasil, onde desembarcaram muitos italianos, alemães, ucranianos e poloneses.

Gatos fora

Vamos, agora, nos focar em Dorien Knockaert, na Nova Zelândia. Essa ilha é um país de aves, com espécies endêmicas famosas, como o quivi, um pássaro que não pode voar porque, durante milhares de anos, não havia razão para fugir. Somente com a chegada dos europeus (os primeiros foram holandeses; da província de "Zeeland" para a "Nieuw Zeeland" [Nova Zelândia]) é que também vieram os predadores para a ilha: ratos, urubus, gatos. Agora, o quivi é uma das muitas espécies ameaçadas de extinção. Mas os gatos estão passando bem: quase uma em cada duas famílias tem um gato. O fato de ninguém levar a sério a relação entre as duas evoluções incomoda o economista neozelandês Gareth Morgan. Por isso, ele começou uma campanha antigatos: "Gatos fora".

"O problema é que o seu amigo fofinho, na verdade, é o assassino serial do bairro", escreve ele em seu *site* (1). "Nas cidades, os gatos matam os pássaros mais rápido do que eles conseguem se reproduzir. Eles são cúmplices no extermínio de nove espécies de aves nativas e afetam as chances de outras 33 espécies de aves ameaçadas de extinção." Em seguida, ele faz um apelo: "Faça com que seu gato atual também seja o último. Mime-o, cuide bem dele, mas quando ele morrer, não adote outro em seu lugar."

Esse apelo circulou ao redor do mundo e desencadeou muitos debates, principalmente entre amantes de felinos e aqueles que odeiam gatos. No entanto, em um ponto, o homem tem razão. Os gatos se multiplicam muito mais rápido do que suas presas. O período de gestação de um gato é de 60-65 dias. Uma gata tem, em média, três ninhadas (= 12 filhotes) por ano. Um ano = 12 gatinhos; 2 anos = 144

gatos, 3 anos = 1.728 gatos, 4 anos = 20.736 gatos (2). Esse cálculo, de um grupo de Diest que adotou a campanha, certamente é um pouco exagerado – até porque gatos do sexo masculino não têm filhotes –, mas os números dão uma ideia de como a população de gatos pode crescer exponencialmente.

O que o gato caça?

Na Bélgica, uma nova campanha da ONG ambientalista Natuurpunt [Ponto da Natureza] pergunta: "O que o gato caça?" (3). Eles não entram na discussão sobre os gatos serem animais de estimação recomendáveis, mas querem fazer com que olhemos para as suas presas, principalmente os camundongos. "Nós suspeitamos que deverão ocorrer grandes mudanças nas populações de camundongos nativos de nosso país", diz Yuri Cortens, da Natuurpunt. "Para mapear essa mudança, pedimos que as pessoas tirem uma foto de qualquer rato ou camundongo que seu gato cace e faça o *upload* da imagem em nosso *site*. Pode-se dizer que fazemos da necessidade uma virtude: esses gatos já estão aqui mesmo. Eles podem nos ajudar em nossa pesquisa."

É claro que não é uma pesquisa muito precisa. Para Natuurpunt, a questão principal é conscientizar. "Os gatos têm um impacto ambiental muito maior do que estamos inclinados a imaginar. Quando, por exemplo, o rato-dos-pomares é ameaçado, você vai ouvir as pessoas sugerirem que isso se deve à coruja. Mas os gatos são muito mais numerosos e influentes." Eles caçam mais e em locais muito mais distantes do que seus donos geralmente pensam. Eles se afastam facilmente até 8 quilômetros de sua casa, de acordo com um estudo holandês com radiotransmissores. "Na Bélgica há cerca de 2 milhões de gatos e estima-se que um gato mata, em média, 20 animais por ano. Isso representa cerca de 40 milhões de presas por ano." E qual seria

a situação no Brasil? O Brasil, um vasto país, com uma ainda imensa biodiversidade, mas também com muitos colonizadores. Portanto, com muitos animais de estimação.

Equilíbrios

A maioria dos leitores certamente acha ótimo que esses ratos e camundongos sejam capturados. É verdade, às vezes existe superpopulação de camundongos, porque o equilíbrio ecológico está perturbado. Por outro lado, existe uma grande diversidade de ratos e camundongos, e cada um deles tem a sua função no ecossistema. Por exemplo, os voles, os lemingues e os ratos-almiscaradeiros são herbívoros. Eles mantêm o crescimento da vegetação em equilíbrio, garantem que o solo permaneça aerado e, assim, contribuem para a fertilidade.

O que nós subestimamos é o efeito "espantalho" de um gato. Quando há gatos vivendo em determinado lugar, haverá menos pássaros fazendo ninhos por lá. Assim, mesmo quando não estão caçando, os gatos provocam impacto. Dar mais comida aos gatos para que cacem menos não faz diferença, pois, mesmo sem fome, eles gostam de caçar. Por isso, Morgan recomenda que os neozelandeses mantenham os gatos dentro de casa. E, se o gato vai lá fora, um sininho pode ajudar.

Comer os cães e os cavalos?

Mesmo se um gato passar o dia inteiro dentro de casa, ele tem um grande impacto ambiental. Cortens: "Por causa das enormes quantidades de carne e peixe que eles comem." Um estudo realizado pela revista The New Scientist, de 2009, revelou que um gato tem

o mesmo tamanho de pegada ecológica que um Volkswagen Golf que percorre 10 mil quilômetros por ano (a pegada ecológica de um cão de porte médio se equipara à de um Toyota Land Cruiser). E ainda resta a questão sobre devermos ou não considerar a embalagem de alumínio de muitas das rações (úmidas) de gatos.

Os resultados do estudo acima estão de acordo com os cálculos que os arquitetos neozelandeses Robert e Brenda Vale fizeram em um muito comentado livro, *Time to eat the dog: The real guide to sustainable living* [É hora de comer o cachorro: o verdadeiro guia para uma vida sustentável]. Eles concluíram que as galinhas são animais de estimação muito mais ecológicos. Os coelhos também têm menor impacto ambiental, especialmente se você comê-los depois de algum tempo. Essa provocação não deixou de atingir o alvo. Um eco distante é a indignação geral no recente escândalo da carne de cavalo na Europa. Os consumidores não aceitam – e com razão – que em muitos países europeus se encontre carne de cavalo na lasanha, enquanto o rótulo diga carne de gado. O que também desempenha um papel importante é que, aparentemente, nós não temos sentimentos quando consumimos a carne de um boi, mas sentimos ao pensar em consumir um cavalo. Especialmente na Grã-Bretanha, onde consumir a carne do nobre animal cavalo é algo que não se faz. A ONG Eva (Etisch Vegetarisch Alternatief [Alternativa Vegetariana Ética]) (4) se pergunta, com razão: "Por que o boi sim e o cavalo não?" É realmente uma questão interessante, em Flandres também, onde continua a aumentar a quantidade de cavalos na paisagem. As vacas estão diminuindo, mas os cavalos estão em ascensão, graças ao *hobby* e com o apoio do ministro-presidente Peeters. Cavalos como um símbolo de *status* de uma classe média que está enriquecendo.

Emissões de gases de efeito estufa

A ONG Eva, em um cálculo aproximado, afirma que, somente pelo consumo de carne, a população de gatos belga já produz emissões de gases de efeito estufa equivalentes a um carro de passeio que circula 25 mil vezes em torno da Terra.

Em vários pontos, resta a adivinhação. Precisamos de mais pesquisas, mas está claro que a humanização dos animais de estimação e, ao mesmo tempo, a instrumentalização de "animais comestíveis" (vacas, porcos, galinhas) na pecuária intensiva têm impactos planetários.

Curitiba, 18 de março de 2013.

(1) Veja: garethsworld.com/catstogo

(2) Dados do "Projeto Gatos de Rua de Diest". Diest é uma cidade na Bélgica. "Castrar ou esterilizar" é a mensagem deles.

(3) Veja: www.natuurpunt.be/nl/vereniging/actua/katten-helpen-muizen-tellen_911.aspx [Gatos ajudam a contar camundongos]

(4) No Brasil, a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) provavelmente faz a mesma pergunta. Veja: www.vegetarianismo.com.br

23 A Agricultura Familiar ainda pode ser salva?

Ilustrador: Roberto Rodrigo do Amaral Brasílio

Notícias do congresso trienal da Fetraf-Sul

Pieter-Jan Lemmens está viajando comigo por alguns dias, no sul do Brasil. Eu aceitei o seu pedido de sugestões de viagem pelo país. Sim, às vezes eu me sinto como dono de uma agência de viagens para o Brasil. São incontáveis os *e-mails* e telefonemas de pessoas que querem passear neste país. Por isso, sou obrigar a implementar um filtro: "O que você deseja alcançar com a sua viagem? E você também pode contribuir com Wervel?" Com Pieter-Jan funcionou muito bem. Agora ele trabalha com a equipe do Cerrado e, durante seus seis meses no Brasil e no Peru, ele mantém um *blog*.

Nós somos um país emergente, mas...

Ou será que devo adotar a atitude do agricultor canadense Robert Thomas? Ele colaborava, pela ONG Share [Compartilhar], com inúmeros projetos no Brasil e recebia as mesmas perguntas de potenciais turistas canadenses. Robert se entusiasmou, passou a organizar viagens para grupos regularmente e, assim, conseguia financiar suas próprias viagens e seu trabalho no Brasil.

De 2003 a 2008, eu morava e trabalhava metade do ano no Brasil, financiado por um projeto da Holanda. A partir de 2009, eu viajo uma vez por ano pelo vasto país chamado Brasil, tendo em mãos a versão em português de meus livros: ferramentas para debater sobre o modelo agrícola que queremos e fazendo esse debate em ambos os lados do Atlântico. Diálogo e debates em universidades, escolas agrícolas, ONGs, diversos movimentos, em jornais e revistas, em vários programas de TV e de rádio. Mas não, não tenho financiamento. Sim, muitas instituições brasileiras querem ouvir aquele "gringo" estranho, mas, geralmente, a resposta é: "Desculpe, não há

dinheiro para pagar seu ônibus, seu avião ou o seu trabalho. "Estranho, porque o Brasil é um dos BRICS (1), um país emergente com um otimismo (econômico) sem limites. E não, os governos de países e as ONGs da Europa não vão mais apoiar este trabalho, porque o Brasil é uma economia em crescimento. Com ele, não precisamos mais nos preocupar. É isso mesmo? Esta é uma viagem de anual de lazer de um fanático pelo Brasil?

Congresso Fetraf-Sul

Nas versões brasileiras dos livros anteriores sempre havia um prefácio do coordenador da Fetraf-Sul (2). Por isso, eu sempre incluo esse sindicato inovador, ligado à Agricultura Familiar (AF), nas palestras durante a turnê. Do mesmo modo que os livros e turnês são instrumentos para o debate e a reflexão, o modelo Fetraf também é um instrumento para defender a verdadeira Agricultura Familiar. Para renovar sempre a compreensão da dinâmica temporal e para, juntos, reavaliar como a Fetraf pode/deve se posicionar, os agricultores realizam um congresso a cada três anos. Nesses dias em que estou aqui, está ocorrendo o quarto congresso, em São Lourenço do Oeste (Santa Catarina). Há muito em jogo. A globalização está aumentando, o êxodo rural atingiu um estágio mortal no sul do Brasil e, diariamente, é repetido o mantra da exportação-e-agricultura-empresarial-de-grande-capital dos fazendeiros nas emissoras de TV, as deusas em que muitos brasileiros acreditam cegamente. Ainda existe algum futuro para a Agricultura Familiar? Durante três dias, os 800 delegados de sindicatos locais do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul se debruçam sobre essas e muitas outras questões.

Temos muito a comemorar

Seguindo a boa tradição de "ver-julgar-agir", na primeira tarde eles analisam a conjuntura atual. Introdução do texto para discussão: "O Brasil mudou muito nos últimos anos. Há uma década, éramos a nação mais desigual do mundo, mas, agora, todos os indicadores sociais apontam melhorias na vida da população brasileira. O país diminuiu a mortalidade infantil, aumentou a presença das crianças na escola, aumentou a expectativa de vida da população. A pobreza caiu 58% de 2003 a 2011, fazendo o Brasil superar as metas do objetivo do milênio e ter o reconhecimento da ONU como um país de referência em políticas de inclusão social. Como brasileiros, temos muito a comemorar: o Brasil mudou para melhor!"

Agricultura camponesa extraditada

E mais adiante: "[...] A produção agrícola, cada vez mais, é pensada, organizada e conduzida pelas grandes empresas transnacionais a partir dos interesses comerciais do mercado. Esse mercado internacional vive de crises com oscilações de preços permanentes, nas quais o produtor não tem controle sobre seu produto, muito menos sobre seu futuro, pois é o elo mais fraco da cadeia, que está sujeito às decisões das empresas e a circunstâncias que não estão ao seu alcance. A certeza da rentabilidade e a concentração do lucro está na outra ponta da cadeia produtiva, no processamento, atacado, indústria e varejo."

Desafios

No texto também são discutidos os desafios estratégicos para a AF, os desafios para organizar melhor o trabalho sindical e os eixos em torno dos quais se trabalhará nos próximos anos:

- mulheres: novas relações de gênero e da igualdade de oportunidades;
- juventude: promover condições para permanecer nas zonas rurais;
- organização da produção e cooperativismo: garantia de uma renda decente;
- ambiente, sustentabilidade e agroecologia: o nosso compromisso;
- Ater (Assistência Técnica e Extensão Rural) e ciência a serviço da AF;
- questão agrária e acesso à terra: para criar raízes;
- moradia em áreas rurais: uma boa moradia é parte da dignidade humana;
- formação e qualificação profissionais: valorização da AF;
- os agricultores nas mãos dos integradores: valorizar o trabalho do agricultor (3).

Comemorar, mas permanecer crítico. Portanto, um debate acirrado...

O texto apresentado não deve ser simplesmente aceito ou rejeitado. No segundo dia, há um debate em plenário com os coordenadores anteriores e atuais da Fetraf-Sul/CUT. Na sequência, um debate por estado, culminando na formação de 20 grupos por tema.

Os debates podem ser muito críticos e duros. Posso dar a palavra a Altemir Tortelli (4) por um momento? Ele foi o coordenador anterior de Fetraf-Sul e, atualmente, é deputado estadual na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul:

"Nos últimos 20 anos, avançamos bastante em termos de opções políticas. Mesmo assim, não é a AF, mas a agroindústria que ocupa o debate. Sadia, Monsanto e companhia. O controle e a hegemonia do capitalismo prevalecem, mas nunca vimos tantas crises ao mesmo tempo:

crise na alimentação e na agricultura; 2 bilhões de pessoas sem água potável ou com água de má qualidade; a crise ambiental com, entre outros, o aquecimento global; a crise energética em nível planetário; a crise da saúde (câncer, obesidade, depressão...); o coração da crise econômica está nos Estados Unidos e na Europa; a FAO, a Organização das Nações Unidas e outras instituições não têm mais poder.

Uma grande preocupação é a juventude que está abandonando as áreas rurais. Talvez seja tarde demais. Comunidades rurais inteiras estão sendo desmanteladas por falta de jovens e de sucessão. A cidade atrai, mas 90% dos empregos para jovens nas cidades visam mão de obra barata.

E também há os grandes momentos que perdemos:

- reforma agrária;
- os organismos geneticamente modificados (OGMs);
- os agrocombustíveis, com a intensificação da monocultura.

A Embrapa (5) é um instrumento do agronegócio. O Pronaf (6) se refletiu principalmente na compra de máquinas.

Nós estamos com nossos produtos no PAA (7), mas Aurora (8) também conseguiu entrar no PAA e fornece o que ela diz serem produtos da AF. Os programas do Pronaf para os jovens são particularmente fracos. Cresol (9) ainda está a serviço do nosso projeto ou está a serviço do agronegócio dominante? Será que a CUT (10) sabe o que ela quer das zonas rurais?"

Definir claramente o que queremos

Tortelli: "Precisamos refletir sobre como queremos nos posicionar nessa conjuntura mudada.

- Será que não temos de construir novas frentes? Inclusive com os moradores das cidades?
- Devemos colaborar criticamente com os parlamentos e as diversas instâncias governamentais?
- Precisamos radicalizar as 'políticas públicas'. Investir no ensino adaptado em áreas rurais e financiamento justo da AF. Será que não devemos criar um novo banco cooperativo? (11)
- De 10 a 20 milhões de reais são destinados para o 'Bolsa Família' (12). Não devemos lutar para que os alimentos desse programa também venham da AF e não das multinacionais, como é agora?
- A Embrapa está, principalmente, a serviço ao agronegócio. Como podemos redirecionar essa empresa de pesquisa para que ela também apoie a Agricultura Familiar?"

No salão, segue-se um debate acirrado. O interessante é que se trata de um sindicato socialista de agricultores, um sindicato que precisa se reinventar sempre. Refundar, como qualquer movimento que gradualmente se transforma em uma instituição: sindicatos, igrejas, ONGs, organizações de todos os tipos. Sim, até mesmo Wervel (13), depois de 23 anos, está estabelecida e sendo reconhecida. Isso é perigoso porque, antes de se dar conta, você é neutralizado. Isso exige refundação e adaptação permanentes.

Cooperhaf

É evidente que há um desequilíbrio de poder entre a agricultura de exportação do agronegócio e a AF. Um detalhe: a agricultura de exportação de larga escala e elevada tecnologia, com grande investimento de capital e pouca ocupação de mão de obra de algumas centenas de milhares de fazendeiros, ainda recebe do go-

verno cinco vezes mais recursos do que os 4 milhões de agricultores familiares e os milhões de agricultores sem-terra. No entanto, este é um "governo popular"...

Apesar desse subfinanciamento da AF, a Fetraf consegue criar projetos de sucesso. Por exemplo, a construção de moradias de Cooperhaf (14). Durante o congresso, a organização realiza a sua assembleia geral anual.

Em 2001, ela começou como uma ferramenta para fixar as famílias de agricultores em áreas rurais; agora, já desde 2009, a cooperativa trabalha com projetos na cidade. A Cooperhaf começou atuando nos três estados do Sul, mas se expandiu para outras Cooperhafs em estados mais ao norte. Ao longo dos anos, já foram construídas 40 mil moradias – e a linha ainda é ascendente.

Para finalizar, a última citação do texto para discussão do congresso: "[...] Temos a força social e a eficiência para, com menos terra e menos financiamento, produzir mais por área e criar mais empregos. Em comparação com as grandes empresas, nós somos mais produtivos. Temos a característica da diversidade. Temos identidades culturais de grande significado e importância para o nosso país [...]."

São Lourenço do Oeste, 21 de março de 2013.

1) Países emergentes denominados BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

(2) Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul: www.fetrafsul.org.br (três estados do Sul do país); Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar: www.fetraf.org.br (Fetraf-Brasil).

(3) Integradores: empresas de ração e produção de carne e derivados, que mantêm contratos com os criadores – muitas vezes, em más condições sociais. Veja *Frango psicótico. Avicultor deprimido?,* em *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

(4) Veja: www.deputadotortelli.com.br

(5) Embrapa (www.embrapa.br): Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, comparável ao Ilvo [*Instituut voor Landbouw- en Visserijonderzoek* = Instituto de Pesquisa Agrícola e Pesca] (www.ilvo.vlaanderen.be), em Flandres, Bélgica.

(6) Pronaf: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf).

(7) PAA: Programa de Aquisição de Alimentos. É um programa do Ministério do Desenvolvimento Social e do Ministério do Desenvolvimento Agrário para compras institucionais de produtos da Agricultura Familiar (www.mds.gov.br/segurancaalimentar/decom/paa e portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/paa).

(8) "Aurora" ainda é uma cooperativa no nome (semelhante ao Aveve, na Bélgica; www.aveve.be), mas se tornou uma verdadeira multinacional (www.auroraalimentos.com.br).

(9) Cresol (www.cresol.com.br): um sistema de banco cooperativo, originalmente a serviço da Agricultura Familiar (comparável com o antigo Raiffeisen e Cera: atualmente, Banco KBC, na Bélgica).

(10) CUT (www.cut.org.br), o sindicato cofundado em 1983 por Lula (também cofundador do Partido dos Trabalhadores – PT – e, mais tarde, presidente do Brasil, de 2003 a 2010). Desde seu início, a CUT tem uma ala de trabalhadores e uma de agricultores.

(11) Tortelli manifestou esse desabafo alguns dias antes do Dia de Formação de Wervel sobre "O papel dos bancos na agricultura & alternativas financeiras" e a criação de um novo banco cooperativo na Bélgica: www.newb.coop

(12) Bolsa Família (www.mds.gov.br/bolsafamilia), originalmente parte do programa "Fome Zero", do governo Lula; posteriormente incorporada ao programa mais abrangente.

(13) Veja: www.wervel.be; www.sojaconnectie.be; www.kannabis.be

(14) Veja: www.cooperhaf.org.br. Veja também: *Casa nova, vida nova*, em *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2008); e *Um teto sobre a cabeça, um direito humano*, em *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2010).

24 Cooperafloresta, uma lição para a União Europeia

Ilustrador: Roberto Rodrigo do Amaral Brasílio

Na União Europeia, já há dois anos, existem conflitos e discussões sobre a assim chamada "ecologização da agricultura", prevista para 2014-2020. Especialmente a proposta dos "7% de área de interesse ecológico"[1] está tendo dificuldades de aceitação entre os agricultores belgas. As organizações agrícolas e a maioria de seus membros defendem, principalmente, a "separação", enquanto Wervel e muitas outras organizações querem que o "entrelaçamento" da natureza com a agricultura seja o mais amplo possível.

Os 7% que dividem a natureza e a agricultura

Quando eu dialogo com grupos no Brasil, modéstia é uma necessidade. Na condição de "gringo", eu não posso ir chegando com "vocês, brasileiros, estão derrubando a Floresta Amazônica e destruindo o Cerrado" sem apontar a responsabilidade dos europeus, japoneses e chineses (carne, ração, etanol, biodiesel e polpa de celulose sobre o oceano). Eles também sabem que, séculos atrás, nós desmatamos a Europa. Desde a Idade Média que Flandres já é uma das regiões mais densamente povoadas do mundo. Ou seja, ainda no século XIII já havíamos desmatado quase tudo. "Por que, então, precisamos ceder agora 7% da nossa boa terra para dar lugar à 'agricultura verde'?!"

Dá para ser diferente

Vamos agora para Cooperafloresta (1), um projeto agrícola situado entre Curitiba e São Paulo. Um sistema agroflorestal que evoluiu ao longo dos anos para ser uma referência internacional. Eu visitei a re-

1 Nota da tradutora: Semelhante à "Reserva Legal", prevista no Código Florestal Brasileiro.

gião em 2003 e vi como a Mata Atlântica, a floresta remanescente neste lado do oceano, foi transformada em um deserto, com pouca força vital. Com o apoio de, entre outros, Eliziana Vieira de Araújo, no local onde estou hospedado agora, eles conseguiram converter esse "sistema mortal" em um sistema cheio de vida: "sistemas agroflorestais". Será que existe algo como "a sedução do bem", em oposição à "banalidade do mal"? Atualmente, são 112 famílias no Vale do Ribeira, que possuem em conjunto 250 hectares de agroflorestas intensamente manejadas e mais 750 hectares em processo de regeneração natural. No total, eles já transformaram mil hectares em sistemas agroflorestais nos municípios de Barra do Turvo, Adrianópolis e Bocaiúva do Sul, no sul do Brasil. Eles estruturaram uma agroindústria, estão incluídos no processo de certificação participativa da Rede Ecovida (2) e comercializam os seus produtos coletivamente em diversos canais de mercado. A Escola Agroflorestal envolve, anualmente, 800 pessoas.

Mais renda com menos terra

O interessante é que os agricultores e as agricultoras estão produzindo cada vez mais em lotes cada vez menores, e as "capoeiras" (digamos, os 7% de área de interesse ecológico/reserva legal, muito discutida aqui na Europa) são quatro vezes maiores do que o próprio sistema agroflorestal. Além disso, a renda dessas pessoas está aumentando significativamente. Na região, a renda média mensal é de R$ 450,00/mês. Na Cooperafloresta, 40% das famílias recebem entre R$ 551,00 e R$ 1.110,00/mês. Aqueles que possuem áreas maiores no sistema agroflorestal têm uma renda de mais de R$ 1.600,00/mês (3).

Como isso é possível? Afinal, sua "área de interesse ambiental/reserva legal" é quatro vezes maior do que a área cultivada? Apesar das agro-

florestas se constituírem na base da produção, da segurança alimentar e da renda das famílias agricultoras, a cobertura mais comum do solo das propriedades é formada por capoeiras (florestas secundárias em estágio inicial e médio de regeneração), de diferentes tamanhos e idades. Em média, as capoeiras ocupam praticamente a metade da área das propriedades (45,5% da área).

É interessante observar, entretanto, que a rotação entre agroflorestas e capoeiras, desenvolvida há quase duas décadas pelos agricultores associados à Cooperafloresta, gera uma relação entre esses dois tipos de áreas de, praticamente, dois hectares de capoeiras para um hectare de agrofloresta (45,5% da área com capoeiras e 19,5% da área com agroflorestas, no total de áreas avaliadas).

Os agricultores argumentam que é importante fazer um bom trabalho em lotes menores e, assim, aumentar a quantidade de hectares. Não se trata do tamanho de cada lote em sistema agroflorestal. Na maioria dos lotes agroflorestais são encontradas mais espécies e a densidade está ficando cada vez maior. Nos novos lotes com menos de um hectare, é comum encontrar 50 espécies de arbustos ou árvores, com uma densidade de mais de 7 mil plantas por hectare.

A fertilidade do solo e o sequestro de CO_2

À primeira vista, essas capoeiras não têm utilidade. No entanto, uma grande quantidade de raízes aumenta a fertilidade do solo. Em primeiro lugar, há uma grande quantidade de matéria orgânica, como um resultado do material podado das plantas, que é colocado sobre o solo com cuidado. Ele garante uma intensa fertilização.

Estudos mostram que há uma diferença significativa no sequestro de CO_2 entre os sistemas agroflorestais em campos e os mesmos sistemas no assim chamado "mato". Por outro lado, os agricultores identificam em capoeiras as sementes que seriam perdidas no sistema agroflorestal. Além disso, eles encontram muita vida na forma de pássaros e abelhas, que trazem sementes e garantem a polinização. Essas características são importantes para o aumento da diversidade e da produção.

Cooperafloresta: "Na agricultura convencional, não há uma transição gradual entre a área cultivada e a floresta. Eles querem fazer o máximo de monocultura possível." Por exemplo, em Flandres, até a margem de um córrego...

Será que é necessária uma mudança de paradigma para começar a pensar em "área de interesse ecológico"? Que dirá tentar implantá-la nas próprias terras!? Os agricultores com uma boa renda de antigas áreas erodidas, no Brasil, podem ensinar muito aos moradores da Bélgica. Com certeza. Talvez a Federação Europeia de Sistemas Agroflorestais (4) devesse fazer uma visita à Cooperfloresta.

Florianópolis, 23 de março de 2013.

(1) Veja: www.cooperfloresta.com e www.agroflorestar.org.br. Veja também o capítulo: *Sistemas agroflorestais e recuperação*.

(2) Veja: www.ecovida.org.br

(3) Veja também *Mato Grosso: do desmatamento para a recuperação?*, com o quadro sobre o rendimento dos diferentes sistemas agrícolas, em: *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, Curitiba, 2010).

(4) Veja: www.agroforestry.eu e www.agroforestry.be

25 Índios no Rio? O lado sombrio de "verde"

Ilustrador: Roberto Rodrigo do Amaral Brasílio

Um apelo à imaginação: índios que são expulsos por causa da ampliação do estádio de futebol Maracanã, no Rio de Janeiro. "Índios". Desde a época de Colombo, a palavra nunca foi corrigida; o bom homem acreditou que ele chegara à Índia. Desde a "descoberta" do continente americano, os nativos, tanto da América do Norte quanto da Central e da do Sul, foram massacrados. Em 2013, eles ainda são fortemente marginalizados. Sim, regularmente há vítimas fatais – especialmente na zona rural.

O fato gerou um forte artigo no jornal belga De Standaard, de 26 de março. É significativo que o fato seja pouco noticiado pela imprensa brasileira. A situação dos "índios" lembra um pouco a dos "ciganos" na Europa. Também é melhor não noticiar muito sobre eles... Na nossa memória coletiva europeia, o Brasil é lembrado como sinônimo de "futebol e carnaval no Rio de Janeiro". De vez em quando, ficamos emocionados ou indignados com o que está sendo feito com os índios. De vez em quando...

Estou viajando pelo Brasil para lançar o novo livro de Wervel, em português: *Legal! Realidade – Otimismo – Esperança*. Na obra eu tento explicar a diferença fundamental entre o otimismo superficial (por exemplo, tecnológico) e a esperança. Esperança que vai mais fundo, à la Vaclav Havel. O título é meio estranho porque, a cada ano, eu retorno mais pessimista desse subcontinente.

País emergente, país da carne

Como isso é possível? O Brasil não é um "país emergente", um dos BRICS? É justamente isso que torna o diálogo tão interessante. Os brasileiros vivem não só na euforia do carnaval e do futebol, mas também na dinâmica de uma prosperidade crescente, apesar da

crise global. Para apontar para o fato de que, em muitas áreas, esse crescimento não é sustentável, os movimentos sociais e as universidades recepcionam um "gringo": para ajudar a revelar o lado sombrio dos desenvolvimentos atuais.

Neste ano, no Rio de Janeiro, o agronegócio, o carnaval, os índios e o futebol estão estranhamente entrelaçados. O agronegócio, a reboque da expansão da soja, há anos financia grupos que desfilam no carnaval. A Vila Isabel venceu o Carnaval 2013. Essa escola de samba foi financiada pela BASF.

Atualmente restam 180 povos indígenas no Brasil. Há 500 anos, estima-se que havia cerca de 500. Às vezes, você realmente pode encontrá-los nas cidades: São Paulo abriga uma grande favela, na qual guaranis sobrevivem em condições desumanas; no Rio de Janeiro havia, até agora, aquele prédio ocupado [Museu do Índio]; nas rodoviárias, eles tentam vender cestos de fibras vegetais. Eles podem expor seu artesanato próximo às Cataratas de Foz do Iguaçu, mas estão proibidos de entrar no Parque Nacional do Iguaçu, onde estão as mundialmente famosas cataratas. No entanto, é terra sagrada para eles. Seus antepassados foram enterrados ali.

Isso acontece em nosso país?

Oficialmente, os brasileiros não são racistas. Na prática, é diferente, especialmente em relação a índios e negros. Frequentemente, o desconhecimento também contribui para isso. Por exemplo, durante a viagem, levo comigo o documentário da An Baccaert, ex-jornalista da [Difusora de Rádio e Televisão Flamenga (Bélgica)] VRT: *À sombra*

de um delírio verde. Quando exibimos esse filme em universidades, os estudantes ficam chocados: "Isso acontece em nosso país? Nós nunca vemos essas imagens na TV!"

O filme mostra de forma clara como os guaranis e outros povos são expulsos pela aliança dos fazendeiros com a polícia; como eles são empregados para trabalhar em condições análogas à escravidão nos canaviais que ocupam suas terras ancestrais. Cana-de-açúcar, especialmente para o etanol, a assim chamada "gasolina verde" para os carros brasileiros e europeus. Além da cana-de-açúcar, a soja, os reflorestamentos de eucalipto e o gado avançam cada vez mais. Em quase todos os estados, eles cercam as reservas indígenas. Em muitos casos, também provocam o desmatamento nessas áreas – para o plantio de soja, o "ouro verde".

A soja é destinada, principalmente, para produção de ração para suínos, aves, gado e peixes europeus e chineses. Do óleo é feito o "bio"diesel. Novamente "verde".

O eucalipto representa a celulose para a Europa. Especula-se muito sobre o cenário futuro: etanol a partir de eucalipto geneticamente modificado. Combustível agrícola, que teria menos impacto ambiental do que o etanol de cana-de-açúcar...

Há séculos, o gado reina na zona rural. Agora ele está sendo levado para a Amazônia e para o Cerrado, justamente pelo avanço da soja, da cana-de-açúcar e do eucalipto.

Os povos indígenas que foram violentamente expulsos por causa do estádio de futebol Maracanã têm valor de notícia – pelo menos na Europa. Soja, cana-de-açúcar e eucalipto para os consumidores europeus chamam muito menos a nossa atenção. No entanto, são

justamente os dois ícones de nossa sociedade ocidental que tomam suas terras e água limpa: "O Rei Carro e o Imperador Presunto". Ração animal, carne e etanol não são tão inocentes quanto parecem ser.

Chapecó, 26 de março de 2013.

Esse texto foi publicado na Bélgica, no jornal *De Standaard*, como "Opinião", na Sexta-Feira Santa, 29 de março de 2013.

26 Jovens semeiam Terra Solidária

Ilustradora: Ana Paula de Oliveira Ruiz

Alguns anos antes da fundação da Fetraf-Sul/CUT, no final da década de 1990, já havia iniciado o programa de formação Terra Solidária. O nome é um achado: "Terra Solidária"! Poderia ser um sinônimo para Wervel: grupo de trabalho por uma agricultura justa e responsável. Solidariedade e ecologia, o que também é defendido por Mundo B, em Bruxelas (1).

Sinergia

Em linha com essa tradição de Terra Solidária, agora está sendo criado um conjunto multiplicador interessante, com 5 mil jovens dos três estados da Região Sul.

Bem no dia em que cheguei a Chapecó, ocorria um encontro animado dos organizadores e professores do novo projeto. Trata-se de uma sinergia entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário, a Fetraf-Sul/CUT, a recentemente criada Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS) e o Sebrae (2): Curso Juventude Semeando Terra Solidária.

Além do rico conteúdo dos 12 módulos, o principal item inovador é o acionamento dos jovens. Eles são capacitados para multiplicar o conhecimento adquirido para suas bases. O curso terá início em abril de 2013, com duração de um ano e meio. Foram encontrados 120 jovens – 40 de cada estado – dispostos a percorrer esse trajeto e a incluir outras pessoas na formação. Nos intervalos entre os dias de curso, eles mesmos repassarão o conhecimento adquirido nos municípios de suas regiões. Para frequentar o curso e auxiliar na capacitação, os 120 jovens recebem dos sindicatos locais um salário mínimo.

Os objetivos desse empreendimento?

Durante o último congresso, ouvimos muitas vezes que uma das grandes preocupações atualmente é o êxodo rural, no qual especialmente os jovens partem para as cidades. Resultado: intensa falta de sucessores e a anteriormente dinâmica vida rural que ameaça deixar de existir.

O curso gira em torno de três eixos:

- Agricultura Familiar e campesinato;
- organização social – associações e trabalho sindical;
- sociedade e Estado.

Objetivo geral: ampliação dos locais de capacitação e organização dos jovens da Agricultura Familiar, com base na afirmação e na valorização da vida rural, com a intenção de garantir a permanência no campo por meio de renda, educação e qualidade de vida.

Mais especificamente:

- incentivar a permanência de jovens no campo, envolvendo-os nas "políticas públicas";
- formar novas lideranças nos sindicatos e para as organizações econômicas da Agricultura Familiar;
- estimular a inclusão dos jovens no mundo digital, para que possam ajustar melhor seu empreendimento às possibilidades digitais;
- criar oportunidades para conduzir seu próprio empreendimento por meio de um método de gerenciamento de unidades de produção familiar, que vise à sustentabilidade, à diversificação e à adoção de tecnologia apropriada;
- promover espaços de geração de renda, explorando diversas alternativas.

Universidade e campo se encontram

Um parceiro importante em todo o processo é a nova universidade UFFS. Ela é o resultado de uma longa luta das organizações populares para a implantação de uma universidade no Sul do Brasil, onde até alguns anos atrás não havia oportunidade de educação (3).

Em ambos os lados do oceano, o solo foi compactado por máquinas pesadas. A agricultura de exportação baseada em agroquímica empobreceu ainda mais o solo.

Deixem esses jovens revirar a terra petrificada e trabalhá-la com as mãos. Aos poucos, eles serão capazes de recriar uma Terra Solidária. Muitas vezes, onde parece impossível – mas essa perseverança eles aprenderam de seus pais.

Ou será que eles vão esperar inutilmente por um sucessor?

Chapecó, 27 de março de 2013.

(1) Mundo B (www.mundo-b.org): um escritório internacional em Bruxelas, com uma sinergia de 40 organizações (principalmente) europeias, com 400 colaboradores. Wervel (www.wervel.be) está sediada neste edifício.

(2) Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA (www.mda.gov.br), Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS (www.uffs.edu.br), Fetraf-Sul/CUT (www.fetrafsul.org.br) e Serviço de apoio às micro e pequenas empresas – Sebrae (www.sebrae.com.br).

(3) Veja: *Uma universidade de e para os movimentos sociais*, em *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

27 Syngenta e Bayer em defesa das abelhas?

Ou: Quando a esmola é demais... o santo desconfia

Ilustradora: Ana Paula de Oliveira Ruiz

Estou visitando a diocese de Ruy Barbosa, interior da Bahia. O bispo é o padre-agrônomo André De Witte, da Bélgica. É uma diocese na qual ainda se trabalha muito a partir da realidade social. A Teologia da Libertação, que surgiu na década de 1970, continua a inspirar. Aliás, um dos pais dessa teologia faleceu em 2010. José Comblin, nativo de Bruxelas, teria completado agora 90 anos de idade. Na Bélgica, ele é um nobre e desconhecido sacerdote. Entretanto, não é possível imaginar o movimento de libertação dos últimos 50 anos na América Latina sem Comblin. Por isso, neste outono, nós e um grupo de simpatizantes vamos editar uma obra (em francês e em holandês) na Bélgica, em memória de José e o que ele representava/representa[1].

O silêncio ensurdecedor sobre a terrível seca

Atualmente, a realidade no interior baiano é dominada principalmente pela seca persistente. Havia 50 anos que eles não vivenciavam por aqui uma seca tão prolongada. No entanto, a imprensa dedica pouca atenção ao assunto. Essa realidade de crescente desespero e êxodo rural não se encaixa exatamente do espetáculo permanente de boas notícias: "O Brasil é um país emergente. Dentro de alguns anos, vamos erradicar a pobreza."

Insurreição e ressurreição

Ontem à tarde tivemos uma palestra e um encontro com centenas de jovens da escola agrícola local. Outros interessados da cidade também participaram do debate. Em seguida, uma entrevista na "Rádio Esperança". O que podemos esperar nessa triste realidade? A introdução

1 Nota da tradutora: HOORNAERT, E. (Org.). **Novos desafios para o cristianismo**: a contribuição de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2010.

do último livro de Wervel, *Legal!*, vem a calhar. O subtítulo é *Otimismo – Realidade – Esperança*. A realidade está no centro. Toda vez, é novamente dali que partimos. Aquele mundo real muitas vezes não é uma fonte de otimismo. Mas a sinergia de grupos, indivíduos e organizações podem fazer brotar a esperança. Será que a Páscoa – insurreição e ressurreição – é possível em uma paisagem árida, na qual as pessoas fazem as malas e partem para a cidade? Em êxodo, mas nem sempre para uma vida nova e melhor...

Debate sobre neonicotinoides

Um dos participantes é Alex Lima Fábio de Melo. Ele é o coordenador de um promissor projeto de abelhas: Coopaerb (Cooperativa dos pequenos produtores agroecológicos do entorno de Ruy Barbosa). Num momento em que a União Europeia não consegue se decidir se vão ou não proibir neonicotinoides (1), essa visita tem um efeito revigorante. À primeira vista, aqui no interior da Bahia, estamos longe das atividades de *lobby* promovidas por Syngenta e Bayer, em Bruxelas – muito embora, desde 2009, o Brasil seja o campeão mundial do uso de agrotóxicos. Sim, aqui realmente se usa a palavra "veneno". Isso desperta uma imagem muito diferente do que as revistas agrícolas "*van bij ons*" [locais] (2), invariavelmente, chamam de "defensivos agrícolas". Defensivos? De quem? De quais interesses? "*Newspeak*" [Novilíngua] para qual modelo agrícola dominante? Desde a batalha entre von Liebig e Hensel, no final do século XIX, ainda não houve grandes mudanças. Infelizmente, a proposta agroecológica de Hensel levou a pior (3). As substâncias químicas destinadas à guerra continuam a ser empregadas na guerra global nas lavouras (4).

Syngenta, defensor da vida?

No momento em que escrevo esta crônica, vem aí outra ofensiva "charmosa" de dois gigantes da indústria química: "Plano de Syngenta e Bayer para salvar as abelhas" (5). Eles argumentam que a proibição não salvará as colmeias. É verdade, ainda há debate sobre as verdadeiras causas da morte maciça de abelhas na Europa e em todo o mundo (por exemplo, no Sul do Brasil). Que as sementes embebidas em veneno desempenham um papel central nisso está claramente provado, mas há mais acontecendo. O enfraquecimento generalizado das abelhas, por causa do veneno e por outros fatores ambientais, tornam elas mais sensíveis ao ácaro *Varroa*.

Semeando o veneno da confusão

Syngenta e Bayer, obviamente, querem a todo custo continuar vendendo o seu veneno – mas, ao mesmo tempo, eles fazem um apelo "forte" por margens floridas de lavouras. Para as abelhas, que ainda não morreram, ou cujos cérebros ainda não foram afetados, de modo que elas ainda encontrem as margens floridas (6). Os gigantes se contorcem como demônios em uma pia de água benta. Para Syngenta, essa eventual proibição coloca em jogo cerca de 1 bilhão de euros. Portanto, vale a pena semear alguma confusão! Há menos de um mês, a mesma multinacional organizou um dia de *lobby* no local conhecido por Kunstberg [Montanha da Arte], no centro de Bruxelas. Lá fora – no meio de inverno – havia uma plantação de milho e de outras culturas, com propaganda informando que a empresa de produtos químicos defendia a vida, a segurança alimentar e as abelhas. Entre o público, estavam o ministro-presidente da região de Flandres (Bélgica) e o ministro da Agricultura, Kris Peeters, membros da

Comissão Europeia, e outras pessoas do alto escalão. Enfim, todas as pessoas que têm boas intenções para com as abelhas e a agricultura. Porque, sim, não vamos nos esquecer: sem as abelhas, grande parte da produção mundial (e dos nossos alimentos) está ameaçada.

Normas sob medida para a grande indústria

Voltando para Alex, em Ruy Barbosa (Bahia). Ele trabalha para Coopaerb, um projeto que é cofinanciado pela ONG belga Disop (7). Cinco anos atrás, com o apoio deles, foi construído um local de processamento e armazenamento. Não é fácil obter a aprovação do Ministério da Agricultura porque as normas estão estreitamente alinhadas com a grande indústria, e não com a Agricultura Familiar. É semelhante à situação na União Europeia, onde as normas de higiene também são fixadas sob medida para a indústria de alimentos que faz *lobby* e que, em Bruxelas, inclusive se senta à mesa para ajudar a escrevê-las... Entretanto, o excesso de higiene poderia diminuir nossas defesas naturais: o consumidor, reduzido a uma planta de estufa, que adoece ao menor espirro da pessoa que está ao seu lado. Por exemplo, se a norma estipular que o mel exótico a ser importado precisa ser aquecido a 70ºC, esse processo também destrói as enzimas benéficas. Resíduos de veneno em alimentos são, naturalmente, outra questão. Estes sempre devem ser evitados.

Recentemente, a cooperativa obteve a aprovação, o selo, e agora eles podem comercializar o mel oficialmente. Entre outros, pelo programa de compras para a merenda escolar eles conseguem, facilmente, vender seu mel. A famosa lei que prevê que, a partir de 1º de janeiro de 2010, 30% de todas as compras para as escolas devem vir da Agricultura Familiar cria novas oportunidades em todo o Brasil. Ou seja, esperança.

As espécies exóticas, às vezes, podem ajudar

Atualmente, devido à seca extrema, a produção está muito baixa, mas a apicultura tem um enorme potencial por aqui. Em 2011, os cooperados produziram, em conjunto, 57,2 toneladas de mel. Como o inverno não é rigoroso, é possível coletar o mel até cinco vezes por ano. Não são exceção os 50 quilos de mel por colmeia/ano. Durante alguns meses, de agosto a novembro, há poucas plantas e árvores floridas. Por isso, Alex estimula os agricultores a plantar algaroba. Essa espécie floresce justamente nesses meses, de modo que pode haver produção ao longo de todo o ano. Mas é necessário ter cuidado, porque é uma espécie exótica, que ameaça suprimir espécies nativas. A intenção não pode ser a de reflorestar o Brasil com eucalipto ou com o homogeneizador pínus e a algaroba.

O que é interessante é que a algaroba também produz frutos alongados, muito ricos em proteína. Eles podem ser usados localmente, como ração animal. Já existe uma empresa que transforma os frutos em ração, mas os agricultores podem, tranquilamente, manter isso nas próprias mãos. Pode ser extremamente importante em épocas de seca.

Alex não ensina apenas criação de abelhas aos agricultores, mas também a como fazer húmus. Em um viveiro, ele produz mudas de espécies arbóreas nativas e, é claro, da exótica algaroba. Alunos do colégio agrícola fazem estágio lá. Os agricultores também vêm dar uma espiada, pois fazer húmus com resíduos orgânicos, esterco e minhocas é novidade para eles. E as mudas são muito bem-vindas, pois o desmatamento está tão acelerado que as abelhas têm dificuldade de sobreviver e de se alimentar. Ou seja, uma abordagem abrangente.

A algaroba me lembra o espinheiro-da-virgínia, que está produzindo proteínas em muitas avenidas de Bruxelas. Ninguém sabe disso.

Por isso, quando Wervel, no ano passado, entregou ao Parlamento Europeu nossa petição internacional sobre proteínas, ela foi acompanhada pelas vagens compridas colhidas nas avenidas de Bruxelas. Para indicar que a União Europeia não pode continuar sendo dependente de uma única fonte de proteína: a soja importada. Não é um sonho falso, e sim uma verdade óbvia. Nós temos muitas fontes "locais" de proteína (2).

As abelhas europeias africanizadas expulsam as nativas

Exatamente essa expulsão por espécies exóticas também está acontecendo aqui com as abelhas. Os missionários trouxeram consigo abelhas europeias e, em 1956, abelhas africanas escaparam de um laboratório. Esses insetos são particularmente agressivos e cruzaram com as europeias. Resultado: todas as abelhas se tornaram agressivas, o que resultou até em morte durante suas buscas por alimentos. As espécies de abelhas nativas foram marginalizadas. É uma pena; talvez elas produzam menos mel, mas o mel é melhor e os insetos não têm ferrão. Ou seja, são muito pacíficas.

Superando o medo

Por enquanto, o projeto ainda está trabalhando com abelhas africanizadas, mas nos últimos anos eles estão tentando incentivar os agricultores a redescobrir o valor das espécies nativas. Alex dá um exemplo inspirador. Passamos por sua casa na cidade e vimos caixas penduradas com umas sete espécies diferentes de abelhas. Os vizinhos, inicialmente, ficaram com medo, por causa do trauma das abelhas africanas, mas agora percebem que os insetos são amigáveis e

produzem um mel excelente. É outro exemplo de como a agricultura urbana é possível. Nos últimos anos, também há criação de abelhas em Bruxelas. Como na cidade não é permitido aplicar agrotóxicos, o mel seria até mais puro do que o do campo. Alex tem ainda uma cabra que fornece o leite diário. Ela recebe resíduos vegetais e folhas de "catinga-de-porco", uma árvore com folhas ricas em proteína. Novamente, proteína sem ser de soja... Sim, é possível!

Eu sei pouco sobre abelhas, mas, de repente, eu me sinto conectado com o padre Modest Haerens, um confrade da Abadia de Averbode. Ele faleceu no ano em que as abelhas africanas escaparam no Brasil, em 1956, e, até a sua morte, foi um internacionalmente cobiçado "palestrante sobre abelhas". Em parte graças a ele, na primeira metade do século XX, a apicultura se tornou um verdadeiro movimento social.

Será que isso poderia acontecer novamente aqui? A cooperativa já tem cem apicultores registrados, e estão mantendo contato com 300 agricultores em 35 municípios. É possível.

Ruy Barbosa (Bahia), 2 de abril de 2013.

(1) Veja: www.vilt.be/Lidstaten_aarzelen_over_verbod_op_neonicotinoiden [Estados membros hesitam sobre a proibição de neonicotinoides] (veneno em que as sementes são imersas, especialmente milho, colza, girassol e algodão). Além dos três neonicotinoides que estão em debate, Greenpeace exige a proibição de outros quatro agrotóxicos: www.greenpeace.org/international/en/publications/Campaign-reports/Agriculture/Bees-in-Decline

Enquanto isso, Bayer não quer divulgar seus estudos secretos..

(2) O termo "local" utilizado nesta crônica é uma resposta à campanha mentirosa do *lobby* agrícola de Flandres. A campanha divulga, entre outros produtos, a "carne produzida localmente", mas deixa de informar que, para isso, é necessária uma grande

quantidade de rações para animais, além de solo e água do outro lado do oceano. Para desmascarar a mentira, Wervel editou um cartaz, "Carne produzida localmente? Desmatamento ao longe!", com imagens de satélite do desmatamento no Cerrado brasileiro. Durante a viagem pelo Brasil, eu distribuo os cartazes como um "jogo americano". Os brasileiros apreciam o fato de que os europeus se preocupam com a riqueza do Cerrado e enxergam sua própria responsabilidade no desmatamento do outro lado do oceano.

(3) Veja: *Nosso futuro roubado*, em *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2010).

(4) Veja: *Ração animal, um história de interdependência*, em *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2010).

(5) Veja: www.vilt.be/Reddingsplan_van_Syngenta_en_Bayer_voor_de_bijen [Plano de Syngenta e Bayer para salvar as abelhas]. Veja também: www.vilt.be/Nieuwe_bijenhotels_in_Brussel_en_Antwerpen [Novos hotéis para abelhas em Bruxelas e Antuérpia].

(6) Veja: www.vilt.be/Neonicotinoiden_tasten_hersenen_van_bijen_aan [Neonicotinoides afetam o cérebro das abelhas]

(7) Veja: www.disop.be/es

28 Escolas Família Agrícola

Ilustradora: Maria Virginia Gapski Giordani

Foi fascinante: fazer uma palestra em uma Livraria Cultura para os vegetarianos de Recife (Pernambuco). Em seguida, uma viagem de 15 horas de ônibus para uma realidade muito diferente: Teresina, capital do Piauí. Para comunidades de agricultores, nas quais carne e laticínios são os temas centrais. Tal como na Europa. Dois mundos? Intransponível?

Para os vegetarianos, eu falo sobre o "mundo real" da agricultura camponesa. Para os agricultores, eu me atrevo a falar da transição de proteínas, muito necessária. Menos dependência de soja do exterior e redução no consumo de proteína animal. Para a maioria, isso ainda é muito virtual.

Pioneiro

Fui convidado aqui mediante proposta da ONG belga Disop. Gerard Verhelst, um belga nascido no Brasil, ouviu uma palestra minha sobre o Brasil, em Gent, na "Vredeshuis" [Casa da Paz]. O apelo de Wervel pela proteção do Cerrado e a responsabilidade da Europa aparentemente o tocaram. Ele enviou um *e-mail* para seus parceiros no Piauí. O objetivo é conhecer a realidade do estado mais pobre do Brasil, mas especialmente a contribuição das Escolas Família Agrícola.

Sou hóspede dos jesuítas. É comum encontrar pioneiros entre os jesuítas. Essa comunidade conta com um deles: Humberto Pietrogrande.

É um italiano que já trabalha há mais de 50 anos no Brasil. Primeiro, no Espírito Santo; mais tarde, no Piauí. Na Itália, ele conheceu as escolas agrícolas familiares – um modelo que, por sua vez, surgiu na década de 1930, na França.

Estrondoso sucesso

Como foi confrontado com o êxodo rural já na década de 1960, ele foi buscar inspiração na Itália e convidou brasileiros para conhecer as escolas nesse país. Foi o início da primeira escola agrícola com um método de trabalho de "alternância". Como os estudantes não são arrancados de seus contextos – pelo contrário, estão sempre retornando para suas famílias –, esse modelo espera, pelo menos, reduzir o êxodo rural e viabilizar a esperança de uma vida digna no campo. O modelo teve grande aceitação. Atualmente, já existem no Brasil mais de 270 dessas escolas. No Estado do Piauí, há 18 delas.

Novamente "família"?

Para os ouvidos europeus secularizados e individualistas pode soar um pouco estranho, mas no Brasil a "família" ainda é muito enfatizada: Fetraf = Agricultura Familiar; as escolas nesse sistema comunitário são chamadas de "Escolas Família Agrícola". Pode ser devido à influência italiana, na qual "*la mamma*" e a família são fundamentais. Extremamente católico também. Afinal, há muitos imigrantes italianos e seus descendentes no Brasil.

Mesmo assim, a realidade aqui nem sempre é como o nome sugere. Meu guia me contou que, na escola dele, cerca de 80% dos alunos vêm de famílias monoparentais ou de outras variantes. O contexto aqui é, naturalmente, a capital e seus arredores. Na zona rural isso ocorre menos; porém, é uma das características de desarraigamento nas cidades.

A desestruturação familiar é um problema para a implantação desse modelo inovador de escola, porque o projeto pretende, com base nos estudantes, colocar as famílias no caminho da agricultura

sustentável. Os alunos ficam 15 dias na escola, num regime de internato. Em seguida, eles retornam durante 15 dias para a família ou para os substitutos (avós, tios, tias...). Às vezes há uma família, mas os pais não querem participar porque não veem mais futuro na agricultura. Nesse caso, o objetivo não pode ser alcançado e o aluno é convidado a mudar de escola. Quando se tem sucesso, a família é incluída no processo de formação. É algo semelhante ao projeto que foi lançado esta semana no Sul do Brasil. Lá, os alunos ajudam na formação de colegas da mesma idade em suas comunidades (nos três estados da Região Sul). Aqui se pretende que o conhecimento adquirido seja transferido para a própria família.

Abordagem integral

Esse modelo (1), em que o foco não é apenas a transferência de tecnologia, mas também de laços afetivos (na escola e na família), cultura, espiritualidade, aprender a trabalhar de modo cooperativo, entre outros, teve grande aceitação. Portanto, investe-se fortemente nas relações pessoais. Cada aluno tem um monitor e as famílias também recebem acompanhamento a partir da escola.

Um dos problemas em toda a zona rural do Brasil é que as escolas rurais foram fechadas e que o governo apenas fornece transporte escolar para a cidade. Lá os jovens são imersos diariamente na cultura urbana, com outros valores, uma linguagem diferente, práticas diferentes. Alienação de todas as formas. Em casa, o deus TV faz o resto: propaganda diária do agronegócio com sua agricultura de exportação em grande escala, as novelas apresentam novamente um mundo urbano (geralmente branco) como o ideal. Porém, é preciso mencionar que as novelas incluem, às vezes, temas sociais: homossexualismo, negros, a história da escravidão e os fazendeiros.

Fazenda Nova Esperança

Cada escola tem autonomia, mas trabalham em rede umas com as outras. A Fazenda Nova Esperança está a serviço das várias escolas, bem como dos agricultores da região. A palavra "fazenda" gera um pouco de confusão, pois remete a "fazendeiros", que se apropriam de grandes áreas. O objetivo do padre Humberto era fazer uma espécie de ponte entre os dois modelos agrícolas. Se ele será bem-sucedido, é outra questão. Novamente, é uma questão de valores diferentes, muito embora o ponto principal seja o desequilíbrio no poder.

Quando eu pergunto se a formação na fazenda é agroecológica, a resposta é: "Não, nós partimos da realidade dos próprios agricultores e esta é uma realidade em que, às vezes, trabalha-se com agrotóxicos de maneira perigosa. O trabalho na fazenda é feito da maneira mais ecológica possível, com o mínimo de recursos externos, para promover a autonomia das propriedades. Só lançamos mão de produtos químicos em último caso."

Uso criativo de água

Como no Nordeste estamos com enormes problemas por causa da seca, é dedicada muita atenção ao uso racional da água. Irrigação por gotejamento, por exemplo, em vez de aspersores, que exigem muito mais água. Eles também acreditam em produção utilizando um substrato de lã de rocha. Técnica aprendida na Holanda: sem usar terra, assim como se cultiva endívia na Bélgica. É um método que não é aceito pela agricultura orgânica. A agricultura orgânica exige solo. Eu também tenho as minhas reservas, mas é uma alternativa criativa para as propriedades com pouca terra e pouca água. Eles usam garrafas vazias de refrigerante, nas quais o substrato é

colocado. O conjunto de garrafas é colocado sobre um suporte, debaixo de uma cobertura que protege contra o sol muito forte. A água com minerais passa pelas garrafas cortadas. Não há desperdício de água. Quanto a agrotóxicos, somente utilizam fungicidas se houver doenças. Para uma cabeça de alface, são necessários 2,5 litros de água, enquanto na irrigação em cultivos no solo são utilizados de 9 a 15 litros. Isso faz você pensar: sem terra, com pouca água e com poucos produtos químicos, é obtida uma grande produção. Como será que é o sabor? Será que agricultura e alimentos não são mais do que uma simples mistura de minerais? O interessante é que eu acabo de receber um *e-mail* de um projeto europeu que quer apoiar a produção de endívia no solo, na província de Brabant. Os governos dessa província e de Flandres também querem fomentar o entusiasmo da nova geração por essa cultura, que se originou mais de cem anos atrás, na região de Bruxelas (2).

Vaca holandesa?

Quando chegamos ao gado de leite, não consigo deixar de perguntar: "Por que vacas holandesas de elevada produtividade?" Essa vaca foi imposta mundialmente a partir da Europa: na Índia, no Brasil... Ou seja, aqui também. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) serviu de canal de distribuição. O mantra é sempre o mesmo: "maior produção". Sim, mas além de pasto, o gado exige ração: soja e milho. A não ser que você seja um fazendeiro muito criativo, como Ronny Aerts: em Herselt, na Bélgica, ele consegue a mesma produção com o consórcio capim-trevo e um pouco de milho. Não só a exigência alimentar é um problema dessa dominação holandesa. A diversidade genética também está se reduzindo assustadoramente em todo o mundo, tanto na União Europeia quanto, por exemplo, no

Brasil. O estranho é que primeiro a UE forneceu subsídios para impor esse modelo de alta produção. Nos últimos 15 anos se observou que, agora, as raças regionais estão se extinguindo em toda a Europa. E a mesma UE, agora, dá dinheiro aos agricultores que querem manter a agrobiodiversidade com essas raças domésticas raras: vacas, cabras, ovelhas. Algo semelhante aconteceu com as espécies frutíferas nativas de pé-franco.

Erosão genética

O professor confirma minhas dúvidas. No caso das cabras, no Piauí, a importância da diversidade genética regional foi reconhecida a tempo. Agora, a Embrapa está desenvolvendo um projeto interessante na escola, com os porcos que as pessoas têm criado aqui há séculos. Ou seja, a importação da Europa não é recente. Para raças de gado não é tarde demais, mas a recuperação da diversidade é urgente.

Na avicultura industrial, as linhagens genéticas estão particularmente empobrecidas. Em todo o mundo, cerca de 80% dos pintos e das matrizes são fornecidas por duas empresas multinacionais: uma dos EUA e uma segunda que opera com base na Alemanha. Dizem que metade da capacidade de carga da Lufthansa é reservada para pintainhos e para ovos fertilizados! Desde Zaventem também são despachados milhões de pintainhos e ovos para a África.

É isso que nós queremos? O que vamos fazer se houver uma nova epidemia de gripe aviária? Diversidade genética só pode fortalecer as galinhas.

Caju, cajá, jaca...

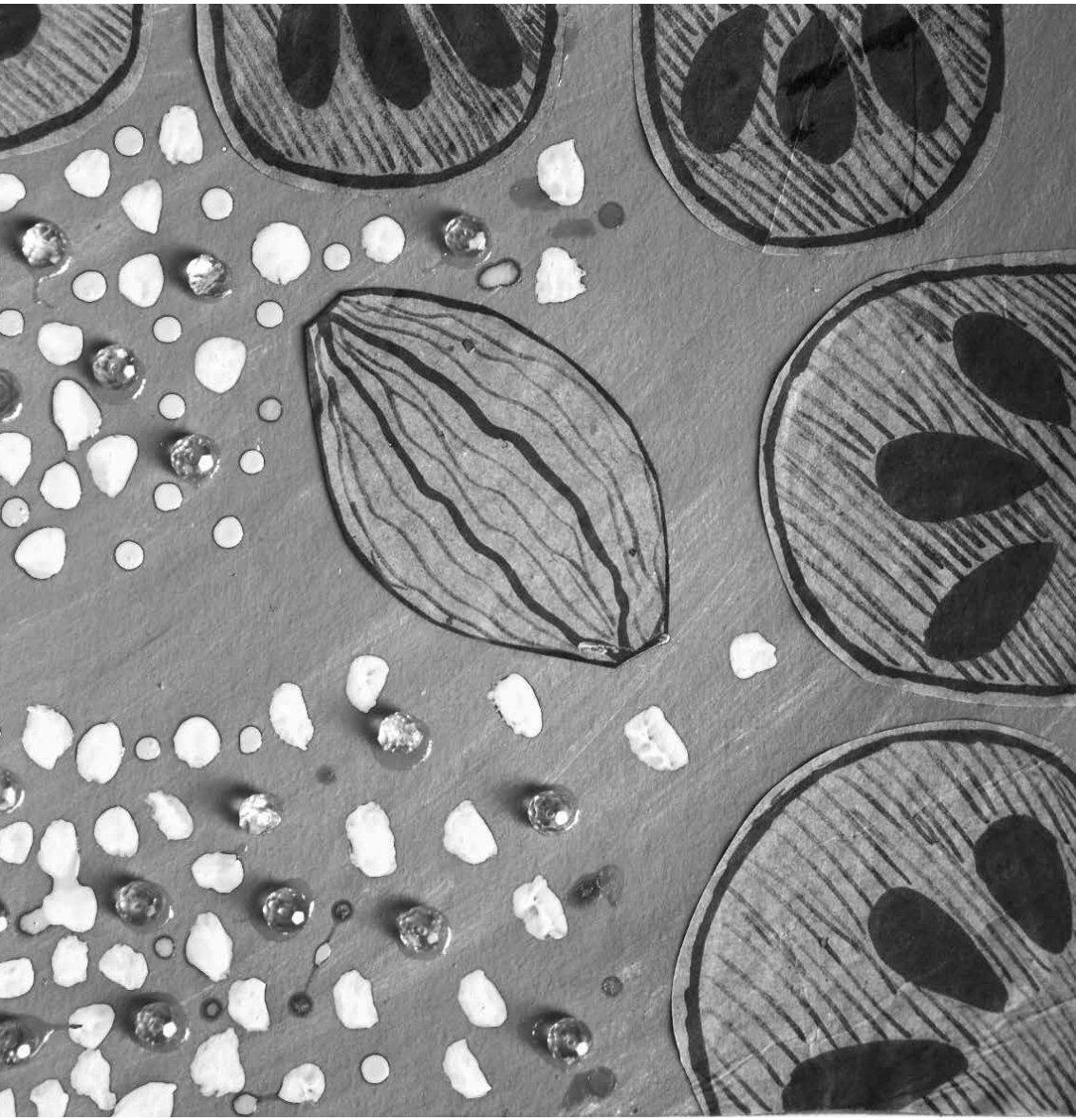
Eu prefiro o caju, conhecido por nós pelas castanhas. Não deve ser confundido com o cajá ou a jaca. Sim, o Brasil abriga um tesouro em termos de frutas e castanhas a serem comercializadas. O caju é um dos principais frutos na economia do Piauí. Até agora, os agricultores só colhiam a castanha, mas também há uma boa produção de polpa. A Fazenda Nova Esperança quer, agora, orientar os jovens e os agricultores locais para colher tanto a castanha quanto a polpa. O suco da fruta poderia aumentar sua renda de modo significativo.

Teresina, 6 de abril de 2013.

(1) Mais informações em: www.funaci.com.br. Seis das 18 Escolas Família Agrícola fazem parte da rede Funaci. Uma das escolas capacita os jovens para o turismo (hotelaria, restaurantes, bares) e outra ensina diversos ofícios e habilidades fora da agricultura. Além disso, Funaci ainda está intensamente envolvida em atendimento à saúde (por exemplo, uma clínica), creches, assistência social e outros projetos.

(2) Veja: www.vilt.be/Vlaams_Brabant_wil_vakkennis_grondwitlooftelers_delen [A província do Brabante Flamengo quer compartilhar o conhecimento de produtores de endívia no solo].

29 Fora babaçu! Bem-vinda a soja?



Ilustradora: Maria Virginia Gapski Giordani

A região em torno de Teresina se situa na interseção entre o Cerrado, a Caatinga e a Amazônia, chamada de "Cerradão": um cerrado com árvores altas e mata fechada. Uma das espécies que se destacam é o babaçu, uma palmeira.

Aumento de resíduos e veneno

Viajo de ônibus durante três horas pela (ainda) bela natureza. Rumo à Escola Família Agrícola, de Miguel Alves (Piauí). É uma escola com 112 alunos em quatro turmas, com forte ligação e integração com 83 famílias de 33 comunidades.

O secretário do Meio Ambiente vem me buscar na rodoviária. Ele tem duas grandes preocupações: fazer algo com relação ao problema do lixo no município e parar o aumento exponencial de agrotóxicos. Novamente o veneno! Desde 2004, o aumento nessa região foi alarmante, tanto nas pequenas propriedades quanto nas grandes. Naquela época tinha início o primeiro governo Lula. Não que Lula incentivasse o uso de agrotóxicos, mas é uma consequência indireta de uma política de redistribuição justa. Com o aumento da renda de muitos agricultores, também veio a tentação de utilizar agrotóxicos pela primeira vez. A propaganda diária nos meios de comunicação fez o resto.

Da agricultura de subsistência para uma vida digna no campo

Parece que essa escola também quer conter o uso de veneno, mas a opção clara pelo caminho agroecológico ainda não foi feita. A prioridade é aumentar a produção e garantir uma renda melhor para as famílias. Uma intenção nobre, mas é uma pena que a sabedoria da agroecologia não esteja incluída no pacote. As pessoas vêm da

agricultura de subsistência e, até recentemente, nunca haviam utilizado produtos químicos. Por que não buscar uma forma de obter um maior rendimento mesmo sem agrotóxicos? A agricultura orgânica não é um retorno ao passado, mas um caminho de progresso, que parte da sabedoria do povo e aliada às novas descobertas da ciência.

O efeito indireto do avanço da soja

Nós visitamos algumas pequenas propriedades que estão ligadas à escola. Enquanto isso, o diretor me conta, com tristeza, que a cadeia produtiva do babaçu está praticamente estagnada.

"Por causa da chegada da soja, senhor."

"Como assim? Não se avista soja alguma por aqui. É no sul do Piauí que ela está avançando, mas ela não chega aqui, chega?!"

Com um pouco de reflexão, chego ao cenário que se desenrola em todos os continentes. A grande variedade de óleos que conhecemos está sendo pressionada pelo óleo de soja mais barato no mercado mundial. Com a soja é possível ganhar, pelo menos, duas vezes: soja para óleo comestível ou biodiesel e farelo de soja para ração animal (com uma pequena fração para o consumo humano). A soja pode ser cultivada em larga escala e com alta tecnologia em mecanização. Além disso, a soja brasileira não paga impostos – nem nos portos brasileiros, nem nos portos europeus. Outros óleos, como o de amendoim do Senegal, o de azeite de oliva do sul da Europa, ou o de babaçu do Piauí, são muito mais finos e mais saudáveis, mas eles exigem muita mão de obra. Para eles, não há a dupla possibilidade de renda e isenção fiscal. A única unidade de processamento de babaçu na região está fechada. A maioria das pessoas, portanto, deixou de

colher essa riqueza das palmeiras. É verdade que, nos últimos anos, o preço da soja aumentou de maneira espetacular (devido à demanda asiática com seu crescente consumo de carne). O mal está feito: muitas economias locais, baseadas na biodiversidade, estão à míngua. A produção de soja se comporta como o ciclo do ouro. Agora que os preços estão elevados e, provavelmente, permanecerão assim por algum tempo, haverá ainda mais desmatamento e ainda mais imposição da monocultura da soja (1).

Do amor pelo animal para a máquina de produção a serviço dos consumidores

Partiram em busca, portanto, de produção conforme o modelo ocidental. Curioso, apesar de tudo. Sobre o primeiro casal que nós visitamos, a jovem esposa trouxe o marido de volta da longínqua São Paulo. Ele foi trabalhar na cidade grande, a 2.500 km de distância, para ter uma renda. De 2010 a 2012, ela frequentou o curso de capacitação na escola, junto com outras 72 famílias. Resultado: eles começaram uma horta e comercializavam a produção na cidade. Além disso, possuem 300 frangos, criados parcialmente soltos – galinhas caipiras –, que eles conseguem vender por um bom preço em um supermercado local. E eles começaram criar alguns suínos de raça, que eu também vejo em granjas na Bélgica. Os porcos pretos da região não podem ser criados soltos, e sim dentro de cercados. Felizmente, ainda ficam ao ar livre, de modo que eles podem brincar e escavar, como já fazem aqui há séculos. Afinal, porcos são animais muito sensíveis e curiosos.

Os suínos de raças melhoradas precisam ficar dentro da granja, para se alimentar da dupla soja-milho e produzir leitões. É que eles não podem mais acumular muita gordura. Não é isso que o consumidor

quer... Agora a família é formada por pessoas felizes, com uma renda decente. Se os porcos também estão felizes, é questionável. Mas quem sou eu para fazer essa pergunta? Em Flandres, há 6 milhões de porcos trancafiados – o mesmo número de habitantes da região. Eles podem viver apenas 6 meses. Portanto, 12 milhões de porcos por ano, criados sem terra, empilhados em gaiolas. A ração – ou seja, o solo e a água – vêm em grande parte do exterior: soja do Brasil e companhia. A soja, que destruiu a cadeia produtiva do babaçu e outras economias locais...

Em silêncio, presenteio o casal feliz com o livro *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança*. É que "esperança" é algo diferente de, por exemplo, "otimismo tecnológico".

Fora roça!

As próximas duas visitas são belos resultados da reforma agrária. A escola também contribuiu para isso. Até uns bons dez anos atrás, a maior parte da região estava nas mãos de quatro famílias. Agora se encontram espalhados por ali os resultados da redistribuição de terras compradas na região para essa finalidade. O assentamento tem oito famílias. Eles compraram a terra coletivamente: 127 hectares. Cada família tem uma parte que elas cultivam separadamente, principalmente hortaliças. Há também um jardim comunitário, que é cultivado em conjunto e cuja produção é repartida. A maior parte dos 127 hectares é floresta em recuperação. No mesmo curso da Escola Família Agrícola eles concluíram, em conjunto, que seus muitos esforços para fazer uma lavoura, ao final, rendiam quase nada. A prática da "roça" – ou seja, queimar, a cada ano, um pedaço da floresta para cultivar – foi, portanto, abandonada recentemente. O cultivo de hortaliças exige menos esforço, acaba com a tradicional queimada e gera mais renda. Dá o que pensar...

Batata biofortificada?

As outras quatro famílias compraram suas terras cada uma separadamente, mas vivem de modo bastante comunitário. Eles também se dedicam principalmente à horticultura, com uma notável batata-doce: a batata biofortificada, um produto fomentado pela Embrapa. A raiz contém mais vitamina A e é ideal para o programa do governo de compra direta da Agricultura Familiar. Eu não tenho certeza se eu devo ficar entusiasmado com esse desenvolvimento. "Biofortificada" (2) sugere que a diversidade de sementes e frutos de Agricultura Familiar não é capaz de alimentar a população adequadamente. "Bio" é sempre algo suspeito, porque o prefixo é, frequentemente, mal utilizado. Ele pode se referir tanto à agricultura orgânica quanto à biotecnologia, para não ter de dizer "engenharia genética", porque a população é muito sensível em relação a esta última. Na Europa, não é preciso ir muito longe: Europabio (www.europabio.org) é um grupo de *lobby* de empresas de engenharia genética que quer, a todo custo, colocar alimentos geneticamente modificados nos pratos dos consumidores europeus relutantes. Para mim, "biofortificada" me parece muito próximo do "arroz dourado", uma variedade de arroz geneticamente modificado que a indústria quer impor na Ásia. Seria a solução para milhões de pessoas pobres, porque esse arroz contém mais vitamina A. O que a indústria de engenharia genética não conta é que você precisa consumir diariamente muito mais arroz do que o habitual para receber a dose correta de vitamina A.

O branco é chique

Muito menos se reflete sobre o fato de que a deficiência de vitamina é o resultado da colonização. Os colonos britânicos e holandeses introduziram a moda do consumo de arroz polido, arroz branco – semelhante ao pão branco, que também seria um sinal de prosperidade.

Tente encontrar no Brasil um "pão integral", ainda que, nos últimos anos, tenha havido alguma mudança nesse sentido, começando com a classe média nas cidades.

É na película que reveste os grãos de arroz e de trigo que se encontram vitaminas. Não seria melhor, então, simplesmente consumir uma diversidade saudável de arroz integral, verduras e frutas? A Embrapa me assegura que os produtos "biofortificados" (batata-doce, feijão, milho etc.) foram obtidos por seleção convencional.

Bill Gates

Será que posso manter a devida suspeita ao saber que esses produtos melhorados são resultantes de Harvest Plus (3), uma organização financiada pela Fundação Bill Gates, pelo Banco Mundial e pela Syngenta? Uma pessoa não deve ser paranoica, mas também não pode ser ingênua. Bill Gates é um dos poderosos que acreditam na afirmativa de que a fome no mundo pode ser resolvida graças à engenharia. E o que pensar da gigante da indústria química/produção de sementes Syngenta, membro da Europabio? Eu ainda prefiro tratar com a IAASTD, da Organização das Nações Unidas (4). Quatrocentos pesquisadores de todo o mundo trabalharam juntos nessa estratégia. Seu princípio básico é que agroecologia e investimentos na agricultura camponesa representam o caminho para alimentar a população mundial, e não a rodovia das multinacionais, que querem vender seus produtos químicos e sementes transgênicas. O professor Olivier De Schutter – relator especial das Nações Unidas para matérias referentes ao direito à alimentação (5) – é um dos defensores do caminho da IAASTD. Ele acrescenta ainda que sistemas agroflorestais (6) são a solução de muitos dos problemas que estamos enfrentando agora para chegar a essa agricultura socialmente justa e ecologicamente responsável.

Utilizar a biodiversidade do Brasil

Um exemplo do Cerrado. Além do babaçu, há toda uma cadeia produtiva viável com o buriti. É possível utilizar literalmente tudo dessa palmeira (7). Para continuar no mesmo tema: o fruto do buriti contém vitaminas A, B, C e ferro. A polpa do buriti contém 20 vezes mais vitamina A do que o já elevado teor de vitamina A em uma cenoura.

Um exemplo que transcende o Brasil é o trabalho de Clara Brandão (8). Ela argumenta há décadas que a nossa dieta sofreu um forte atraso devido à industrialização da agricultura e dos alimentos. No entanto, o Brasil é rico em diversidade de fontes nutricionais. Cada região tem suas plantas, castanhas e frutos comestíveis e que podem ser usados como suplemento na dieta. É só pensar na ora-pro-nóbis em Minas Gerais (9).

Ela dá como exemplo as folhas de mandioca. Embora contenham mais ferro do que a carne e mais vitamina A do que o leite, elas são pouco utilizadas. Atualmente, o resultado de suas pesquisas é aplicado em todos os estados do Brasil e em muitos outros países. Esperemos que o seu trabalho não seja suplantado pelo capital de Bill Gates e companhia. "Biofortificado" não é necessário. Cada região tem as verdadeiras "bio"forças à disposição para serem aproveitadas: elas só precisam ser enxergadas e usadas com sabedoria.

Amanhã viajo 400 km na direção oposta, para a Caatinga: uma região mais seca, com vegetação mais pobre. Estou curioso para saber quais são as escolhas das escolas de lá.

Miguel Alves, 8 de abril de 2013.

(1) O Brasil tem grande disposição para responder ao crescimento global e exponencial do consumo de carne. Por isso, no país, aumentarão não apenas os suínos, aves e bovinos, mas principalmente o desmatamento e as monoculturas de soja-milho: "Em 2023, o Brasil quer estar produzindo cerca de um quarto a mais de carne suína. O Ministério da Agricultura manifestou a ambição de também aumentar a produção de carne bovina em 22,5%. Para a indústria avícola é esperado um crescimento de 46%", informa a revista *Boerenbusiness* [Agronegócio]. Para realizar tudo isso, o Brasil também vai intensificar a produção de milho e de soja. A agricultura brasileira não ficou parada nos últimos anos. De acordo com dados do Departamento de Agricultura dos EUA, a produção de carne suína aumentou em 36% entre 2003 e 2013. Espera-se que, neste ano, o Brasil produza 3,37 milhões de toneladas de carne de porco.

Na próxima década, o país quer que a produção de carne suína aumente em mais 24,6%, para 4,42 milhões de toneladas. Além disso, o governo tem grandes planos para produção em outros setores. Em 2023, o país quer produzir 10,9 milhões de toneladas de carne bovina. Isso é 22,5% a mais do que o Brasil espera produzir em 2013. O setor avícola deve ter um crescimento de 46% para, em 2023, produzir 4,67 milhões de toneladas de carne.

Mais carne significa também maior necessidade de ração. Em 2023, o Brasil almeja um aumento de 20% na safra de milho, o que representa uma produção de 93,6 milhões de toneladas de milho. A safra de soja – que, nos últimos dez anos, já aumentou 66% – deve aumentar mais 22%, até um total de 99,2 milhões de toneladas em 2023. Destas, 46,9 milhões de toneladas seriam exportadas, um índice 27,5% superior às exportações atuais. De acordo com o governo, a área plantada com soja ainda pode se expandir dos 27,7 milhões de hectares, em 2013, para 34,4 milhões de hectares em 2023.

Fonte: Revista Boerenbusiness (Lelystad, Holanda), 16 de junho de 2013.

(2) Veja: www.almanaquedocampo.com.br/imagens/files/Batata%20doce%20biofortificada.pdf e r4d.dfid.gov.uk/pdf/outputs/misc_crop/ofsp_country_report_mozambique_portuguese_web.pdf

(3) Internacional: www.harvestplus.org; ramificação brasileira: www.biofort.com.br

(4) Veja: www.unep.org/dewa/Assessments/Ecosystems/IAASTD/tabid/105853Default.aspx. IAASTD – International Assessment of Agricultural Knowledge, Science and Technology for Development [Avaliação Internacional do Conhecimento, da Ciência e da Tecnologia no Desenvolvimento Agrícola].

(5) Veja: www.srfood.org

(6) Veja: www.agroforestry.be; www.agroforestry.eu

(7) Veja: www.ispn.org.br/o-buriti-a-palmeira-de-mil-e-uma-utilidades. Central do Cerrado, Cooperativa de Grupos Produtivos (contato): centraldocerrado@centraldocerrado.org.br. ISPN: Instituto Sociedade, População e Natureza: www.ispn.org.br

(8) Veja: www.multimistura.org.br

(9) Veja *Proteínas de ora-pro-nóbis*, em *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2008).

30 O Evangelho do Eucalipto

Ilustradora: Sabrina Soares D'Assunção

Inesperadamente, eu ganhei uma carona de 310 km, entre Teresina e Oeiras. Ou seja, da atual capital do Piauí para a primeira e ex-capital estadual, no início do século XVIII. A distância de 310 km equivale a cruzar a Bélgica, do litoral até Arlon. Aqui eles estão acostumados com tais distâncias. A Caritas Católica Piauí está realizando uma avaliação de um projeto relacionado com a seca extrema dos últimos anos no Semiárido. Então, é preciso ir até lá, mesmo que você tenha de viajar quase cinco horas.

"Euh"[1], eucalipto

A viagem nos leva por um planalto e... vejam: pela primeira vez, uma lavoura de soja cruza o meu caminho no Piauí. Nós percorremos um trecho especialmente longo por uma monocultura de eucalipto, na Chapada Grande. As áreas planas no planalto são muito cobiçadas pelos "sulistas" (descendentes de imigrantes europeus da Região Sul do Brasil). Eles querem, finalmente, levar para o Piauí o desenvolvimento que o estado merece: soja e eucalipto.

De repente, cai a ficha: eles trazem o "Evangelho do Eucalipto". A palavra *evangelho* vem do grego *eu-angèlion*: a boa-nova. Na palavra *eucalipto* também há a sílaba "eu". Não sei se vem do "eu" grego, mas veio bem a calhar. Os fazendeiros e as empresas trazem a "boa-nova": finalmente vocês vão encontrar trabalho e chegar ao desenvolvimento que os levará ao promissor século XXI.

1 Nota da tradutora: **Euh**, interjeição que expressa dúvida, hesitação. Jogo de palavras do autor com a primeira sílaba de eucalipto.

Euh, desemprego

Porém, a realidade é um pouco diferente da "boa-nova" dos sulistas. Nos imensos reflorestamentos uniformes, nem cobra aguenta ficar por lá (1). A vegetação original diversificada foi convertida em carvão e é transportada para os altos-fornos de Belo Horizonte (Minas Gerais) e São Luís (Maranhão). É incompreensível quando se sabe que o Cerrado, neste planalto, é vital para o Piauí. Se considerarmos a Amazônia como o pulmão do planeta Terra, esta região tem a mesma "função" para esse estado. O clima está mudando, pois o eucalipto é uma espécie arbórea que acrescenta pouca umidade ao ambiente. Ela extrai uma grande quantidade de água e a evapotranspiração é muito maior do que a da vegetação original. O cúmulo do cinismo é que essas imensas plantações são frequentemente chamadas de "reflorestamento". Os proprietários recebem dinheiro da compensação de CO_2 do Hemisfério Norte, graças ao Protocolo de Kyoto.

A Chapada Grande está, em grande parte, localizada no município de Regeneração: regenerar, recuperar o ciclo da vida. A verde árvore do eucalipto faz exatamente o oposto do que esse município deveria defender. Os fragmentos da explosão fazem vítimas em todo Piauí. Será que o consumidor europeu de lenços de papel sabe disso?

Cerca de 200 famílias foram expulsas. Outras pessoas da região estão partindo. Desanimadas. Porque seus animais criados soltos são abatidos à bala quando se atrevem a chegar perto do reflorestamento. Uma tradição de séculos lhes foi roubada. Porcos, cabras, ovelhas, burros, vacas, galinhas não podem mais ser criados soltos. Quanto à prometida criação de emprego e sua prosperidade, elas não se concretizaram. Os poucos postos de trabalho que são criados são ocupados por pessoas que vêm de fora, raramente por alguém da região.

As pessoas partem para a cidade. Desarraigadas. Os jovens não encontram trabalho e entram na marginalidade, muitas vezes na criminalidade. As drogas fazem com que muitos deles esqueçam, por alguns momentos, a realidade desesperadora.

Em outras regiões do Piauí, o "evangelho verde-claro" também foi imposto. Para surpresa de todos, os senhores do eucalipto partem inesperadamente. Eles abandonam seus reflorestamentos, sem dar qualquer satisfação para a população, apesar de todas as promessas. O "evangelho" era falso e vazio? No entanto, o governo fez de tudo para facilitar a vida deles. Políticos acolhem esses projetos. Eles aumentam a produção e a exportação do estado. E isso é uma boa-nova, certo?!

Euh, Europa

Na Bahia me contaram que, até agora, os reflorestamentos de eucalipto passaram por três fases. Na década de 1970, o objetivo principal era obter benefício fiscal com eles. Mesmo sem o plantio, mas apenas com a intenção de "pregar o evangelho", as grandes empresas conseguiam deixar de pagar impostos. A segunda onda veio com os elevados preços de energia elétrica, no início da década de 1980: eucalipto para fazer carvão. Quando o preço do petróleo baixou, deixou de ser interessante. A nova onda que estamos vivendo agora se destina, principalmente, ao mercado internacional de celulose. Ou seja: na maior parte para exportação para a Europa. Enquanto isso, os desertos verdes são, muitas vezes, anunciados como reflorestamentos, podendo receber dinheiro para a compensação de CO_2 do Hemisfério Norte.

A quarta onda poderia ser o mercado de etanol. Há vários anos, sonha-se acordado com a produção de etanol com base em eucalipto geneticamente modificado. Isso será um verdadeiro "evangelho da gasolina verde"!

Oh, Francisco

Somos hóspedes de uma fundação que tem Francisco de Assis em alta conta. O inspirador é, claramente, padre João de Deus. Eles trabalham com vários projetos, de capacitação e outros (2), inclusive cinco "Escolas Família Agrícola". Nós visitamos duas delas. A Caatinga é uma realidade diferente do "Cerradão" no entorno de Teresina. Talvez isso explique por que foram feitas outras escolhas. Ou será que é devido à figura de Francisco de Assis? (3) De qualquer modo, aqui tudo já é agroecológico e isso com os limitados recursos de que dispõem. Nenhum veneno! Junto com o povo, o centro quer buscar uma forma inteligente de lidar com as condições naturais do Semiárido. A intenção é não permanecer na subsistência, mas dar apoio à sabedoria popular transmitida acrescentando tecnologia adequada e novos conhecimentos. Até a prefeitura daqui parece adotar a agroecologia. Em vez de pulverizar as ruas com Roundup, é reunido um pequeno exército para cortar o mato.

Oh, pé-duro

Chegamos à segunda escola, próxima de um quilombo. A maioria dos alunos, portanto, são afrodescendentes. O que chama atenção de imediato é uma árvore enorme: um tamarindo. Uma menina está limpando os frutos colhidos da árvore para utilizá-los no jantar. Professores e alunos me mostram orgulhosamente a propriedade. Há um projeto de avicultura. Todo mês eles compram 25 pintos. Parte das aves adultas é abatida para a

cozinha da escola e parte é vendida para as diversas comunidades da região. Também criam alguns porcos. De que raça? É o "pé-duro", o porco preto, que pode ser criado solto no Piauí. Eles escolheram conscientemente o porco do povo dessa região, não a raça branca de suínos imposta pelo consumidor. Não, eles acham que os porcos que produzem são bem mais saborosos. Além disso, são parte da cultura local.

Assim como na outra escola que visitamos esta manhã, eles fazem o seu próprio adubo orgânico. A horta está muito bem. Ela fornece alimento para os alunos e é, ao mesmo tempo, sua aula prática diária.

Ah, água!

Um poço foi perfurado para irrigação por gotejamento. O paradoxo é que o Piauí tem muitas secas, mas o subsolo abriga uma das maiores reservas de água doce do mundo. Desde o século XVII, falta vontade política para realmente fazer algo sobre o problema da seca. Por exemplo, perfurar poços em vez de, com a regularidade de um relógio, enviar caminhões-pipa e manter as pessoas dependentes. Com um poço, as pessoas podem dar continuidade à vida de modo autônomo e esquecer o político. Enviar caminhões-pipa para o povo, ao longo do ano, vale a pena. Isso aparece na TV, você é visto como um político que "faz o bem" e mantém seu curral eleitoral na linha.

Sinto-me revigorado. O "evangelho" desses jovens e seus professores abre um novo futuro.

Oeiras, 9 de abril de 2013.

(1) Neste momento, não vou me estender sobre os muitos problemas ambientais e sociais dos reflorestamentos de eucalipto e pínus. Veja as crônicas anteriores: *Canadá e eucalipto*, em *Brasil: espelho da Europa?* (Holanda: Dabar, 2000); *Você alguma vez alimentou seu filho com papel?*, em: *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2008); *A festa arruinada do Cerrado*, em: *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012). Veja o filme *Sustentável no papel* (Direção: Leo Broers e An-Katrien Decluyse, 2010): www.youtube.com/watch?v=r-gH40WLL2Y

(2) Funded ocupa-se principalmente das escolas, mas também com a Fazenda Esperança, onde, desde 2012, viciados em drogas podem começar sua desintoxicação. Veja também: cefaspi.blogspot.com.br (centro de capacitação para as diversas comunidades, com a função de servir de modelo para produção ecológica no clima típico da Caatinga).

(3) Por aqui, Francisco é muito reverenciado. Você vê muitas imagens de "*Il Poverello*" [O Pobre Homem] e há um importante lugar de peregrinação na região, onde muitas pessoas se reúnem em seu nome. O novo Papa Francisco é, portanto, muito bem-vindo aqui, mesmo porque o homem defende a simplicidade. Suas declarações sobre a natureza e o meio ambiente, bem como a opção pelos pobres, são acompanhadas com atenção. Além disso, o Padre Cícero é muito reverenciado aqui, na Caatinga. Ele foi um padre inspirador do Ceará. Ele era solidário com o povo e os apoiava na sua busca por lidar de forma inteligente com as secas do sertão. Ele faleceu na década de 1930, mas, até hoje, seu túmulo é um lugar de peregrinação para centenas de milhares de nordestinos. Uma terceira figura, embora bastante invisível, é José Comblin, de Bruxelas. Ele defendia a "Teologia da Enxada". Enquanto intelectual, ele mergulhou por décadas na dura vida rural do nordestino. E, precisamente, a "união da enxada e da caneta" se tornou o logotipo das Escolas Família Agrícola. O intelectual que realizou cursos de capacitação em toda a América Latina e em Louvain-la-Neuve (e, às vezes, conferências na Collegium Pro America Latina Leuven – Copal) era, ele próprio, um grande devoto de Padre Cícero.

31 Aefapi: Associação Regional das Escolas Família Agrícola do Piauí

Uma entrevista com o coordenador João Pinheiro Emílio Lemos

Ilustradora: Sabrina Soares D'Assunção

No escritório da Aefapi há um grande cartaz com fotos e objetivos. Reproduzo algumas das citações desse cartaz para apresentar as EFAs (Escolas Família Agrícola) e a Aefapi.

"A maravilhosa história das escolas é mais do que uma história de educação. É uma história que conecta as problemáticas ligadas ao mundo do campesino com suas dimensões ecológica, política, econômica, social, profissional e cultural."

Princípios das EFAs:

Formação integral. Projeto de vida profissional.	Desenvolvimento no plano social, econômico, humano e político.
Alternância: um método pedagógico adaptado.	Inter-relações locais: pais, famílias, profissionais, instituições.

Desde o início, os agricultores definiram a alternância (15 dias na escola; 15 dias de reconexão com a situação familiar) como uma educação escolar, mais adaptada aos ritmos do campo, e um currículo com os seguintes objetivos:

- uma formação técnica e profissional, que prioriza a prática e a experiência;
- uma educação geral para formar a personalidade, para aprender a interpretar a realidade e a mudá-la;
- uma formação humana com o objetivo de preparar para a vida e para o desenvolvimento pessoal e comunitário.

João Emílio, quando exatamente teve início a coordenação da Aefapi?

João Emílio (JE): Em 1986 foi estabelecida a primeira escola no Brasil. Desde então, elas se espalharam por todo o Brasil. As "Escolas Família Agrícola" (com raízes italianas) e as "Casas Famílias Rurais" (da França,

onde o modelo surgiu na década de 1930) respondem, juntas, por 270 escolas.

A ONG belga Disop (1) apoiou essas escolas durante anos: construção de escolas, formação de estudantes, apoio aos professores. A partir de 2004, surgiu a necessidade de coordenar melhor e de fortalecer as 18 escolas no Piauí. Desde aquele ano, Disop tem apoiado especialmente esse trabalho institucional, com financiamento do governo belga – recursos que, aliás, irão expirar no final de 2013.

Não será um problema se o financiamento acabar?

JE: O fato foi comunicado com bastante antecedência e nós nos preparamos para isso. O auxílio já havia evoluído de investimento em construções para investimento em formação e instrutores. O serviço prestado por Disop foi essencial para o nosso trabalho, mas agora precisamos encontrar nossos recursos no Brasil. Em primeiro lugar, no próprio Piauí.

O que você deseja alcançar com essa organização articuladora, abrangente e participativa?

JE: As primeiras escolas são iniciativas da Igreja Católica. De figuras fortes, padres, que continuam a nos inspirar até hoje. Isso é ótimo, mas nós também queríamos trabalhar em mais participação das famílias na vida escolar. Mais horizontal, adaptada aos tempos de hoje.

Também queremos melhorar um pouco a alternância, porque ela é muito complexa. Temos um grande arsenal para apresentar os jovens ao trabalho e às comunidades. A escola, os jovens, as famílias não são ilhas. Queremos fortalecer os laços com associações, cooperativas, sindicatos etc., para que possamos progredir coletivamente. Realizar o movimento em conjunto e quebrar a inércia.

Queremos, finalmente, ampliar a rede escolar enquanto instituição, para que possamos dialogar melhor com as autoridades e fortalecer a Agricultura Familiar. Esperamos construir uma organização mais sólida, que é respeitada, de modo a termos também peso político.

Eu já visitei quatro escolas: duas próximas a Teresina e duas na região de Oeiras. Trata-se de dois contextos diferentes: Teresina, com a vegetação exuberante do "Cerradão"; Oeiras, no meio do Semiárido da Caatinga. Chamou minha atenção que as escolas próximas a Teresina enfatizam mais a produção e, para isso, querem reduzir o uso de agrotóxicos, mas não pensam em evitá-lo completamente. Nas escolas na Caatinga fiquei agradavelmente surpreso que as escolas adotaram como ponto de partida a difícil realidade climática. Elas são grandes defensoras da agroecologia, da sabedoria do povo, fortalecida com as novas descobertas de, por exemplo, a Embrapa.

JE: De fato, cada região é distinta, tem uma história diferente com outras condições naturais. Em Miguel Alves havia uma antiga tradição de extrativismo: a coleta de frutos de babaçu para extração de óleo dessa palmácea. Essa cadeia produtiva se deteriorou e, com a chegada dos produtos químicos, muitas pessoas pensam que é possível conseguir rapidamente uma boa renda com pouco trabalho. Lá surgiu uma espécie de imediatismo. A assistência técnica do governo nem sempre é adequada e, muitas vezes, é realizada dentro do paradigma da agricultura convencional. Isso requer uma avaliação. Aqui na Aefapi nós organizamos muitos debates e tentamos, desse modo, discutir essas questões para fazer ajustes.

Por outro lado, existem projetos interessantes na Embrapa. Uma ala dessa empresa de pesquisa do governo federal está se dedicando especificamente à Agricultura Familiar. Ela introduziu, assim, a batata-doce e o feijão biofortificados (variedades de batata-doce e de feijão obtidas por melhoramento convencional). Eles fortalecem as propriedades e dão a elas mais oportunidades, por exemplo, no

"Programa de Alimentação Escolar" (no qual 30% dos alimentos para instituições como escolas devem ser fornecidos pela Agricultura Familiar). Nossa grande preocupação, é claro, é motivar os jovens para construírem suas vidas e serem felizes no campo.

Sim, esta manhã eu conheci Marcos, da Embrapa. Ele faz um trabalho maravilhoso com caprinos e suínos de raças regionais e com forte inserção nas comunidades. Como é que você avalia a chegada de um gringo crítico da Bélgica?

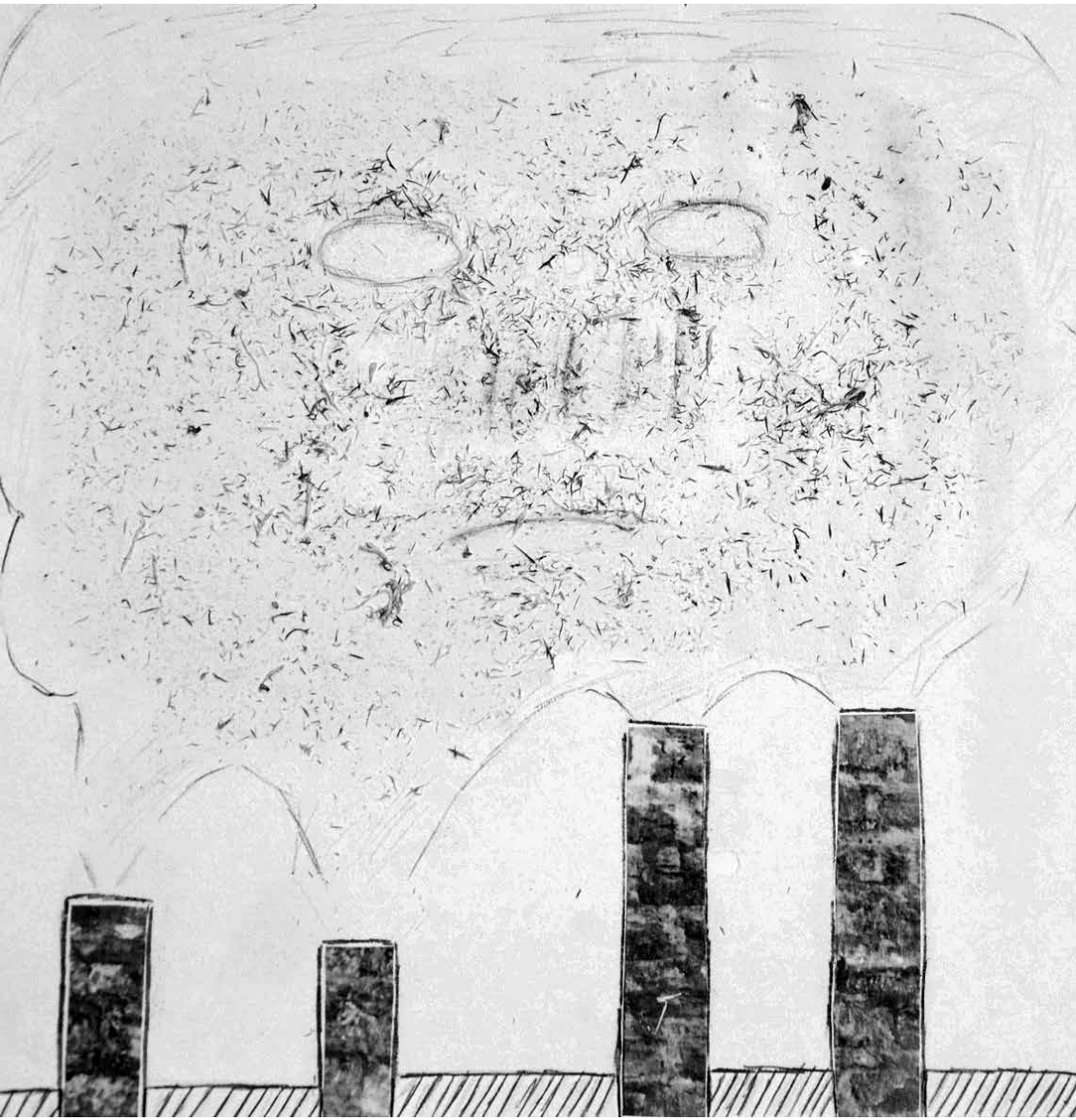
JE: Estamos felizes por você ter dedicado uma semana para conhecer a nossa realidade. Nós sabemos que você, enquanto escritor, vai dar mais visibilidade às EFAs e à Aefapi. Isso é bom para não ser isolado. E sim, o fato de você ter dúvidas e até mesmo críticas, isso é bom. Isso nos faz refletir. Afinal, você se colocou com respeito e em diálogo.

Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

JE: Somos um projeto educacional e defendemos o desenvolvimento rural. A educação deve estar inserida no desenvolvimento sustentável. Por isso, nos últimos anos, ampliamos o trabalho com as famílias. Os pais recebem assistência técnica na produção e nós nos articulamos mais com organizações parceiras que querem fomentar a vida no campo. Os ex-alunos são, portanto, envolvidos no trabalho por meio de várias parcerias. A permanência de jovens no campo começa a aumentar um pouco. Vamos trabalhar de modo ainda mais coletivo e envolver todos ao máximo, tanto no plano educacional quanto associativo. A Aefapi e as EFAs vão continuar, ainda que o apoio financeiro da Bélgica acabe.

Teresina, 11 de abril de 2013.

32 Fuligem “do mal”



Ilustrador: Lucas Dalcin

As labaredas dos incêndios sobem alto no sul do Piauí. O governo dá as boas-vindas aos produtores de soja do sul do Brasil. Na verdade, quase todos os governos neste país recepcionam com entusiasmo ardente a chegada da soja e do eucalipto. Para isso, fingem que não veem a expulsão de residentes locais e a queimada de reservas naturais. Estradas são construídas, ou melhor, asfaltadas em direção ao porto: para que os motores a diesel de caminhões possam transportar a riqueza da soja de forma mais eficiente – embora muitas estradas brasileiras estejam em condições lamentáveis, cheias de buracos provocados por caminhões sobrecarregados de soja. Com frequência, isso torna a empreitada um inferno para motoristas de caminhão. Por exemplo, para a soja "sustentável" de Lucas do Rio Verde, em Mato Grosso, eles devem transpor 2.450 km para descarregar seu tesouro no Porto de Paranaguá.

Enquanto isso, luxuosos 4x4 deixam claro em toda parte quem é que manda na terra da soja: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Tocantins, Goiás, Piauí, Maranhão, Bahia, Minas Gerais...

7,5 milhões de toneladas de fuligem/ano

Fuligem em dobro: queimam a floresta e o (bio?)diesel. No entanto, uma pesquisa recente mostra que evitar a queima de diesel e de lenha é uma medida eficaz para o clima. A fuligem negra é o segundo maior fator de aquecimento da atmosfera, após o malfadado CO_2, que provoca o efeito estufa. É o que escrevem 31 dos pesquisadores do clima mais importantes do mundo (1).

Em média, a atmosfera é obrigada a absorver anualmente 7,5 milhões de toneladas de fuligem. E os seres humanos a absorvem junto. A principal fonte é a queimada de florestas/savanas, primitivos fogões

a lenha e as lâmpadas de querosene. A combustão do carvão e as emissões dos navios (2) também produzem grandes quantidades de fuligem negra. Porém, na Europa, nos EUA e na América Latina, cerca de 70% das partículas de fuligem vêm diretamente de motores movidos a diesel. O nosso próprio pequeno país, a Bélgica, com seus 11 milhões de habitantes, provavelmente é campeão mundial em termos de "veículos de passeio com motor a diesel". Em 2012, dos 5,44 milhões de veículos de passeio, 3,4 milhões utilizaram diesel como combustível. Durante décadas, devido a escolhas políticas dos governos, era mais interessante – do ponto de vista financeiro – investir em um veículo a diesel do que se deslocar naqueles a gasolina. Nos últimos anos, essa diferença diminuiu um pouco. Às vezes, essa escolha política é apresentada como uma resposta ao aquecimento global, pois seria menos poluente do que o motor a gasolina! Porém, não por acaso, a Bélgica é detentora do triste recorde mundial de câncer de mama: 11,63% das mulheres são acometidas antes de completar 75 anos. O câncer de mama é, em parte, determinado geneticamente, mas nos últimos tempos também se aponta para a relação entre a elevada concentração de motores a diesel e a onipresença desse tipo de câncer.

Novamente, efeitos indiretos

As finas partículas negras de carbono são o principal componente da fuligem. Partículas com um diâmetro de cerca de cem nanômetros provocam o aquecimento da Terra, porque absorvem e retêm a luz e o calor do sol. A fuligem também estimula a formação de nuvens e reduz a reflexão da luz solar em planícies geladas. Todos esses efeitos indiretos também provocam mais aquecimento.

Tudo isso tudo já era conhecido, mas a nova pesquisa reúne todos os dados possíveis sobre o fenômeno e mostra como o efeito de aquecimento das partículas de carbono é duas vezes maior do que o estimado anteriormente pelo Painel do Clima, da ONU. Se forem computados os efeitos indiretos de aquecimento provocado pelas partículas de fuligem, verifica-se que elas são três vezes mais prejudiciais ao clima do que se pensava anteriormente. Essas partículas acrescentam 1,1 watts de energia por metro quadrado à atmosfera. Para o CO_2, o valor é de 1,66 watts.

Diesel e sulfatos

A interação com certas substâncias químicas pode afetar os efeitos de aquecimento da fuligem. Por exemplo, as partículas de fuligem de motores a diesel provocam um aquecimento adicional porque estão misturadas com sulfatos. Os pesquisadores enfatizam, portanto, que agora ficou claro, pela primeira vez, que limitar o número de veículos a diesel seria uma maneira muito eficaz para combater o aquecimento global.

Isso está principalmente relacionado com uma diferença significativa entre o "tempo de vida" do CO_2 e das partículas negras de carbono. O CO_2 se acumula e perdura por décadas. A fuligem permanece por uma semana a dez dias na atmosfera. Portanto, evitar a emissão de uma tonelada de partículas de carbono tem um efeito imediato.

"Se fizermos tudo o que pudermos para reduzir as emissões decorrentes da queima de madeira e de diesel, conseguiríamos reduzir o aquecimento em meio grau ou retardar o processo por várias décadas", diz o pesquisador Piers Forster, da *School of Earth and Environment* [Escola da Terra e do Meio Ambiente], da Universidade de Leeds (Inglaterra).

Cancerígeno

Não só o clima sofre mais danos do que se imaginava. O impacto mais pesado é sobre a nossa saúde. A pesquisa do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas concluiu que 2,4 milhões de mortes por ano podem ser evitadas se reduzirmos as emissões de fuligem. A Organização Mundial de Saúde também deu sua contribuição. Eles elevaram a classificação das emissões do diesel de "possivelmente cancerígeno" para "cancerígeno".

Soja, fuligem, queima de madeira, diesel, aquecimento, câncer: será que essa história inesgotável da soja está, literalmente, relacionada com tudo?!

Ou: "A banalidade do mal". Nós não sabíamos.

Teresina, 11 de abril de 2013.

(1) Veja: The Journal of Geophysical Research-Atmospheres: onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jgrd.50171/abstract. Veja também: www.igbp.net/news/pressreleases/pressreleases/blackcarbonlargercauseofclimatechangethanpreviouslyassessed.5.4910f0f013c20ff8a5f8000152.html

(2) Veja: *Navios que se cruzam na calada da noite. Soja sobre o oceano* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2006).

33 *Land grabbing* ou roubo de terras

Ilustrador: Lucas Dalcin

A grilagem de terras é um mal antigo. Nos tempos coloniais, as melhores terras na África, na Ásia e na América Latina foram reivindicadas para as culturas de que a Europa precisava: cana-de-açúcar, cacau, café, borracha etc... Será que, atualmente, é muito diferente? Agora não é só a Europa, mas também a China, a Índia, o Japão. Sim, agora o próprio Brasil participa na África. Geralmente, o roubo ocorre em associação com multinacionais – às vezes, disfarçadas de ONGs para, na sequência, poder atuar plenamente como empresa.

Compre terras no Brasil por 0,50 euro/hectare

Na década de 1960, intermediários estiveram na Bélgica oferecendo terras no Brasil por 20 francos belgas (meio euro) por hectare. Muitos viram isso como um bom investimento e compraram de 8 a 12 mil hectares. E por que não? Investimento interessante! Descobriu-se posteriormente que as terras em questão, às vezes, eram reivindicadas por até três instâncias. Resultado: processos judiciais intermináveis, e isso a 9 mil quilômetros de distância.

Empresas como a Volkswagen também possuem, há décadas, vastas extensões de terras no Brasil. A lei que dificulta a aquisição de terras por empresas estrangeiras foi contornada com a criação da "Volkswagen do Brasil".

Brasileiros tomam terras de brasileiros

Os descendentes de europeus no Brasil também conhecem bem a prática. Desde a Revolução Verde da década de 1960, os gaúchos do sul do Brasil – com nomes italianos, alemães, poloneses e ucranianos – partem para o norte com sua soja. Monocultura de soja em

imensas áreas destruídas, tábula rasa para trazer o "desenvolvimento". Há alguns anos, também chegaram assim ao sul do Piauí. Especialmente no município de "Bom Jesus", os sulistas ocuparam os planaltos mais elevados com sua soja. Para a agricultura camponesa original sobraram as terras nas áreas mais baixas, menos adequadas para cultivo. As pessoas estão intimidadas e forçadas a vender suas terras. Nesse processo, as terras pertencentes ao estado e ao governo federal são, ilegalmente, incorporadas. Fazendeiros agindo como grileiros (1). Eu não sei se o bom Jesus teria aprovado isso, mas em Bom Jesus existe um muro virtual entre a população original e os invasores do sul. Eles vivem em condomínios, nos quais literalmente se escondem atrás das paredes. Você apenas os vê esporadicamente, quando circulam com seus dispendiosos "4x4".

Desde 2000, os investidores estrangeiros ocupam uma área equivalente a 65 vezes a Bélgica

Desde 2000, a situação mudou radicalmente. No mundo todo. Mais e mais investidores estrangeiros investem em terras. Em muitos casos, eles trabalham para grandes agroindústrias. Foi assim que, de 2000 até 2010, nada menos do que 203 milhões de hectares trocaram de dono. Ou seja, 65 vezes a área da Bélgica, ou uma área equivalente à do Cerrado.

"A maior parte das terras está localizada em países em desenvolvimento com graves problemas alimentares", diz Stéphane Parmentier, especialista nessa área, da ONG Oxfam. "Além disso, uma nova pesquisa revelou agora que os investidores buscam particularmente países com estrutura estatal fraca, legislação limitada e com muita corrupção. Dessa forma, eles conseguem obter mais lucro e evitar a burocracia."

De preferência, os mais fracos primeiro

Quase três quartos dos 56 países que, na última década, firmaram contratos envolvendo terras, têm baixa pontuação no índice de desenvolvimento humano (IDH) do Banco Mundial. Esse índice também é um indicador de como o país combate a corrupção, garante a estabilidade política e contém a violência, quão forte é o estado de direito e qual é o grau da participação política dos cidadãos. Ainda que o próprio índice seja passível de crítica, o Banco Mundial – que utiliza esse índice – não considera oportuno interromper os grandes investimentos agrícolas. Certa preocupação está começando a crescer, especialmente porque a erosão das terras agrícolas devido a essas práticas destrutivas começa a tomar formas alarmantes em todo o mundo (2). "Os investidores estrangeiros escolhem justamente aquelas áreas em que há pouco controle", diz Parmentier. "E onde os moradores locais estão mais fracos. Em muitos casos, as pessoas são obrigadas a vender seu pedaço de terra, enquanto são exatamente essas pessoas que dependem daquele pedaço de terra para seu sustento diário."

Crise alimentar

Não há evidências de que os grandes investidores tenham cessado a sua busca por solo fértil depois de 2010. Pelo contrário. Parmentier: "A crise alimentar de 2008 e também a crise financeira agravaram ainda mais o fenômeno. Especialmente por causa do impacto do aquecimento global, a terra se tornou um bem escasso. Além disso, o solo fértil é cada vez mais utilizado para outros fins que não a produção de alimentos, como os agrocombustíveis." Em 60% das terras que são objeto de grandes aquisições (*land grabbing*), as empresas cultivam esses agrocombustíveis.

A quantidade total de terra que, ao longo da última década, foi para as mãos dos investidores estrangeiros poderia, em princípio, prover alimentos para um bilhão de pessoas. Isso é exatamente o número de pessoas que atualmente sofrem com a fome.

Moçambique

Um exemplo gritante é Moçambique. O país já firmou 96 contratos, o que representa cerca de 5% do território. É apenas um começo. Agora surgiu um triângulo entre Japão, Brasil e Moçambique. Especialmente o norte de Moçambique está recebendo grandes investimentos. Veja os gritos de alegria do "Clube de Moçambique" (3). O Japão se encarregaria das obras de grande porte – entre outras, portos –, pois a soja deve ser embarcada o mais rápido possível para a Ásia e para a Europa. O Brasil cuida da transferência de tecnologia: "Como eu cubro a 'inútil' savana com monocultura de soja?" Cerca de 103 fazendeiros brasileiros já estariam atuando nesse país promissor. Eles recebem apoio da Embrapa, o centro de pesquisa agropecuária do governo brasileiro. Desde o segundo mandato do governo Lula, o "Pássaro"-Embrapa tem duas "asas": uma grande e uma pequena. A asa grande do agronegócio eclipsa a pequena, que deve servir à Agricultura Familiar. Infelizmente, até agora os projetos voltados para a África atendem somente ao agronegócio. No entanto, de campesino para campesino, os africanos e os brasileiros podem aprender muito uns com os outros. O pássaro corre o risco de despencar no oceano se uma das asas continuar a ficar cada vez mais comprida e a outra, mais curta.

Leopoldo II, rei dos belgas, mostrou como se faz

Não, agora se segue a estratégia que o rei Leopoldo II aplicou no final do século XIX – e, posteriormente, o Estado belga – no Congo: cooptar os chefes [das tribos] e assim impor seus interesses colonialistas. Os chefes locais não são eleitos democraticamente e sua palavra é lei. Assim, grandes extensões de terra são concedidas, mesmo contra a vontade de seu próprio povo. O poder do chefe é inatacável. O mesmo se aplica ao presidente. Ele não precisa temer grande controle democrático para participar ativamente do triângulo. Os moçambicanos devem segui-lo.

Planeje sua próxima viagem para Moçambique – com a TAP

Moçambique também tem alto conceito turístico. No avião para o Brasil, encontro o folheto promocional da TAP: sugestões de viagens com a companhia aérea portuguesa TAP para o paraíso chamado Moçambique. A capa anuncia: "A natureza em seu estado mais puro". Nem uma palavra é dita sobre a ocupação de Moçambique ou sobre a destruição do paraíso.

Estou feliz por Disop 20 ter levado exemplares do último livro de Wervel, *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança*, para Moçambique. Eles serão utilizados nas escolas agrícolas para discutir sobre qual o modelo agrícola que os próprios moçambicanos querem. "Será que nós queremos essa invasão da soja brasileira?"

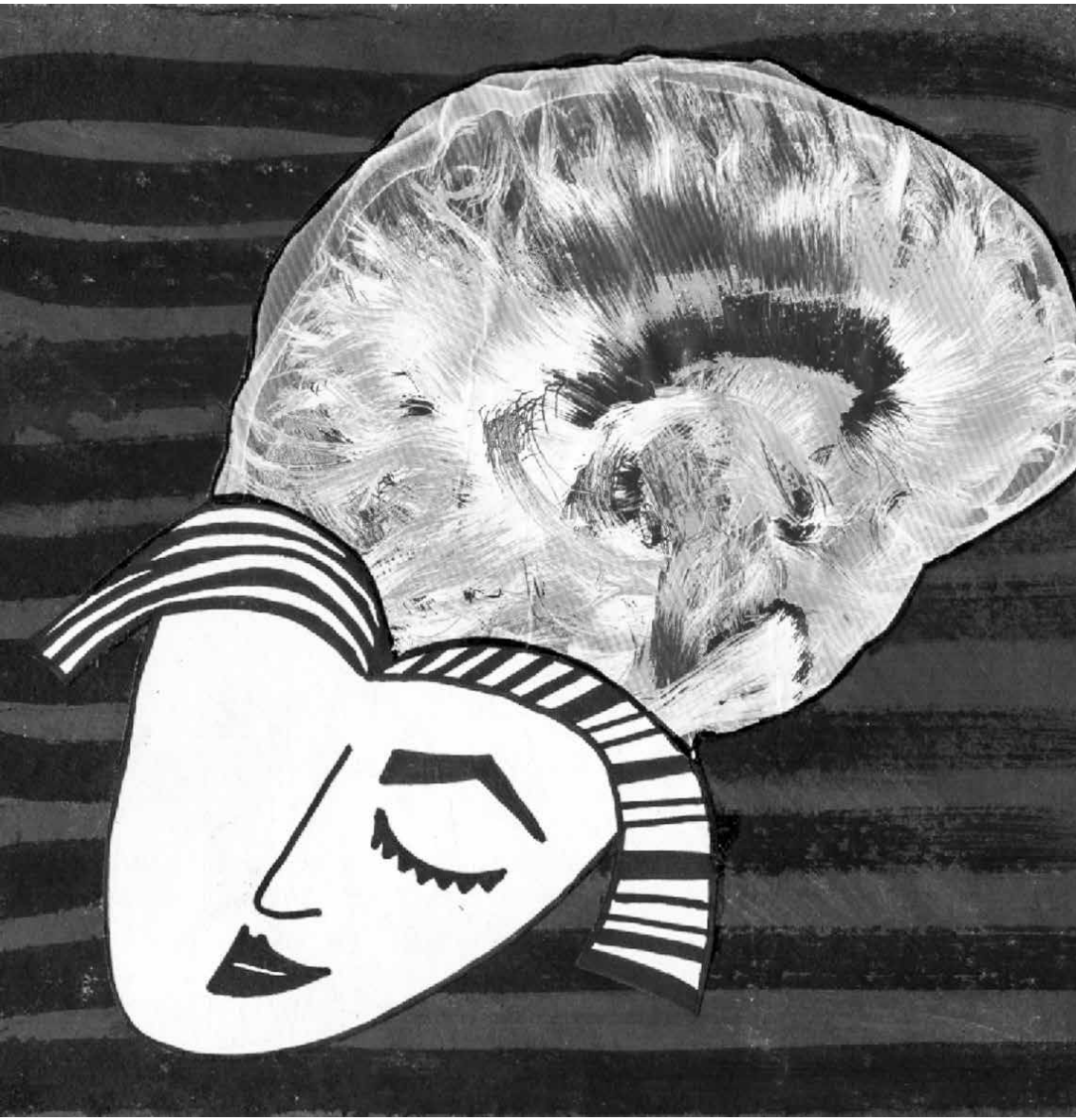
Urutaí (Goiás), 15 de abril de 2013.

(1) Desde 1850, a partir da "Lei da Terra", é possível comprar terras no Brasil. Antes disso, as terras eram propriedade do rei de Portugal e, depois de 1824, do imperador do Brasil. A Lei da Terra faz distinção entre "propriedade" (bens adquiridos) e "posse" (licença para uso da terra, com ou sem os documentos comprobatórios). Os "posseiros" são pequenos agricultores, que exercem esse direito de uso sem ter a documentação. Os "grileiros" também invocam essa lei e, frequentemente, expulsam posseiros que, por vezes, já vivem e trabalham naquele pedaço de terra há muitas gerações. A palavra *grileiro* é derivada da palavra *grilo*. Os grileiros tentam provar, com documentos, que as terras que eles ocupam ilegalmente (muitas vezes, milhares de hectares) foram compradas legalmente há muito tempo. Os papéis são envelhecidos "artificialmente": são enterrados no chão ou dados como alimento para grilos. Ainda que os documentos sejam recentes, graças ao "processo de envelhecimento" eles parecem antigos e autênticos. Muitas vezes, eles apenas ocupam terras da União ou dos estados só para ver o que acontece. Frequentemente, nada acontece. Assim fica fácil adquirir a posse de vastas extensões de terras. Já quando são pequenos agricultores e agricultores sem-terra que ocupam as áreas, a polícia chega rapidamente.

(2) Veja: www.vilt.be/Landtoegang_is_cruciaal_in_strijd_tegen_armoede [Acesso à terra é crucial na luta contra a pobreza]. Veja também: www.vilt.be/Landbouw_wereldwijd_bedreigd_door_bodemdegradatie [A agricultura mundial está ameaçada pela degradação do solo]. Sobre resistência e organização a partir de movimentos sociais e ONGs: www.landcoalition.org/fr/news/d%C3%A9claration-des-membres-de-l%E2%80%99ilc

(3) Veja: www.clubofmozambique.com/solutions1/sitemap.php. Acesse também: www.ejolt.org/wordpress/wp-content/uploads/2012/12/Firoze__Devlin-Kyek-1_Mix.mp3

34 Ciência a serviço da sociedade?



Ilustrador: Francisco Wille

O ano de 1973 foi o da primeira crise do petróleo e do grande "roubo de cereais" (1). Devido a quebras de safra no Vale do Mississippi (EUA), houve uma escassez súbita de soja, milho e trigo no mercado mundial. Coincidência ou não, foi nesse ano que surgiu a Embrapa (2). Isso foi 40 anos atrás, portanto, e não pudemos deixar de notá-la.

Ciência a serviço de qual modelo agrícola?

A Embrapa é um pássaro com duas asas muito desiguais: uma asa gigante, a serviço do agronegócio, e uma pequena asa para apoiar a agricultura camponesa.

Na edição de abril de sua própria revista, percebe-se concretamente a desproporção entre as asas. Há um pequeno – mas interessante – artigo sobre os ribeirinhos da Amazônia e seus conhecimentos da biodiversidade. Por outro lado, há um artigo muito mais extenso sobre a pesquisa da Embrapa no mundo da nanotecnologia e da biologia sintética (3).

Biodiversidade a serviço de *Homo economicus*

Neste segundo artigo, o pesquisador Elíbio Rech discorre sobre a enorme biodiversidade do Brasil, mas somente a partir de sua função para o homem. Trata-se de antropocentrismo no superlativo. Tudo a serviço do ser humano. A biodiversidade deste planeta tem valor em si, mas somente se ela puder ser útil para as pessoas e, especialmente, para aumentar a expansão econômica do Brasil. É claro que, na Europa, a mesma atitude prevalece para a maioria dos cientistas. Só que a Europa não conta com uma biodiversidade tão rica. É por isso que há empresas europeias, americanas e japonesas à espreita para roubar genes do Hemisfério Sul e patenteá-los.

Genes de três aranhas brasileiras no algodão

Os pesquisadores da Embrapa, juntamente com os da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Brasília (UnB) e do Instituto Butantã, trabalham juntos para produzir em laboratório, por meio de biologia sintética, as teias de aranha de três aranhas brasileiras (uma da Mata Atlântica, uma da Amazônia e uma do Cerrado). Isso porque os fios das teias das aranhas são tão resistentes que eles podem aguentar quatro vezes o peso da própria aranha. Uma aplicação, na qual estão trabalhando atualmente, é inserir genes das aranhas em algodão, de modo que essas fibras sejam quatro vezes mais resistentes.

E por que, afinal? A multiplicidade de vida em nosso planeta já assegurou, milhares de anos atrás, a existência do cânhamo. A fibra dessa espécie já é utilizada há 6 mil anos. A fibra é quatro vezes mais resistente do que a de algodão. Além disso, o cultivo de cânhamo para fins industriais aumenta a biodiversidade, enquanto o cultivo do algodão a reduz. O cânhamo não requer agrotóxico, enquanto 26% de todos os inseticidas do mundo são destinados à cultura do algodão. É claro que não se pretende passar da "monocultura do algodão" para a "monocultura do cânhamo". Isso daria no mesmo, embora, com mais cânhamo e menos algodão, certamente seriam utilizados menos agrotóxicos.

"Bio"fábricas

Os pesquisadores vão ainda mais longe. A produção das teias em laboratórios é um fato. A questão agora é, o mais rápido possível, produzi-las em massa e comercializá-las. A Embrapa pesquisa, agora, a possibilidade de utilizar plantas, microrganismos e animais geneticamente modificados como "bio"fábricas para esses fios. Parece que a soja – sempre a soja – se saiu bem nos testes. A soja geneticamente manipulada Roundup

Ready, da Monsanto, pode sofrer mais algumas manipulações para produzir fibras resistentes. O Ministério da Defesa já está interessado! Para "acompanhar" a Revolução Verde, como fizeram nas décadas de 1960 e 1970, durante a ditadura militar?

Pode ser mera coincidência, mas um minuto de busca na internet mostra que o cientista Rech, o "doutor soja", tem uma boa amizade com os centros de decisão de Monsanto e de sua concorrente BASF. No debate sobre se os agricultores brasileiros ainda terão de pagar *royalties* à Monsanto após dez anos, ele sempre defende esse gigante da indústria química. É que se os *royalties* não fossem mais pagos, a Embrapa correria o risco perder de 5 a 10 milhões de dólares para a pesquisa em engenharia genética (6).

Sinergia das multinacionais

Nem uma palavra é dita sobre os interesses (geopolíticos e macroeconômicos) e a sinergia das multinacionais nas aplicações da nanotecnologia (BASF, Bayer, Monsanto, Pfizer, Syngenta, Nestlé, Kraft, Unilever...) e na biologia sintética (Shell, BP, Marathon Oil, Chevron, ADM, Cargill, Bunge, Louis Dreyfus, Monsanto, Syngenta, Dupont, Dow, BASF, Merck, Pfizer, Bristol Myers Squibb, General Motors, Procter&Gamble, Marubeni, Amyris, Athenix, Codexis, Coskata, Genencor, Genomatica, Gevo, LS9, Masoma, Metabolix, Novozymes, Solazyme, Synthetic Genomics, Verenium etc.)

Última frase do artigo: "Nós vamos agregar valor à biodiversidade nacional."

Obrigado. Quem sabe também poderia pensar em parar a destruição dessa mesma biodiversidade. A produção de soja Roundup Ready, com fibras para a indústria e para os militares, fará com que o Cerrado e outros ecossistemas desapareçam mais rapidamente.

Eu continuo a achar estranho que, desde 1996, ocorre um feroz debate internacional sobre os perigos da engenharia genética, mas que poucos estão preocupados com a tecnologia ainda mais radical e concentradora de poder, que está se concretizando. "Nanotecnologia e biologia sintética, nós não sabíamos disso."

Rio Pomba (Minas Gerais), 17 de abril de 2013.
Dia Internacional da Luta Camponesa.

(1) Veja *Ração animal, uma história de interdependência*, em *Brasil-Europa em fragmentos?* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, Curitiba, 2010).

(2) Veja: www.embrapa.br

(3) Sobre nanotecnologia: centroecologico.org.br/novastecnologias/novastecnologias_1.pdf

(4) Sobre biologia sintética: www.centroecologico.org.br; www.etcgroup.org

(5) Veja também a crônica *Neoquímica, compromisso com a vida*, em *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2012).

(6) Veja: www.nature.com/news/monsanto-may-lose-gm-soya-royalties-throughout-brazil-1.10837

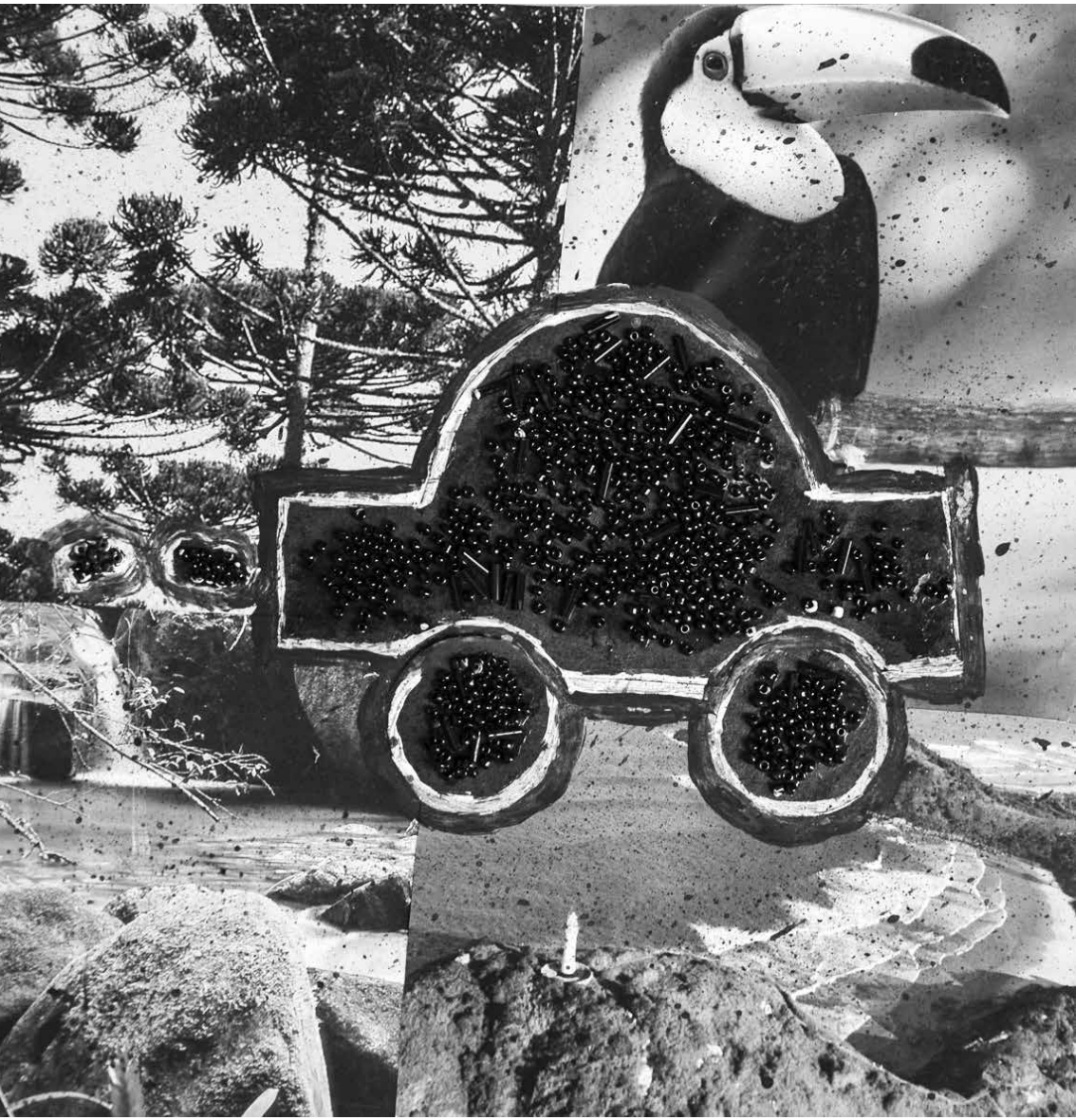
www.monsanto.com/improvingagriculture/Pages/how-are-we-doing-it.aspx

www.zoominfo.com/#!search/profile/person?personId=153655578&targetid=profile

www.myhealthwire.com/news/food/119

Um livro interessante, em alemão, que revela o trabalho de *lobby* da indústria de biotecnologia, tanto na União Europeia quanto no Brasil: *Agro-Gentechnik: Die Saat des Bösen. Die schleichende Vergiftung von Böden und Nahrung*. (Lahnstein, Alemanha: Emu-Verlags, 2008). A obra foi editada no Brasil com o título *Transgênicos: as sementes do mal. A silenciosa contaminação dos solos e alimentos* (São Paulo: Expressão Popular, 2008; 2012).

35 “Rei Carro”, o caçador de recursos naturais



Ilustradora: Ana Paula de Oliveira Ruiz

Há anos Wervel fala do "Rei Carro" e do "Imperador Presunto": os dois símbolos máximos da nossa sociedade ocidental. E com a explosão do tráfego aéreo internacional, talvez devêssemos acrescentar algum dia a "Rainha Aeronave".

Símbolos ocidentais globalizados

Os símbolos são agora democratizados e globalizados. Por ora, vamos nos ater ao carro. Além do fato de a fabricação de um carro consumir mais energia do que a que ele utilizará durante sua vida útil, ele é também – e principalmente – um devorador de recursos naturais. Tradicionalmente, esses recursos naturais são fornecidos pelo Hemisfério Sul para o Norte. Até hoje, ainda é fato que a União Europeia reivindica matérias-primas da África e de outras regiões, mas agora o próprio Hemisfério Sul está começando a fazer uso dos carros massivamente.

Os brasileiros gostam de engarrafamentos?

Tomemos, por exemplo, o Brasil. Devido a algumas intervenções do governo Lula (menos imposto sobre a compra do carro, facilidade de crédito), todos os dias milhões de brasileiros passam horas em engarrafamentos. Há cinco anos você ainda conseguia se deslocar facilmente em uma cidade como Goiânia. Agora você fica constantemente parado. Em Florianópolis, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília não é diferente. Brasília que, desde o início, era uma cidade futurista, foi integralmente projetada para o carro. Recentemente, participei de uma reunião realizada na casa de uma família de classe média com três filhos. No total, havia cinco carros. Cada um tinha seu

próprio carro particular. No entanto, a noite era para tratar de "outra sociedade". Eu não sabia para onde olhar primeiro. "Outra sociedade?" Será que não deveríamos, primeiramente, lidar de modo diferente com os nossos símbolos?

Em São Paulo se tenta combater os engarrafamentos com o rodízio: um dia podem circular os veículos com determinadas placas; nos dias seguintes, os demais. Resultado: cada família de classe média tem, pelo menos, dois carros. Engarrafamento total assegurado. Felizmente, há um bom sistema de metrô.

De alumínio a zircônio

Como vamos suportar isso nos próximos anos? A Europa copiou o "modo de vida americano" e, agora, o resto do mundo copia o "modo de vida americano-europeu".

Os carros consomem cada vez mais materiais, tanto em volume quanto em diversidade. Quantos materiais? Isso os fabricantes mantêm em segredo. Eles nunca contam tudo, de "a" (alumínio) a "z" (zircônio), de que seus carros são feitos. Raf Custers fez muita pesquisa e lançou seu livro revelador, *Caçadores de recursos naturais* (1).

Um carro médio contém cerca de uma tonelada de ferro/aço e mais de cem quilos de alumínio. A tendência mais notável é para o cobre. Os carros modernos estão cheios de cobre. Atualmente, há um quilômetro e meio de cobre em um carro. Isso é 30 vezes mais do que em um carro da década de 1940. Além disso, ainda é possível encontrar muito cobre em motores e geradores elétricos, em baterias para carros "verdes". O cobre vem, entre outros, da Zâmbia e do Congo.

Metais terrosos raros

Há mais de uma dúzia de minerais e metais comuns em um carro, mas se você computar os materiais mais raros, chega-se facilmente a 60 componentes. São especialmente matérias-primas não renováveis de origem mineral. Sobre os metais terrosos raros, sabe-se que podem ser encontrados principalmente na China. Como "fábrica do mundo", a própria China precisa desses metais terrosos e, recentemente, pisou fortemente no freio sobre as exportações dessas *commodities*. Será que isso vai parar a produção de automóveis, telefones celulares e computadores num futuro próximo? Ou será que a reciclagem que está começando em multinacionais como Umicore se tornará uma nova forma de mineração?

Os estoques de matérias-primas na crosta terrestre são finitos. Portanto, é preciso utilizá-los com extrema moderação. Gradualmente, a reciclagem está sendo iniciada, mas esses estoques ainda provêm, geralmente, das clássicas minas primárias. Essas minas se localizam fora da Bélgica e, para a maioria dos minerais, fora da Europa também (2).

Agricultura, mineração, espoliação

As mudanças estão ocorrendo devido ao comportamento imitador do Sul; porém, até agora, metade de todo o petróleo produzido e outros minerais serão absorvidos pelas economias e indústrias ocidentais (os assim chamados países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE). O rico Hemisfério Norte ainda consome a maior parte das matérias-primas, mas essas são produzidas no Sul.

No Sul, a exploração é feita principalmente por empresas ocidentais. Para elas, o negócio é muito lucrativo, com um retorno total sobre o investimento de 39% para as dez maiores empresas de mineração ao longo da última década. Em troca, o Sul recebe muito pouco. É que, localmente, as empresas ocidentais não promovem desenvolvimento. Ao contrário, para garantir seus interesses e os de seus proprietários/acionistas, eles dificultam esse desenvolvimento. É comparável à invasão das monoculturas de soja ou de eucalipto. Elas também mal criam trabalho nas regiões que ocupam. Afinal, trata-se da mesma atitude básica de roubo: agricultura e silvicultura na forma de mineração primária.

Mais e mais países da África e em outras partes do Sul reivindicam a sua parte nos lucros. Quando o fazem, são acusados de praticarem a "nacionalização de recursos naturais". Eles seriam egoístas, afugentam os investidores e se excluem da economia global.

Quem é egoísta?

Em princípio, esses países devem poder dispor de suas próprias riquezas naturais. Na prática, esses direitos são limitados em benefício de e pelos interesses ocidentais. Os "egoístas" são ameaçados por empresas e bancos, como Barclays, BlackRock e De Beers. Não são empresas insignificantes. O Fundo Monetário Internacional adia o cancelamento de dívidas para os países que não "andam na linha". São inúmeros os exemplos de *lobbies* de empresas, de credores internacionais e dos assim chamados "parceiros comerciais" que atuam contra a soberania.

A Europa enfrenta um dilema. No nosso continente, as fábricas necessitam das matérias-primas, mas os países de onde elas vêm que-

rem utilizá-las para seu próprio desenvolvimento. Isso é o seu pleno direito. A África concluiu que os recursos naturais são o núcleo da continuidade de seu desenvolvimento. Já em 2009, essa visão foi colocada no papel e está sendo absorvida por todos os governos, ainda que seja pouco conhecida na Europa.

A Comissão Europeia se posiciona agressivamente. Ela exige que a Europa deva ter livre acesso – sempre e em todos os lugares – a recursos naturais (= matérias-primas), independentemente das consequências para os países do Hemisfério Sul. Essa política de poder, no entanto, é míope e insustentável.

Quem vai fazer a comparação com caça de terras e de biomassa na África? (3) Cana-de-açúcar para etanol e soja para biodiesel/ração animal em mais de 11 países africanos. Ou: como o "Rei Carro", a "Rainha Aeronave" e o "Imperador Presunto" se encontram na África?

Tínhamos conhecimento disso ou nós não sabíamos?

Rio de Janeiro, 19 de abril de 2013.
Dia Nacional do Índio (4).

(1) Raf Custers, *Grondstoffenjagers* [Caçadores de recursos naturais], EPO, 2013.

(2) Veja: www.catapa.be: um movimento interessante, no qual muitos voluntários trabalham em torno dos efeitos da extração de minérios no Hemisfério Sul destinados às indústrias no Norte.

(3) Veja: *Chineses vêm, brasileiros vão (a invasão de soja em Moçambique e outros países africanos)*, em *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Gráfica Popular/ Cefuria, 2012).

(4) Muitos povos indígenas estão sob forte pressão por causa da mineração-sob-forma-de-agricultura. Justamente hoje, uma descoberta excepcional é notícia

importante. Em 1967, durante a ditadura militar, o procurador Jader de Figueiredo Correia fez uma ampla investigação sobre a violência e o genocídio dos povos indígenas. Ele chegou a conclusões impressionantes, que foram apresentadas em mais de 7 mil páginas ao tribunal. Os documentos desapareceram. Os culpados, funcionários públicos do então governo e fazendeiros, nunca foram punidos. Durante 45 anos, acreditava-se que o documento explosivo tinha sido queimado em um incêndio no Ministério da Agricultura. Ele agora foi reencontrado quase intacto no Museu do Índio, o museu que recentemente chegou às manchetes internacionais por causa da expulsão dos indígenas, em preparação para a Copa do Mundo FIFA, em 2014. É um espelho sujo para o supostamente não racista Brasil. O filho do misteriosamente acidentado procurador suspira: "Os brasileiros apreciam a violência dos caubóis do Velho Oeste em filmes de Hollywood. O que aconteceu com os índios na América do Norte é café pequeno em comparação com o que aconteceu aqui. Lá as pessoas eram mortas, aqui foi um verdadeiro genocídio. Nazista. Hitleriano."

36 Química e obesidade?

Ilustradora: Adriane Valentim do Amaral Smaka

Quem viaja pelo Brasil encontra mais e mais pessoas com problemas de obesidade. É uma verdadeira epidemia, não só nos Estados Unidos, mas também na China, na África e no Brasil.

Ao longo dos anos, muitas foram as teorias para esclarecer o fenômeno. Uma que me parecia muito plausível é a relação entre o consumo excessivo de refrigerantes com xarope feito a partir do milho. Um americano de origem francesa, William Reymond, publicou um livro interessante sobre o assunto (1).

Obesogênico

Uma nova e alarmante pesquisa vem de Bruce Blumberg, biólogo do desenvolvimento na Universidade da Califórnia, em Irvine, que também formulou uma tese. Em um artigo de 2006, ele cunhou pela primeira vez o termo "obesogênico". Inicialmente, sua descoberta foi altamente controversa, mas agora é confirmada por mais e mais estudos. Trata-se dos assim chamados "perturbadores hormonais". Eles perturbam a sintonia do corpo. Inicialmente, a principal preocupação era que eles poderiam causar câncer e desvios nos órgãos sexuais. Essas preocupações permanecem, mas agora são 20 produtos químicos que causam obesidade: substâncias em plásticos, em alimentos enlatados, em produtos químicos agrícolas, na espuma de colchões e em querosene. Um estudo trata, por exemplo, de triflumizole, um fungicida muito utilizado na horticultura. Ele gera obesidade em camundongos.

As mulheres grávidas e as crianças

Um novo estudo publicado na revista *Environmental Health Perspectives* [Perspectivas da Saúde Ambiental] sugere que perturbadores

hormonais às vezes podem ser adicionados em produtos de PVC. Em camundongos, eles provocam problemas de obesidade e no fígado. O efeito se propaga de geração em geração nesses animais. Outro estudo descobriu que as mulheres com resíduos de agrotóxicos no sangue dão à luz bebês que, após 14 meses, tendem a estar acima do peso. É de conhecimento geral que a exposição a várias substâncias tem seu maior impacto durante a gravidez e na puberdade.

O emblema da indústria de rações europeia: Lucas do Rio Verde

Precisamente, este é o tema central do DVD (2) que usei durante esta turnê. No ano passado, recebi um telefonema do cineasta holandês Wiek Lenssen. Ele precisava fazer, com urgência, um filme sobre soja e a interdependência da pecuária holandesa com a monocultura de soja no Brasil. Resposta: "A soja acabou de ser colhida. No momento, seu projeto é impossível."

Mesmo assim, Wiek foi para Mato Grosso e fez três curtas-metragens sobre "soja, sem soja". Você é confrontado, principalmente, com desertos que, poucas semanas atrás, estavam cobertos com o "ouro verde". O primeiro curta é sobre o que acontece com os guaranis, enxotados pela soja. O segundo trata dos inúmeros resíduos de agrotóxicos no sangue de mulheres grávidas. A terceira contribuição dá a palavra aos pequenos agricultores, que tentam praticar a agricultura orgânica no contexto da envenenada Lucas do Rio Verde. Para o segundo curta, ele conversou com o professor Pignati, da Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá). O professor Pignati realizou, em Lucas do Rio Verde, uma pesquisa convincente sobre o impacto negativo do excessivo uso de agrotóxicos na produção de soja. É interessante o que o homem revela, pois esse município é justamente o emblema da soja "responsável" na Europa.

Comovente debate na TV

Durante um concorrido debate na TV (3) na Floriade, em Venlo, os três curtas-metragens foram apresentados. Além de representantes do setor de alimentação animal, dos sindicatos de agricultores, ambientalistas e consumidores, os brasileiros que aparecem no filme também estavam presentes: Genito Kaiowá, guarani; Nilfo Wandscheer, um pequeno agricultor brasileiro, e Giba Vieira dos Santos, da ONG brasileira Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Juntamente com o representante de Wervel, eles travaram um debate com a indústria holandesa de alimentação animal e de carne. Foi uma experiência inesquecível para todos. Legal! Mas, também, cheia de emoção contida.

Estou muito curioso para saber se o *lobby* da Mesa-Redonda sobre Soja Responsável vai querer enfrentar essas verdades. Em textos e discursos, Wervel (4) tenta, há anos, desmistificar essa grande mentira. Talvez imagens com o depoimento das vítimas tenham mais impacto.

Comprem alimentos orgânicos

A revista *Scientific American* (5) perguntou recentemente quais médicos fariam mais esforços para alertar gestantes sobre certos produtos químicos. A pesquisa mostra que apenas 19% dos médicos destacam o perigo de agrotóxicos para as mulheres grávidas, 8% destacam BPA (um perturbador hormonal em alguns plásticos) e apenas 5% falam de ftalatos (encontrado em cosméticos e xampus). O pioneiro dr. Blumberg recomenda enfaticamente que as pessoas comprem alimentos orgânicos, para prevenir os riscos de perturbação hormonal. Isso se aplica especialmente às mulheres grávidas e às crianças. E ele acrescenta: "Evite plásticos para armazenar alimentos ou água."

Durante décadas, o *lobby* da indústria do tabaco conseguiu bloquear as informações sobre os perigos de fumar e evitar a proibição do cigarro em áreas públicas. Quantas décadas serão necessárias para desmistificar as mentiras mortais da indústria química?

Rio de Janeiro, 22 de abril de 2013.

(1) REYMOND, William. *Giftig. Zwaarlijvigheid, ongezonde voeding, ziekten: onderzoek naar de ware schuldigen* [Tóxico. Obesidade, junk food, doenças: investigando os verdadeiros culpados]. Breda, Holanda: De Geus, 2008. Veja também: REYMOND, William. *Coca-Cola: a investigação proibida*. Lisboa: Plátano, 2007.

(2) 1. *Posseiros da terra*: vimeo.com/user13714409/review/60578395/29001226d2 [em português]

2. *Grãos batizados*: vimeo.com/user13714409/review/60597051/03e3f073f4 [em português]

3. *Pequenos agricultores*: vimeo.com/user13714409/review/60634491/73257800cb [em português]

(3) O debate de 1º de outubro de 2012 foi ao ar no dia 21 de marco de 2013, na TV Limburg, e pode ser lido em: www.behouddeparel.nl/cms/?q=node/3274. Um documentário sobre o tema está sendo preparado. O título provisório é *Het duurzame varken* [O porco sustentável] e será disponibilizado em: wieklenssenfilm.nl/?page_id=114

(4) Veja: www.wervel.be/soja

(5) As informações vêm, entre outras, de Nicholas D. Kristof: twitter.com/NickKristof

37 O círculo está completo: manteiga francesa no Rio

Ilustradora: Ana Vitória do Amaral Smaka

Por causa da busca por conquistas de Napoleão, a família real portuguesa fugiu no início do século XIX para o Rio de Janeiro. Navios britânicos providenciaram a partida e uma travessia segura. Por esse "serviço", muito ouro brasileiro fluiu para a Inglaterra.

Paris: Cidade das Luzes até no Brasil

Ainda assim, no século XIX não havia ressentimento contra a França, a língua francesa e a cultura francesa. Pelo contrário, Paris era um farol para a elite brasileira. Francês era chique e também o idioma utilizado nas conversas, um pouco semelhante àquilo que acontecia no início do século XX, em Flandres, região da Bélgica onde se fala o neerlandês.

A Coroa Portuguesa a passou para os dois imperadores brasileiros, no século XIX. A língua e a cultura francesa não eram estranhas para eles.

Agora, a China determina o mercado de luxo

Até a década de 1990, os brasileiros ricos precisavam ir a Londres e a Paris para comprar os artigos de luxo que combinam com seus *status*. Desde o início do século XXI, você encontra em São Paulo lojas mais caras do que na Europa. Ou seja, eles não precisam mais viajar de avião para suprir as suas necessidades urgentes. Um helicóptero particular é suficiente para se deslocar em São Paulo. A Europa continua sendo uma referência e o Velho Continente ainda é visitado regularmente. Mas os brasileiros estão sofrendo forte concorrência das classes média e alta da China. Um estudo recente da Ban & Companhia mostra que um em cada quatro produtos de luxo em todo o mundo, e praticamente um terço dos bens de luxo produzidos na Europa, são vendidos

para um consumidor chinês. McKinsey & Company informa que dois terços dos consumidores de luxo na China continental viajam para o exterior para fazer suas compras – em parte, para contornar o imposto chinês de 37% sobre mercadorias de luxo. Em 2005, a Organização Mundial do Turismo previu que, por volta de 2020, haveria cerca de 100 milhões de turistas chineses. No entanto, em 2012, cerca de 80 milhões de chineses viajaram para o exterior. O número de 100 milhões será alcançado muito mais rapidamente. De qualquer modo, são muito mais consumidores do que o Brasil poderá enviar algum dia.

"President"

Não apenas roupas ou perfumes se tornaram onipresentes. Nos supermercados do Rio de Janeiro, agora se faz promoção para "President". Você sabe, aquela "manteiga boa", que você encontra em qualquer hotel europeu que se preze...

Porém, em minha opinião, é um mundo um pouco doido: vacas francesas que precisam se alimentar de soja vinda de Lucas do Rio Verde. Florestas que foram destruídas, aviões para pulverizar veneno sobre o ouro verde. Os povos indígenas e os pequenos agricultores que são expulsos e envenenados lentamente (1). Um caminhão que, até chegar ao porto de Paranaguá, percorre 2.450 km emitindo CO_2 e fuligem. Navios que transportam a soja para a região da Bretanha, na França. Vacas holandesas que convertem grama, soja e milho em leite. Leite que é convertido em manteiga. Navios-frigoríficos que transportam "President" para o Brasil. Quem sabe, de vez em quando, um avião. Supermercados que promovem a manteiga francesa em detrimento da manteiga brasileira...

Vocês estão comendo o nosso Cerrado

A professora Irene Cardoso, recentemente, exclamou em Wageningen: "Vocês, holandeses, estão comendo o nosso Cerrado e bebendo a nossa Mata Atlântica." E também: "Nós não precisamos de soja. Vocês precisam dela." Ela explicou que 46% de toda a soja produzida no Cerrado brasileiro vai para a Holanda. Com ela são alimentadas, entre outras, as vacas. O queijo resultante vai parar nos supermercados brasileiros, enquanto os queijos brasileiros de leite cru não podem ser comercializados. Cerca de 80% do suco de laranja também vai para a Holanda e para a Bélgica.

É por isso que Irene defende outra agricultura, diferente daquela pela qual a maioria dos seus colegas em Wageningen é conhecida. Ela é professora de ciências do solo na Universidade Federal de Viçosa (Minas Gerais) e vice-presidente da Associação Brasileira de Agroecologia. Ela dá assistência técnica a agricultores com projetos agroflorestais interessantes na Mata Atlântica (ou o que ainda resta da Mata Atlântica na costa brasileira).

Celulose para os nossos lenços descartáveis

A manteiga "President", no Rio de Janeiro, desperta a imaginação, mas será que outras cenas no comércio mundial são mais normais (?): leite em pó de vacas europeias alimentadas com soja brasileira para o Senegal (2); coxas de frango holandês e brasileiro em Camarões (3); o etanol de cana-de-açúcar do Mato Grosso do Sul para os carros "verdes" em Bruxelas (4); reflorestamentos de eucalipto na Bahia para celulose destinada a consumidores europeus (5); peras de Flandres para a China (ainda não há um filme sobre isso!); soja de fazendeiros brasileiros em Moçambique para suínos na China (deve ser registrado em filme urgentemente) etc.

E, assim, você já tem uma lista dos filmes que usamos durantes as viagens pelo Brasil.

Rio de Janeiro, 23 de abril de 2013.

(1) Três curtas-metragens de Wiek Lenssens (www.wieklenssenfilm.nl) sobre a interdependência da soja brasileira e da carne na Holanda. Os *links* se encontram na crônica anterior, *Química e obesidade?*, neste mesmo livro.

(2) *A vaca 80 tem um problema*, um DVD das ONGs Vredeseilanden, Wervel, Oxfam-Solidariedade e parceiros estrangeiros (em cinco idiomas).

(3) *Anomalia aviária*, um filme de ONGs europeias ligadas a igrejas evangélicas.

(4) *À sombra de um delírio verde*, um filme de An Baccaert sobre a produção de etanol e a situação dos guaranis no Mato Grosso do Sul.

(5) *Sustentável no papel*, um filme de An-Katrien Lecluyse e Leo Broers sobre eucalipto no Brasil para o mercado europeu.

O cânhamo demonstra que há futuro para a agricultura no Norte e no Sul

Patrick De Ceuster

Wervel possui uma revista e vários boletins eletrônicos. Os temas são:

- transição de proteínas;
- agrossilvicultura e agroecologia;
- política agrícola;
- comércio local justo;
- campanha pró-cânhamo.

Após a decisão política sobre a utilização de cânhamo no Uruguai, Wervel fez circular em Flandres [Bélgica] e na Holanda a seguinte notícia para a imprensa. O texto foi traduzido para o português e distribuído pelas nossas redes no Brasil. O texto foi bem recebido por vários grupos.

Na semana passada, o Uruguai foi notícia porque o parlamento aprovou o projeto de lei que legaliza a *Cannabis*. A imprensa internacional, prontamente, classificou o Uruguai como um país que liberou as drogas, embora o avanço legal também tenha tornado possível o cultivo de *Cannabis* isenta de substância alucinógena, o que vem sendo pleiteado pela Latin America Hemp Trading (LAHT) [Grupo de promoção de cânhamo para fins industriais] há seis anos. O cultivo de cânhamo industrial abre o caminho para alimentos e materiais sustentáveis na América Latina.

Não, *Cannabis* isenta de substância alucinógena não é como a cerveja sem álcool. É uma das possíveis soluções para a crise na agricultura em todo o mundo.

A agricultura ocidental evoluiu para o cultivo em larga escala de um pequeno número de culturas, que são controladas por poucas empresas de grande

porte. Essas empresas não recuam diante do desmatamento de áreas naturais, de desocupações violentas, de se infiltrar em governos, de envenenar a circunvizinhança com Roundup e manipulação genética de sementes para obter o controle absoluto da produção de alimentos. A soja transgênica da América Latina destinada ao nosso gado é um claro exemplo disso.

Há anos Wervel pleiteia que, também aqui na Europa, sejam cultivadas espécies ricas em proteínas e que elas sejam utilizadas com mais inteligência. De acordo com os nossos cálculos, isso é possível mesmo com a nossa limitada área de terras agrícolas e sem que tenhamos de deixar de consumir carne. O hábito passaria a ser uma vez por semana: ou seja, "domingo, dia de carne". O cânhamo é uma fonte local de proteína e ainda é muito pouco conhecido. Essa planta pode substituir a soja na alimentação animal, mas seria mais inteligente se nós mesmos consumíssemos as sementes. A cada ano, aumenta a gama de produtos alimentares que contêm cânhamo.

Também do outro lado do oceano, a LAHT já pleiteia, há anos, a legalização do cânhamo. Os empresários da América Latina visualizam o fim da história da soja para a pecuária em larga escala. Eles veem o cânhamo como uma alternativa socioeconômica: o cultivo exige menos fertilizantes, pode se desenvolver sem agrotóxicos e rende mais. Além das sementes ricas em proteínas, o cânhamo produz palha e fibras de alta qualidade. Por meio de aplicações inovadoras, esses produtos podem ser utilizados em materiais para construções não passivas, ou seja, materiais que armazenam CO_2, ao invés de emiti-lo.

O jornal uruguaio *El Observador* noticia hoje que "especialistas indicam o Uruguai como possível líder no uso de *Cannabis* industrial". O jornal cita Don Wirtshafter, que cultiva e processa cânhamo no Canadá. Ele vê muitas oportunidades para o cultivo de cânhamo no Uruguai, bem como para o desenvolvimento de variedades que permitem duas colheitas por ano. Juan Vaz, da organização Planta tu Planta, diz que o uso recreativo de *Cannabis* "não é a melhor

nem a mais importante aplicação". Ele conclui: "*Cannabis* tem aplicações em têxteis e até bioplásticos, passando por melhoramento do solo."

Site da campanha "Dá para ser com *Cannabis*?": www.kannabis.be

Contato para imprensa:
Patrick De Ceuster, Wervel
[Grupo de trabalho por uma agricultura justa e responsável]
patrick@wervel.be
Endereço: Mundo B, Edinburgstraat 26, B-1050 Bruxelas, Bélgica;
www.mundo-b.be
Telefone: (0032) (2) 893 09 60

Epílogo

Uma visão holística de uma realidade repicada

Vera Dua

No livro *Soja: tesouro ou tesoura?* somos levados para o Brasil por seu autor, Luc Vankrunkelsven, e ele utiliza essa viagem literária para ilustrar as consequências nefastas de nosso sistema agrícola e alimentar com base em fatos concretos. Há anos Luc viaja por este vasto país sul-americano, não como um turista, mas como um observador atento que – a partir de uma visão holística – interpreta a realidade brasileira para nós. Ele consegue, como nenhum outro, situar a história e a vida dos brasileiros no contexto da crise global que estamos vivenciando. Seu coração vai principalmente para os agricultores e, junto com eles, observa as consequências da extensa intensificação do sistema agrícola.

Commodities repicadas

O foco unilateral na produção de *commodities* parece uma história de sucesso econômico. Isso garantiu que o Brasil assumisse a posição de maior exportador mundial de soja, café, açúcar, suco de laranja concentrado e que o país esteja entre os três primeiros na exportação de cacau, milho, feijão e carne. Mas esse aparente sucesso tem um lado negativo devastador.

A busca por terras para a produção dessas culturas para exportação faz com que a terra fértil seja subtraída da produção direta de alimentos e que florestas valiosas desapareçam de forma irreversível.

Nos últimos 15 anos, a área agrícola aumentou em 30% às custas da Floresta Amazônica, o maior pulmão verde do mundo, e do Cerrado. A Agricultura Familiar no Brasil ainda representa 84% das propriedades, mas tem à sua disposição apenas 25% das terras agrícolas. Os pequenos agricultores estão sob forte pressão e a pobreza na área rural continua a ser um enorme problema.

Isso tudo também tem a ver com nós, europeus. Graças à importação maciça de soja como ração animal, nós, no Ocidente, conseguimos manter nosso elevado consumo de carne e, assim, impedimos que as terras agrícolas no Sul sejam utilizadas para a produção local de alimentos. A mesma história se aplica também aos biocombustíveis, às plantações de eucalipto e a outros produtos de exportação.

Equilíbrios repicados

O Brasil é um excelente exemplo de como a Revolução Verde da década de 1960 fracassou completamente. O meio ambiente, os agricultores e os consumidores pagam um preço alto por isso. Na verdade, há muito tempo não se trata mais de produção de alimentos para a população. O setor agrícola evoluiu para um enorme produtor de matérias-primas, a serviço de um pequeno número de gigantes do setor alimentício que têm apenas uma preocupação: fazer o maior lucro possível.

A generalização de uma agricultura intensiva, em larga escala, baseada em grandes quantidades de insumos externos (fertilizantes, agrotóxicos, combustíveis fósseis), fez com que o equilíbrio do solo ficasse completamente perturbado, que o ambiente se tornasse distorcido e que, em toda parte, a biodiversidade fosse severamente pressionada.

Os números falam por si: a agricultura mundial é diretamente responsável por cerca de 15% das emissões dos gases produtores do efeito estufa e, além disso, indiretamente, por mais uns 20% em decorrência da conversão de florestas em terras agrícolas.

No plano social, o sistema alimentar global também está em crise, já que não consegue cumprir sua função mais básica, ou seja, garantir que todos tenham o suficiente para comer! Ainda existem 870 milhões de pessoas famintas no mundo e mais da metade delas são pequenos agricultores.

O outro lado da moeda é igualmente chocante: de acordo com a Organização Mundial de Saúde, há mais de 1 bilhão de pessoas que apresentam as assim chamadas "doenças da civilização", porque elas ingerem alimentos em excesso, ou alimentos muito gordurosos ou muito doces, e a quantidade de mortes prematuras causadas por uma dieta desequilibrada aumenta sistematicamente.

Transição para a recuperação

Cresce a consciência de que todo o nosso sistema agrícola deve mudar substancialmente, que uma profunda transição é necessária. Não se trata apenas de "o que", "onde" e "por quem" se cultiva. Trata-se também de segurança alimentar, de redução da pobreza e justiça social, de como evitar uma crise ecológica, dos direitos dos agricultores comuns. E se trata ainda de nós enquanto consumidores, do que comemos e de onde vêm os nossos alimentos, da nossa pegada ecológica diária. Porque, se todos na terra se alimentassem e vivessem como nós, então precisaremos de três "Terras" para manter o equilíbrio ecológico.

O mais fascinante sobre o Brasil é que o país não apenas ilustra perfeitamente como a Revolução Verde fracassou, mas também, como nenhum outro, mostra que há esperança de mudança. O Brasil tem um dos mais fortes movimentos camponeses do mundo, com centenas de milhares de membros que, cheios de energia e combatividade, lutam por métodos de produção mais sustentáveis e por justiça social.

O movimento agroecológico é muito forte por lá e apresenta alternativas que realmente melhoram a vida dos agricultores e o meio ambiente.

Tudo isso é repassado de forma fascinante e fluente para o leitor do livro de Luc Vankrunkelsven. Então, a todos que quiserem descobrir o outro lado do Brasil, que quiserem saber quais são os problemas do nosso modelo agrícola atual e que tiverem curiosidade sobre como uma transição para a agricultura agroecológica pode tomar forma, eu recomendo a leitura deste livro.

Vera Dua,
ex-ministra flamenga de Agricultura e Meio Ambiente, atual presidente da Bond Beter Leefmilieu [União por um Meio Ambiente Melhor], consultora acadêmica do Centro de Desenvolvimento Sustentável UGent [Universidade de Gent, Bélgica].

Colofão

O livro *Soja: tesouro ou tesoura?* foi lançado durante uma viagem pelo Brasil, de 18 de março a 23 de abril 2014, pela Luiz Young – Editora em parceria com Cefuria (Curitiba). Na Bélgica, o livro será publicado por Wervel (Grupo de trabalho por uma agricultura justa e responsável) em parceria com CIMIC. A primeira edição em neerlandês será lançada em Mechelen, no dia 23 de maio de 2014. O segundo lançamento será em Roeselare, no dia 30 de maio de 2014.

Ilustrações

Estamos, enquanto professores e alunos da UFPR Litoral, participando pela quarta vez como ilustradores dos livros escritos e/ou organizados por Luc Vankrunkelsven. Desde a primeira vez que fomos convidados, nos sentimos honrados em poder participar, não só pelo propósito artístico, mas também pelo significado e pela importância dos temas abordados. A cada livro, nos propusemos a diferentes experiências visuais e a novas possibilidades de inserção da comunidade, externa à Universidade, na produção das ilustrações. Neste caso especificamente, as ilustrações foram concebidas dentro de um Projeto de Extensão da UFPR Litoral denominado Laboratório de Criação e Produção Artística, coordenado pelas professoras Carla Beatriz Franco Ruschmann e Gisele Kliemann. Então, sob a orientação dessas professoras e com a participação de ilustradores de diversas idades (que variaram entre 10 e 50 anos), assim como de participantes internos e externos à universidade, as

ilustrações foram realizadas. No entanto, foram impostas algumas condições. Os ilustradores não precisavam ter qualquer experiência anterior com artes visuais; entretanto, teriam de participar de um minicurso sobre ilustrações e, após instruções e discussão sobre os temas do livro, deveriam trabalhar sobre um suporte de papel com colagens de elementos bi e tridimensionais. Após a realização das ilustrações, elas foram fotografadas e digitalmente preparadas para serem inseridas no livro. As imagens coloridas podem ser visualizadas junto com os respectivos textos em: www.motiro.org/sustentabilidade. Agradecemos novamente o convite e o crédito que nos é dado por Luc Vankrunkelsven nestes últimos anos! Esperamos poder continuar contribuindo com tão importante trabalho!

Grupo de trabalho por uma agricultura justa e responsável

Wervel é um grupo de trabalho independente. Ele procura ser um elo entre pessoas e organizações que abordam o tema agricultura e alimentação de ângulos diversos: consumidores, agricultores e agricultoras, movimentos ambientais, movimentos Norte-Sul e movimentos pacifistas.

Sobre a missão de Wervel VZW [organização sem fins lucrativos]

Wervel visa a uma agricultura que agrega valor localmente, tanto no plano ecológico quanto social e cultural, e que é solidária com o restante do mundo.

Para tanto, Wervel parte de valores universais como democracia, justiça e responsabilidade.

Wervel mobiliza consumidores, agricultores e organizações para colaborarem na formação dessa agricultura por meio de trabalho em redes, campanhas e publicações.

Ao longo de seus 24 anos de existência, Wervel teceu algumas linhas mestras, em torno das quais são realizadas ações: OMC e fluxos de proteínas, importação de soja de outros continentes e fontes alternativas de proteínas na Europa, o modelo agrícola do Cerrado brasileiro e da Europa, a problemática da produção de esterco e pecuária, engenharia genética e direito de patente sobre organismos vivos, agricultura com interação local, preços justos associados a controle da produção, a política agrícola comum (sigla em neerlandês: GLB) da União Europeia, soberania alimentar, sistemas agroflorestais, intensificação da agroecologia, terras e solos, cânhamo, Comércio Justo Local (na Europa). As ações são apoiadas por meio de estudos e publicações.

Para mais informações, consulte: www.wervel.be; www.sojaconnectie.be; www.kannabis.be; www.wervel.be/facebook; www.wervel.be/twitter; www.wervel.be/pt; www.wervel.be/cerradoameacado

E-mail: info@wervel.be (geral); luc@wervel.be (autor deste livro) • Endereço: Mundo B, Edinburgstraat 26, B-1050 Bruxelas, Bélgica • www.mundo-b.be • Telefone: (0032) (2) 893 09 60

Este livro é o 12º de Luc Vankrunkelsven, dos quais cinco foram traduzidos do neerlandês para o português.

Navios que se cruzam na calada da noite. Soja sobre o oceano. Curitiba: Editora Gráfica Popular/Cefuria, 2006.

Aurora no campo. Soja diferente. Curitiba: Editora Gráfica Popular/Cefuria, 2008.

Brasil-Europa em fragmentos? Curitiba: Editora Gráfica Popular/Cefuria, 2010.

Legal! Otimismo – Realidade – Esperança. Curitiba: Editora Gráfica Popular/Cefuria, 2012 (com apoio cultural da Caravanserai, São Paulo-SP).

Soja: tesouro ou tesoura? Curitiba: L. F. Editora e Impressos Ltda./Cefuria, 2014.